

**FTU – FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
LP: RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA

JOSÉ CHRISTOVAM DE MENDONÇA FILHO

**DIVERSIDADE SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO RELIGIOSO:  
RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES COM DEMOCRACIA,  
CIDADANIA E DIREITOS**

VITÓRIA – ES

2013

JOSÉ CHRISTOVAM MENDONCA FILHO

**DIVERSIDADE SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO RELIGIOSO:  
RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES COM DEMOCRACIA,  
CIDADANIA E DIREITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na área de Concentração: Religião e Sociedade; Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero.

VITÓRIA – ES

2013

Mendonça Filho, José Christovam de

Diversidade sexual no currículo do ensino religioso / Relações e implicações com democracia, cidadania e direitos / José Christovam de Mendonça Filho. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

xiv, 98 f. ; 31 cm.

Orientador: Júlio Paulo Tavares Zabatiero

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

Referências bibliográficas: f. 95-98

1. Ciência da religião. 2. Diversidade sexual. 3. Homofobia. 4. Ensino religioso. 5. Inclusão. 6. Homossexualidade. 7. Gêneros. 8. Orientação sexual. 9. Direitos. 10. Democracia - Tese. I. José Christovam de Mendonça Filho. II. Faculdade Unida de Vitória, 2013. III. Título.

JOSÉ CHRISTOVAM DE MENDONÇA FILHO

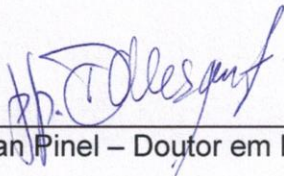
**DIVERSIDADE SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO RELIGIOSO:  
RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES COM DEMOCRACIA, CIDADANIA E  
DIREITOS**

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória no programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade.

\_\_\_\_\_  
Julio Paulo Tavares Zabatiero – Doutor em Teologia – UNIDA (presidente)



\_\_\_\_\_  
Osvaldo Luiz Riberio – Doutor em Teologia – UNIDA



\_\_\_\_\_  
Hiran Pinel – Doutor em Psicologia – UFES

A minha querida mãe, aquela que me ensinou a lutar, viver e a conquistar espaços.

A Rebeca Servilla, da IE - Internacional de La Educación - mulher que me motivou a lutar por uma educação sem preconceitos.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Júlio Zabatiero, pela orientação, pelo cuidado, paciência e especialmente pela natural capacidade que lhe é peculiar de inspirar ao desejo pela pesquisa e pelo estudo científico.

À Secretaria de Educação do município de Cariacica / ES, na pessoa da ex-secretária Municipal de Educação, Profa. Mestra Célia Villela Tavares;

e à Superintendência Regional de Educação de Cariacica, na pessoa da Superintendente: Profa. Ângela Merícia Cavatti; ambas proporcionaram condições para que as pesquisas de campo pudessem ser realizadas em escolas sob suas competências.

Aos professores Dr. Hiran Pinel, e Dr. Alexsandro Rodrigues, ambos fontes de eterna inspiração e exemplos para a educação.

Ao Profº Antônio Lopes, em sua dedicação ao movimento social, que nos ensina e motiva para continuarmos a luta em direitos humanos.

Aos amigos Menderson Rezende e José Carlos Nunes por sempre estarem junto conosco nas reflexões e debates.

“Uma pessoa que carrega um cartaz dizendo ‘Deus odeia as bichas’; que acha repugnante qualquer associação com homossexuais simplesmente porque eles são atraídos por pessoas do mesmo sexo; que maltrata, despreza ou procura prejudicar os homossexuais porque acredita que eles não são completamente humanos; que persegue, assalta ou assassina homossexuais por paixão, por medo ou por um ódio inexplicável, não é uma pessoa com um argumento. É uma pessoa com um sentimento. Não há nenhum argumento possível contra tal pessoa, pois um argumento não seria uma resposta apropriada.”

***Andrew Sullivan***

## **RESUMO**

Para a educação de qualidade, a diversidade sexual é consubstancial à democracia, inclusão, direitos e cidadania – na prática escolar, entretanto, ainda se pratica o preconceito contra o público LGBT. Uma das origens do preconceito a LGBT é a cultura histórica de doutrinas e dogmas cristãos introduzidos na educação. O objetivo desta dissertação é conhecer, no âmbito do ensino religioso escolar em Cariacica, como se organizam as relações entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais com a escola, através do currículo do Ensino Religioso. É evidente a ocorrência de homofobia e a sua conexão com a presença significativa de valores religiosos na escola, contrários ao exercício dos direitos de plena cidadania. O tema das homossexualidades é ausente, e quando se discute é com um aspecto não afirmativo. Dados indicam que evangélico é mais propenso a ser homofóbico. O público LGBT é invisibilizado, excluído e violentado pelos instrumentos pedagógicos, que legitimam o caráter compulsório da heterossexualidade. O Ensino Religioso, assim, não cumpre o papel de educar para a diversidade, reforça proselitismos e acaba por expressar discriminação. Foi possível concluir que as escolas públicas são espaços de preconceito e discriminação, e que o currículo do Ensino Religioso reforça essa matriz e não desconstrói essa realidade. O Ensino Religioso, ao contrário, deve propor uma política de inclusão da diversidade sexual; contemplar um conjunto de instrumentos pedagógicos na desconstrução de preconceitos por orientação sexual e identidade de gênero. É necessário, sob o prisma constitucional e cultural da diversidade, repensar a legislação, a teoria e a prática do Ensino Religioso Escolar, a fim de que o mesmo cumpra sua função constitucional de educar para a cidadania.

Palavras-chave: diversidade sexual. Homofobia. Ensino Religioso. Inclusão. Homossexualidades. Religião. Gêneros. Orientação sexual. Direitos. Democracia.



## ABSTRACT

For quality education, sexual diversity is inseparable from democracy, inclusion, rights and citizenship - school practice, however, there is still prejudice against the LGBT groups. One of the origins of the LGBT prejudice is the historic culture of Christian doctrines and dogmas that have been inserted into education. The goal of this dissertation is to understand, in teaching Religious Education of Cariacica School System, the organization of the relationships between lesbians, gays, bissexuais, transvestites, transgendered and intersexual individuals and the school system through the Religious Education curriculum. It's evident the occurrence of homophobia and its connection to the significant presence of religious values in school, contrary to the rights of full citizenship. The issue of homosexuality is absent, and when discussing, it's conducted through in a non-affirmative way. Statistics indicate that evangelical people is more likely to be homophobic. The LGBT students are made invisible, excluded and violated by pedagogical instruments, which legitimize the compulsory nature of heterosexuality. Religious Education, thus, does not fulfill the role of educating for diversity, and ultimately, reinforces proselytism and express discrimination. It was concluded that public schools are places of prejudice and discrimination, and the Religious Education curriculum reinforces this array and not deconstructs that reality. Religious Education, in contrast, must propose a policy of inclusion of sexual diversity; contemplate a set of teaching tools in the deconstruction of prejudice based on sexual orientation and gender identity. It is necessary, in the light of constitutional and cultural diversity, rethink the legislation, the theory and practice of Religious Education, so that it fulfills its constitutional function of educating for citizenship.

Keywords: sexual diversity, homophobia, religious education, inclusion, homosexuality, religion, genders, sexual orientation, rights, democracy.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipo de Rede Pública .....	16
Tabela 2 - Tipo de Pesquisado .....	16
Tabela 3 - Tipo de Rede Pública .....	65
Tabela 4 - Tipo de Rede Pública .....	69
Tabela 5 - Gênero .....	69
Tabela 6 - Formação Acadêmica (completo ou cursando) .....	69
Tabela 7 - Faixa Etária .....	70
Tabela 8 - Religião Pessoal .....	70
Tabela 9 - Na sua escola existe preconceito em relação aos LGBT? .....	71
Tabela 10 - Já se sentiu discriminado/a na escola por causa de sua orientação sexual? .....	71
Tabela 11 - Identidade de Gênero .....	73
Tabela 12 - A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus .....	77
Tabela 13 - Sua escola oferece/eu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate a homofobia? .....	81
Tabela 14 - Nas aulas de Ciências/Biologia se discute a questão da diversidade sexual? .....	81
Tabela 15 - Nas aulas de Ensino Religioso se discute a questão da diversidade sexual? .....	82
Tabela 16 - Se você pudesse escolher a orientação sexual e identidade de gênero do/a professor/a de Ensino Religioso de sua escola, você escolheria? .....	83
Tabela 17 - Dos 19,9% da amostragem total dos/as que rejeitam amizade	

com Lésbicas, gays, travestis e transexuais, estão assim

divididos: ..... 84

## LISTA DAS FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 - Sexualidade Humana .....	23
Figura 2 - Estados brasileiros e o casamento igualitário .....	60
Gráfico 1 - Tipo de Pesquisado .....	65
Gráfico 2 - Tipo de Pesquisado .....	68
Gráfico 3 - Orientação Sexual dos/as pesquisados/as .....	70
Gráfico 4 - Percentual por seguimento que concorda que “Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos” .....	74
Gráfico 5 - Concordam que a homossexualidade é uma doença e pode ser tratada por médicos e psicólogos: (percentual sobre cada seguimento) .....	78
Gráfico 6 - Os livros adotados por sua escola, trazem a temática da diversidade sexual? .....	79
Gráfico 7 - Acredita que ser gay, lésbica, travesti ou transexual é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus .....	84
Gráfico 8 - Religião pessoal daqueles que declaram sentir repulsa, ódio ou antipatia ao encontrar um LGBT no banheiro, corredor ou biblioteca .....	85
Gráfico 9 - Acreditam que as escolas <u>não</u> estão preparadas para receber e acompanhar as alunas e alunos LGBT .....	87

## LISTA DE SIGLAS

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

Anis - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero

CES - Câmara de Ensino Superior

CFM - Conselho Federal de Medicina

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNTE - Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação

CONAE - Conferência Nacional de Educação

CONERES - Conselho Estadual de Ensino Religioso do Espírito Santo

DH - Direitos Humanos

DS - Diversidade Sexual

DT - Designação Temporária

EF - Ensino Fundamental

EM - Ensino Médio

ER - Ensino Religioso

ERE - Ensino Religioso Escolar

EST - Escola Superior de Teologia / Faculdades EST

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

FONAPER - Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso

FTU - Faculdade Unida de Vitória/ES

GDE - Gênero e Diversidade na Escola

GGB - Grupo Gay da Bahia

IE - Associação Internacional da Educação

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais

LP - Linha de Pesquisa

MEC - Ministério da Educação

OEA - Organização dos Estados Americanos

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PCNER - Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso

PNDH - Programa Nacional de Direitos Humanos  
PNEDH - Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos  
PNLA - Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos  
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático  
PNLDEM - Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio  
SECAD agora SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão  
SEDU - Secretaria de Estado da Educação no Espírito Santo  
SEME - Secretaria Municipal de Educação de Cariacica/ES  
SINDIUPES - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo  
SRE - Superintendência Regional de Educação  
STF - Supremo Tribunal Federal do Brasil  
UFB - Universidade Federal da Bahia  
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UnB - Universidade de Brasília  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura  
USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 DIVERSIDADE SEXUAL: CONCEITOS E POSSIBILIDADES</b> .....	22
<b>2 ENSINO RELIGIOSO: HISTÓRIA, CURRÍCULO E A DIVERSIDADE SEXUAL</b> .....	28
<b>3 ESCOLA: ESPAÇO DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?</b> .....	43
<b>4 LAICIDADE, DEMOCRACIA E DIREITOS</b> .....	56
<b>5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA, PROCEDIMENTOS ADOTADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS PARA A PESQUISA DE CAMPO</b> .....	65
5.1 INSTRUMENTOS DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS ADOTADOS .....	65
5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO .....	70
<b>CONCLUSÃO</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>APÊNDICES</b> .....	99
<b>APÊNDICE A - Tabelas com Resultados de Freqüência e Percentual da Pesquisa Aplicada ao Público Geral</b> .....	100
<b>APÊNDICE B - Tabelas com Resultados de Freqüência e Percentual da Pesquisa Aplicada ao Público LGBT</b> .....	128
<b>APÊNDICE C - Questionário Aplicado ao Público Geral</b> .....	150
<b>APÊNDICE D - Questionário Aplicado ao Público Assumidamente LGBT</b> .....	155
<b>APÊNDICE E - Planilha Qualitativa Aplicada As Escolas</b> .....	161

## INTRODUÇÃO

Entre as temáticas compreendidas na agenda internacional daqueles que discutem qualidade da e na educação, a partir do campo dos direitos humanos; está a pauta relacionada à livre orientação sexual e à livre expressão da identidade de gênero. Essa pauta entra nesse circuito, especialmente nos últimos anos com a conclusão de pesquisas que apontam para essa necessidade.

Esta pauta, na agenda de quem discute qualidade na educação pública, é urgente e necessária, pois está intimamente relacionada ao espaço do currículo escolar, em virtude de todas as implicações que carrega consigo. Implicações relacionadas ao sucesso ou fracasso no desenvolvimento acadêmico e na formação cidadã dos sujeitos envolvidos, bem como na construção de uma escola que, de fato, seja um espaço público, democrático, inclusivo, gratuito e de qualidade.

A qualidade da e na educação, bem como dos resultados em sistemas de avaliação está diretamente vinculada ao grau de discriminação e preconceito em que a escola está mergulhada, conforme conclusão da pesquisa de José Afonso Mazzon (MAZZON, 2009). Por isso, é fundamental estudar o público LGBT (LGBT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais), um dos grupos mais vulneráveis na pesquisa de Mazzon, e propor encaminhamentos no sentido de construir uma escola mais justa e inclusiva – uma pauta prioritária na construção de uma educação de qualidade.

A garantia do direito à educação a pessoas LGBT tem como propósito a construção de um espaço escolar que seja efetivamente privilegiado no combate à lesbo-homobi-transfobia, bem como a todas as formas de preconceitos e discriminação. A invisibilidade a que o público LGBT está exposto diariamente na escola, somada com a assustadora cultura de violência moral e física a que está vulnerável esse público, oferecendo ao Brasil o título de 1º lugar em assassinatos LGBT no mundo (MOTT, 2012); justificam-nos e asseguram a necessidade urgente de discutir diversidade sexual no currículo da escola brasileira. E quando falamos em currículo, é bom lembrar que estamos nos referindo tanto ao currículo formal quanto ao



currículo oculto. O currículo oculto também denominado pela Mestra Cláudia Reis Santos da UERJ, tão brilhante e elegantemente, de currículo participativo: palavras ditas no 2º Seminário Estadual de Educação e Diversidade Sexual do SINDIUPES, realizado no ano de 2011, no Espírito Santo.

Uma das origens da promoção do preconceito a LGBT é exatamente a cultura histórica de doutrinas e dogmas introduzidos na educação pelos pensamentos religiosos bem presente no início da educação brasileira e que ainda perduram em nossos dias. Por isso, fazer os cruzamentos de dados e verificar como se comporta o currículo do Ensino Religioso e suas implicações nas escolas em relação ao público LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais - é importante para esse estudo sinalizar suas conclusões.

O objetivo desta proposta é verificar se o currículo do Ensino Religioso nas escolas públicas, e suas as relações com o currículo participativo e a prática docente do professor de Ensino Religioso, são compatíveis com as novas propostas de Direitos Humanos, com os marcos legais do Ensino Religioso; e como estas relações se estabelecem frente à diversidade sexual presente na escola e na sociedade capixaba. O recorte físico geográfico é o município de Cariacica, no estado do Espírito Santo, cidade pertencente à Grande Vitória, e foi aplicado à escola pública, tanto de rede municipal de educação, quanto de rede estadual no município.

Nossos estudos e pesquisas de campo através de entrevistas, aplicação de questionários, avaliação de experiências e na observação de como se comporta o espaço escolar; desenham as conclusões, resultados e sugestões, sempre dialogando com três outras pesquisas que utilizamos como base empírica para corroborar com as nossas descobertas: **Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar** (MAZZON, 2009), executada pela FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, acompanhada pelo INEP e MEC; a pesquisa **Juventudes e Sexualidade** (ABRAMOVAY, 2004), organizada pela UNESCO/Brasil; e a pesquisa “**Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?**” (LIONÇO; DINIZ, 2009), executada pelo Anis, UnB, UFRGS, UFB e USP.

O presente estudo foi aplicado à escola pública no município de Cariacica / ES, tanto de rede municipal de educação, quanto de rede estadual no município, este foi o objeto de estudo dessa pesquisa.

Dos sujeitos pesquisados, **29,3%** relatam suas respostas majoritariamente a partir de suas experiências na escola da rede Estadual e **70,7%** a partir de suas experiências majoritariamente na rede municipal. Essas linhas divisórias percentuais não refletem uma realidade sólida, pois alunos/as do Ensino Médio e docentes que relatam suas experiências a partir da rede Estadual, também o fazem levando em consideração suas experiências com a rede municipal. Discentes, porque a grande maioria há um ano esteve no Ensino Fundamental na rede municipal; e os docentes porque geralmente trabalham nas duas redes.

O objetivo, neste caso, é apenas assegurar considerações sobre a educação pública no município (redes Estadual e Municipal) e não tecer considerações sobre esta ou aquela rede separadamente.

<b>Tabela 1 - Tipo de Rede Pública</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Estadual	103	29,3%
Municipal	249	70,7%
Total	352	100%

Os questionários foram aplicados a **352 pessoas**; sendo estes sujeitos, partes integrantes da comunidade escolar, assim identificados:

<b>Tabela 2 - Tipo de pesquisado</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Aluno	269	76,4%
Professor	50	14,2%
Gestor/Pedagogo/Coordenador	17	4,8%
Funcionário de Escola	16	4,5%
Total	352	100%

Um total de **16 escolas** foi avaliado; sendo 11 escolas avaliadas sistematicamente e com amostragem igual ou superior a 25 pessoas, e 5 escolas avaliadas com pequenas amostragens.

As escolas, avaliadas sistematicamente, além de aplicação dos questionários, nelas foram feitas observações, aplicada a planilha de observação qualitativa e foram realizadas entrevistas pessoais. O questionário foi aplicado a alunos/as de um total de 29 turmas/classes distintas, em turnos diferentes.

A pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo aplicada a alunos/as, professores/as, gestores/as, pedagogos/as, coordenadores/as e funcionários/as de escola no presente estudo, intitulado: **Diversidade Sexual no Currículo do Ensino Religioso: Relações e Implicações com Democracia, Cidadania e Direitos** - tem como objetivo conhecer como se processam e organizam-se essas relações interpessoais entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais com o espaço escolar, através da mediação do currículo do Ensino Religioso; considerando os direitos humanos, fundamentais, os marcos legais do ER, a laicidade do Estado e a dimensão do currículo escolar.

A respeito do currículo da disciplina de Ensino Religioso e suas correlações com a diversidade sexual nas escolas estudadas, bem como suas concepções acerca das temáticas de gênero, sexo, sexualidade, discriminação, preconceito, inclusão e cidadania; podemos dizer que as conclusões foram assimiladas a partir da aplicação de dois instrumentos (questionários diferentes e específicos) a sujeitos em relação direta com a escola. Os questionários foram construídos para dois tipos de públicos-alvo distintos, a saber: heterossexuais ou LGBT não assumidos; e LGBT assumidos.

O município de Cariacica foi escolhido para a aplicação dos questionários, em função de ser um município que tem uma política de Ensino Religioso consolidada: possui professores de Ensino Religioso em designação temporária há muitos anos e docentes concursados efetivos de ER desde 2006; e permitiu uma receptividade favorável a aplicação da pesquisa.

As percepções sobre a disciplina de Ensino Religioso e suas interfaces com a temática da diversidade sexual, que envolve orientação sexual e identidade de gênero; bem como as sexualidades na escola; para a avaliação e conclusão de resultados, obedeceu-se a critérios e procedimentos científicos.

O presente estudo aponta possível grau de preconceito e discriminação em relação à diversidade sexual no espaço escolar. Propõe verificar a aceitabilidade e exclusão que o público de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais estão sujeitos cotidianamente no espaço da escola capixaba e sobre tudo nas escolas cariaticuenses.

Mediante os cruzamentos de informações, é possível verificar se há evidências da ocorrência de homofobia nesses espaços pedagógicos dedicados à educação; e também compreender a concepção científica de diversidade sexual em relação à vivência religiosa. O objetivo é descobrir como se processa essas relações entre o saber científico e vida religiosa no espaço do currículo do Ensino Religioso na escola.

Outro aspecto é o currículo do Ensino Religioso - ER e as relações entre a religião, o currículo e a diversidade sexual. A partir dessas relações, avaliar o nível de influência da vivência religiosa com a prática docente do ER e na construção do currículo; assim verificando o nível de preconceito em relação à orientação sexual e identidade de gênero a partir dessas variantes.

Pretendemos também dar conta de considerar a proximidade ou afastamento da escola em tratar de assuntos próprios da diversidade sexual e da homofobia. Pretendeu-se evidenciar a percepção da escola e dos discentes sobre assuntos que envolvam as homossexualidades; além das representações sobre gênero, sexualidade e reprodução. Questões práticas são avaliadas, como, por exemplo, em que medida a escola e a disciplina de ER assumem o papel de informar e formar os estudantes sobre temas relacionados às travestilidades, transexualidades ou lesbianidades.

Para a construção de saber e fundamentação teórica relativas ao tema das homossexualidades, baseamo-nos principalmente nas obras de Rogério Junqueira, professor, pesquisador que amplamente vem considerando a homofobia e as homossexualidades a partir da escola; Débora Diniz, Doutora em Antropologia e que pesquisa e discute laicidade do Estado e as relações de homofobia; bem como Guacira Louro, que se dedica a estudar as sexualidades; Tatiana Lionço e Daniel Borrillo - teóricos internacionalmente conhecidos com domínio dessa pauta.

No tocante a questões de gênero e ao ensino religioso, também levamos em consideração as obras de Ivone Gebara, teóloga católica, que trabalha com a teologia ecofeminista; Judith Butler e Remí Klein, que também oferecerão tonalidades marcantes neste estudo. Klein, em especial, tem dedicado muito tempo a contribuir com as discussões sobre religião e educação, bem como ao Ensino Religioso, sua identidade e sua relação com a diversidade. E para dar conta da pauta da democracia, cidadania e direitos: Chantal Mouffe; Tereza Vieira; e Sérgio Carrara.

Esperamos assim, contribuir para a construção de uma escola que tenha em seu programa uma educação para a diversidade, que de fato seja democrática não somente no acesso, mas sobre tudo na permanência dos sujeitos em seus cursos e programas. Que a disciplina de Ensino Religioso tenha um currículo multicultural e seja orientado para o respeito e valorização das diversidades, e que assim sendo, essa escola que desejamos, contribua na construção de uma sociedade mais justa e com muita equidade; enfim, livre da lesbo-homo-bi-transfobia.

## 2 DIVERSIDADE SEXUAL: CONCEITOS E POSSIBILIDADES

*"Eu não gostaria que alguém negasse os meus direitos a partir de suas crenças religiosas; portanto, eu não devo negar direitos aos outros a partir das minhas".*

**Delman Coates** – Pastor Batista

*Ao declarar apoio ao casamento civil igualitário.*

A expressão **diversidade sexual** considera a humanidade como ser social, e esse conceito carrega consigo as diversas faces que a sexualidade humana assume ou representa no individual e no coletivo, na esfera particular e na esfera pública.

A relação sexual entre pessoas que nasceram com o mesmo sexo biológico é historicamente considerada como crime abominável, atitudes pecaminosas, ações sujas, tendência perversa, anormalidade, contra a natureza humana, aberração humana, odiosa a Deus, vício de Sodoma, prática demoníaca... São muitos os adjetivos e substantivos para desqualificar e conceituar as relações afetivas e sexuais envolvendo o público LGBT. Essas expressões outorgam a essas relações um papel marginal, anormal, bizarro e socialmente inaceitável (LIONÇO; DINIZ, 2009).

Quer se trate de uma escolha de vida sexual, quer se trate de uma característica estrutural do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto à heterossexualidade. De fato, ela não é mais que a simples manifestação do pluralismo sexual, uma variante constante e regular da sexualidade humana. Na condição de atos consentidos entre adultos, os comportamentos homoeróticos devem ser protegidos como qualquer outra manifestação da vida privada (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 16).

A diversidade sexual envolve toda a complexidade da **sexualidade** humana, que não se restringe unicamente ao exercício físico e anatômico do sexo; mas também as experiências de outros planos: tais como o das emoções, dos modos de vivências, das práticas e crenças, das aspirações, dos desejos, das preferências,

das fantasias, das atrações, das identidades, dos papéis, da relação, de como eu me vejo e vejo o outro e como sou visto, e de dezenas de outras complexidades que envolvem as interações sexuais.

A diversidade sexual envolve dentre outras dimensões a discussão das orientações sexuais: o ser heterossexual, o ser bissexual ou o ser homossexual; também envolve as identidades de gênero: homem, transgênero ou mulher; envolve as expressões de gênero: masculino, andrógono ou feminino; e envolve também discussões do sexo biológico: fêmea, intersexual ou macho.

Compreendemos **orientação sexual** como uma referência à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. (CORRÊA; MUNTARBHORN, 2006, P. 11)

Compreendemos **identidade de gênero** a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (CORRÊA; MUNTARBHORN, 2006, P. 11)

A **orientação sexual**: heterossexual, bissexual ou homossexual, envolve dimensões emocionais do ser: sentimentos, desejos, paixões, interesses. Está relacionada a quem é objeto de sua atração sexual, física, afetiva e emocional. Esta atração é baseada nos aspectos de seu sexo/gênero e da outra pessoa.

Por fim, orientação sexual não é passível de “ensino”, de aprendizado, nem nada do gênero, como inacreditável interpretação puramente literal do termo “orientação” faz algumas pessoas pensar. Isso resta igualmente comprovado pelas inúmeras pesquisas psicossociais que já demonstraram que a criação de um menor por um casal homoafetivo não aumenta a possibilidade de o mesmo “se tornar” homossexual – mesmo porque a orientação sexual não se escolhe, nem se ensina, apenas se descobre. (VIEIRA, 2012, P. 57)

A **identidade de gênero**: homem, transgênero ou mulher; envolve a racionalidade, como você em sua cabeça se vê e pensa sobre você mesmo. A estrutura com a qual você é formado e da forma como você interpreta isso. Está na dimensão do cérebro, da razão, da compreensão.

Uma grande vitória que podemos sem dúvida apontar na conta do movimento social feminista; foi a nova compreensão das implicações sociais, políticas que envolvem as discussões e relações de **gênero**, ou seja: de homens e mulheres.

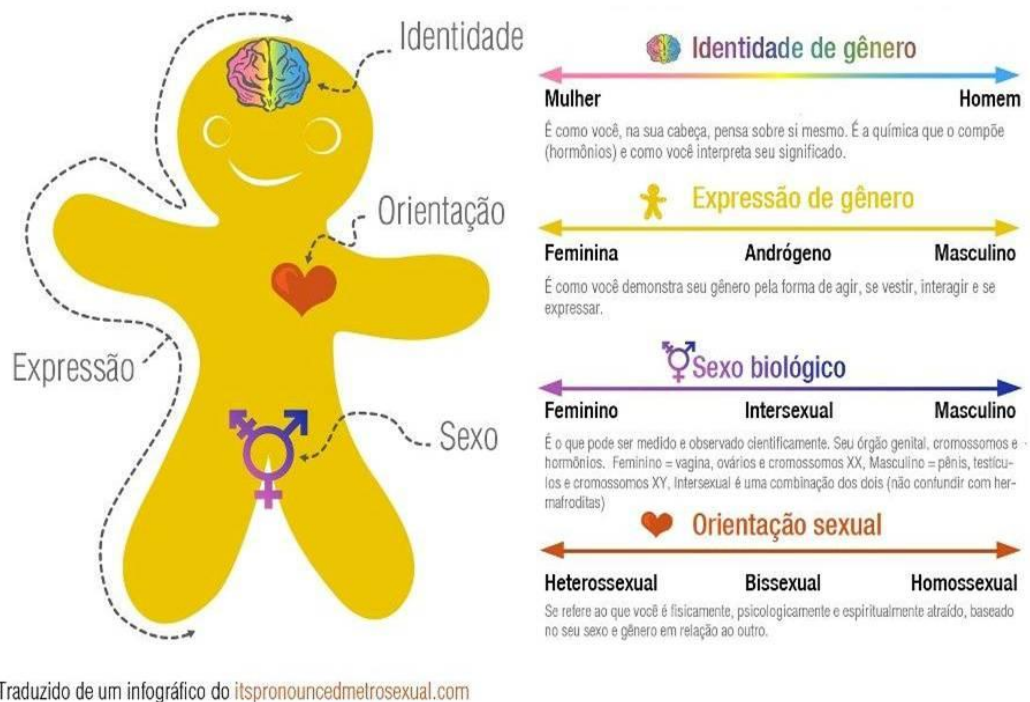
“O novo conceito **gênero** permitiu a compreensão de que não é a anatomia que posiciona mulheres e homens em âmbitos e hierarquias distintos, e sim a simbolização que as sociedades fazem dela”. (LAMAS, 2000: in KLEIN, 2008).

**Expressão de gênero:** masculino, andrógono ou feminino; envolve as dimensões de todo o corpo. É a maneira como a pessoa se expressa, se apresenta na sociedade. É a apresentação social de seu gênero; modos de agir, vestir, comportar-se e interagir.

**Sexo biológico:** fêmea, intersexual ou macho. Está relacionado à dimensão anatômica, física do sexo. Refere-se ao conjunto de aspectos físicos do sujeito. Está relacionado ao mensurável - órgãos, hormônios, cromossomos – por exemplo: Fêmea: vulva, canal vaginal, útero, ovários, cromossomos XX..., Macho: pênis, saco escrotal, testículos, cromossomos XY..., Intersexual: uma combinação destes dois: macho e fêmea (KILLERMANN).

Intersexual ou “intersex”: É o termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino (CARRARA, et al, 2009, p. 128).





**Figura 1 - Sexualidade Humana**

Ainda de forma embrionária na discussão no Brasil, o conceito de diversidade sexual também inclui as questões relativas à pansexualidade e a assexualidade.

A escritora, pesquisadora e filósofa norte-americana Judith Butler menciona o forte e determinante aspecto heteronormativo desta cultura em que vivemos, na qual a heterossexualidade tem caráter compulsório em nossas escolas; e como essa escola, essa cultura impõe à sociedade a não aceitação de outra coisa se não a norma padrão hétero, ou seja, homem e mulher são as únicas possibilidades de existência. E homem sentindo-se atraído por mulher e vice-versa, e nesse contexto não abre espaço para nenhuma outra possibilidade. (BUTLER, 2003). Desta forma, o conceito de diversidade sexual se contrapõe ao conceito e as implicações da heteronormatividade.

Nessa complexidade que é própria da sexualidade, é importante destacar que o conceito de **diversidade sexual**, questiona o dualismo, o binarismo retrógrado, limitado, heteronormativo e incapaz de dar conta de nossas necessidades tão

complexas; pois precisamos entender que “A sexualidade não é constituída somente de aspectos naturais e biológicos, mas, também, de aspectos culturais.” (VIEIRA, 2012).

A pessoa transexual (Homem trans ou mulher trans; também chamado de transhomem, transmulher; ou transexual masculino e transexual feminino; ou o transexual e a transexual, ou simplesmente o/a trans) pode ser em sua orientação sexual: homossexual, heterossexual ou bissexual. Portanto, identidade de gênero é distinta de orientação sexual.

Ao nos referirmos a pessoas transexuais, ou seja, homens ou mulheres que desejam adequar o tratamento destinado a si, sua aparência física, seus registros e documentos civis a forma do gênero em que se compreende ser, que é diferente do sexo biológico com o qual nasceu; estamos assim falando de **identidade de gênero**.

Desta forma; uma pessoa que nasceu com saco escrotal, pênis, próstata e outros órgãos do sexo masculino; pode, ao longo de sua vida, se sentir e se perceber como mulher (Mulher trans); poderá, ou não desejar intervenção cirúrgica e outros procedimentos para adequação dos genitais e aspectos físicos a sua real identidade de gênero.

Outra pessoa que nasceu com canal vaginal, vulva, ovários e outros órgãos do sexo feminino, não se sente uma mulher, mas se sente um homem, não é um caso de lesbianidade e sim de transexualidade e poderá, no caso de nosso país, realizar uma mastectomia e também colocar uma prótese peniana com todas as implicações cirúrgicas necessárias. Contudo, mesmo após essa alteração a pessoa poderá se relacionar afetiva, emocional e sexualmente com homens e com mulheres; desta forma ser em sua orientação sexual um bissexual. Ou ter relações somente com alguém do gênero oposto e desta forma ser um heterossexual; ou ainda ter atração afetiva e sexual somente com pessoas do mesmo gênero e desta forma ser um homossexual. Portanto, orientação sexual tem haver com gênero e não necessariamente com o sexo biológico.

Gays e lésbicas são pessoas que vêem, percebem e compreendem seu corpo como adequado e desejam sexualmente pessoas do mesmo gênero. A identidade de gênero não necessariamente coincide com a orientação sexual, a partir de conceitos formulados pela própria heteronormatividade. Na realidade, masculino e feminino, macho e fêmea, homem e mulher; são palavras muito “pequenas” para comportar toda complexidade e variedade que envolve as sexualidades humanas, que vão para além das possibilidades heteronormativas.

Como diz Tereza Vieira (VIEIRA, 2012), é necessário distanciar-se das abordagens puramente físicas e anatômicas do sexo e, tal como a discussão feminista pós-estruturalista conceber, o corpo como um elemento sociocultural e lingüístico todo permeado por atuações de disputa de poder. Assim também vê Michel Foucault, ao considerar que a sexualidade é um instrumento a favor da expressão do poder, ele considera:

[...]à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2007).

### 3 ENSINO RELIGIOSO: HISTÓRIA, CURRÍCULO E A DIVERSIDADE SEXUAL

*“Enquanto houver alguém gritando no mundo, sejam mulheres, negros, indígenas, pessoas discriminadas, sempre têm sentido, a partir da fé, falar e atuar de forma libertadora”.*

**Leonardo Boff**

A Igreja Católica, conhecida como Igreja Madre, desde o período do Brasil colônia administrou e sozinha a educação neste país. Nos primeiros momentos coube a Companhia de Jesus, mais conhecidos como Jesuítas, a princípio preocupados em doutrinar os índios (KLEIN; BRANDENBURG; WACHS, 2008).

A partir das reformas realizadas pelo Marques de Pombal, a educação sofre uma pequena mudança passando a ter características iluministas; porém a Igreja Católica ainda possuía sob sua tutela a maior parte das escolas do país. Já no século XIX, com toda aquela situação da família real vindo para nossas terras brasileiras, a educação novamente sofre alterações para atender agora uma elite burguesa ligada à corte real (FIGUEIREDO, 1994). Em 1822, quando ocorre a independência do Brasil e a organização do Império, a igreja católica permanece subordinada aos interesses do Estado, porém se mantém como religião oficial do mesmo. Desta forma, a disciplina de religião se mantinha ainda como um componente curricular.

Em 1889 com a inauguração do regime republicano, essa história é toda sepultada, a igreja católica perde seu poder com o Decreto 119 – A, de 7 de janeiro de 1890, que separa Estado da igreja (FIGUEIREDO, 1994). O Estado passa a ser laico, e desta forma a laicidade do Estado é coroada com a Constituição de 1891. Assim o Estado se secularizou; “O artigo 72, parág. 6º, da constituição Federal de 1891, assim estabelecia: ‘Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos’”(KLEIN, 2008, p. 97).

É importante ressaltar que, já no final do império, o Ensino Religioso perde espaço e é substituído pela disciplina de Educação Moral e Cívica, que

visava, sobretudo, transmitir às novas gerações os valores republicanos, seculares, as chamadas virtudes cívicas. Essa disciplina ganha força nos primeiros momentos do regime republicano, pois se torna um instrumento para a formação de uma nova identidade nacional desvinculada do catolicismo [...] (KLEIN, 2008, p. 98).

Pouco tempo o Ensino Religioso (ER) ficou fora das escolas, pois com o decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, o ER retorna às escolas públicas brasileiras, pois o governo foi fortemente pressionado por grupos religiosos, lideranças eclesiais em especial da Igreja Católica.

Das constituições aprovadas no Brasil no período republicano (1891, 1934, 1937, 1946, 1967, e 1988) apenas a de 1891 de fato exclui totalmente o Ensino Religioso dos componentes curriculares da escola pública.

Nas demais constituições ele é inserido como facultativo. Com a constituição de 1934 até 1960, o Ensino Religioso volta a ter cunho catequético, prosélito, doutrinário na escola, sendo que a indicação de docentes e conteúdos fica sob a responsabilidade da igreja. Em realidade, a constituição de 1934 volta oferecer um grande poder e privilégio a Igreja Católica, e desta forma, descaracteriza o aspecto laico da escola pública brasileira. Como as legislações isentavam o Estado de pagar salários aos docentes de ER; docentes e conteúdos eram organizados pelas igrejas, de acordo com as confissões dos discentes; passamos a ter docentes de ER que eram padres e freiras, ou professores leigos ligados a movimentos religiosos, quase todos voluntários “a serviço de Deus”.

O Concílio Vaticano II, que assentou as bases da unidade dos cristãos, começou a surtir efeitos, ainda na década de 1960, através de iniciativas isoladas que alguns autores definem como tendo sido as bases para o desenvolvimento posterior do ER, tal como existe hoje. Na década de 1970, aproveitando a inclusão do ER no Currículo Pleno, as Secretarias Estaduais de Educação, em vários estados brasileiros, buscaram reestruturá-lo através de um diálogo com as entidades religiosas interessadas (DICKIE, 2008, p. 3).

O modelo inter-confessional cristão passou a ser a opção aceita pela maioria dos Sistemas de Ensino no Brasil, o que de fato reduziu o aspecto de proselitismo católico do ER. O Ensino Religioso só volta a ser responsabilidade total do Estado brasileiro com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1997 - LDB, que norteia o

Ensino no Brasil, e modificada em seu artigo 33 logo em seguida, onde esclarece a práxis do ER. Nessa LDB o Ensino Religioso é mantido como disciplina obrigatória nos horários normais da escola pública de Ensino Fundamental e para os discentes de matrícula facultativa. Assim a partir da LDB/97, o ER passa a ser parte integrante da formação básica do cidadão, a LDB oferece ao ER um aspecto epistemológico e pedagógico no currículo do Ensino Fundamental, desta forma passa a ser uma disciplina relevante.

Com esta legislação o ER deveria ter um caráter laico, fundado em uma área específica do saber (Ciências da Religião), garantindo-se a não-ingerência eclesiástica no mesmo. Entretanto, ao delegar a definição de parâmetros curriculares e contratação docente aos sistemas estaduais e municipais de ensino, até hoje não se conseguiu implantar uma política eficaz da prática docente do ER nas escolas. Os sistemas municipais, em especial, não têm capacidade de enfrentar a pressão de instituições eclesiásticas para que o ER tenha caráter confessional e, em geral, o que vemos nos municípios onde o ER está implantado, é uma redução do ER ao ensino moral, ou a sua confessionalização, em desrespeito à LDB. Consequentemente, a escola está à mercê de agentes praticantes de proselitismo, desrespeito à diversidade religiosa e ética, e de uma política de direitos humanos inapropriada para uma escola que se pretende democrática, laica, inclusiva e pública.

A criação dos Conselhos de Ensino Religioso, onde as igrejas e outras instituições religiosas têm acento, de modo que este Conselho organize a política curricular da disciplina do ER, é, a meu ver, um retrocesso, pois o Conselho tende a ter uma característica religiosa e não científica, acadêmica – e, na prática, a sua composição depende da capacidade política de agentes religiosos. No Espírito Santo, criou-se o CONERES – Conselho Estadual de Ensino Religioso, com representatividade de instituições religiosas; sendo que representantes de igrejas cristãs detêm cerca de 90% dos assentos. Outro grande problema é a regulamentação da formação acadêmica dos docentes para ministrarem as aulas da disciplina do ER. No Espírito Santo basta uma licenciatura e um curso livre, recomendado pelo CONERES, de 120h, ou dependendo da demanda, de 240h – formação insuficiente para a complexidade da disciplina de ER.

Apesar da intenção de que os Conselhos Estaduais de Ensino Religioso nos Estados, ideia fortemente articulada e apoiada pelo FONAPER (Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso, entidade civil), fossem responsáveis pelo cumprimento da LDB, na prática, “além de manter o vínculo religião-confissões, desconsidera que esse conteúdo possa vir a ser definido academicamente, ou seja, a partir de estudos cientificamente consolidados sobre o objeto **religião**.”(PASSOS, 2007, p. 15).

Nesse por menor, apontamos o Estado de São Paulo como um Estado exemplo, pois ignorou essa orientação da consultoria ao Conselho Estadual de Ensino Religioso, e a Secretaria de Estado da Educação optou por contratar da Universidade de Campinas, profissionais ligados ao Departamento de História para construírem uma proposta curricular e materiais didáticos para a disciplina de ER. Os materiais e a proposta apresentada tinham os conteúdos tendo como base a História das Religiões de forma acadêmico-científica. E os profissionais da docência de Ensino Religioso nesse Estado eram selecionados e contratados através de concurso público organizado pelo Estado.

Em Cariacica/ES, o Sistema de Ensino Municipal não possui um currículo com conteúdos previamente organizados e os docentes foram contratados a partir de concurso público municipal, tendo como exigência mínima na formação acadêmica uma Licenciatura em qualquer área e um curso de 120h em Ensino Religioso aprovado pelo CONERES – Conselho Estadual de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo - ou Licenciatura em qualquer área acrescida de pós-graduação em Ensino Religioso/Ciências das Religiões. Já o Sistema de Ensino Estadual no município, através da Superintendência Regional de Educação – SRE de Cariacica, possui um currículo básico, com conteúdos organizados; porém não tem docentes efetivos, são contratados por tempo determinado (DT) e a exigência de formação acadêmica é uma Licenciatura plena em Ensino religioso; ou Licenciatura em qualquer área do conhecimento, acrescida de curso de Pós-graduação lato sensu em Ensino Religioso que atenda às prescrições da Res. CNE/CES nº 1, de 08/06/2007 alterada pela Resolução CNE/CES nº 5 de 25/09/2008; ou Graduação em Ciências da Religião, com complementação pedagógica, nos termos da Res. CNE/CP nº 2, de 26/06/97 (ESPÍRITO SANTO, 2011).

Desta forma é que está constituído o Ensino Religioso no município de Cariacica/ES. Nas observações feitas em nossa pesquisa, os dados apontam:

- Docentes que desconhecem documento legal que orienta, normatiza os conteúdos do ER;
- A formação acadêmica exigida, não é uma formação inicial específica;
- Os docentes, em sua maioria, tem relações fortes com entidades religiosas;
- Ocorre com freqüência o proselitismo;
- A base do ER na prática pedagógica do docente são conteúdos diretamente relacionados à religião Cristã, em sua maioria evangélica;
- Diversidades é um assunto pouco explorado nas aulas de ER;
- O livro: Bíblia; é um instrumento muito utilizado e demasiadamente explorado nas escolas, em detrimento a outros recursos ligados a outras religiões;
- O Ensino Religioso se apresenta como ambiente com fortes indicações de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

A escola precisa se consolidar como um espaço de diálogo, de possibilidades do conhecer, respeitar e interagir com as diversidades. O Ensino Religioso precisa sair de sua esfera privada, do foro íntimo de “religião” e se vincular ao estudo acadêmico do fenômeno da religião; precisa buscar espaço e contribuir na discussão de políticas para a defesa e dignidade da pessoa humana.

É neste sentido que o Ensino Religioso pode ser um espaço democrático pelo qual se expõe a diversidade de opiniões, afins e contraditórias, de religiões e igrejas sobre os mais variados temas que dizem respeito à dignidade humana. Com isso, o Ensino Religioso liberta-se de valores universais abstratos e passa a se ocupar com temas quentes sobre a vida humana, como aborto, reprodução humana, células tronco, igualdade racial e de gênero, métodos contraceptivos, AIDS, entre outros. (KLEIN, 2008, p. 14).

Na escola pública, inclusive a partir do currículo do Ensino Religioso, urge a necessidade de se garantir não só o acesso, mas também a permanência do público de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. Construindo democraticamente possibilidades, oferecendo formação acadêmica de qualidade, inclusão no mercado de trabalho; enfim, oportunizando o pleno e efetivo exercício da



cidadania. Para isso, o currículo do Ensino Religioso precisa dialogar com os demais integrantes do currículo escolar, a fim de se construir uma proposta de fato inclusiva e democrática, na qual também o público LGBT se sentirá representado, recebido, acolhido e protegido em seus direitos humanos e de cidadania; pois inclusão significa “ajustar o fazer pedagógico às necessidades dos alunos” (BRASIL, 2006, p. 59).

Desde a nova LDB, o discurso do Ensino Religioso carregado de “verdades” sobreviveu às críticas, e poucas vezes foi posto a prova. A disciplina do ER tem saído de suas salas de aula e percorrido os corredores da escola, a sala dos professores, assentado na biblioteca, cozinha, banheiros, as quadras... Feito parte do universo participativo da escola. O discurso tem sobre modo construído uma muralha de contenção a partir de suas experiências no plano do discurso. Por isso é próprio e necessário discutirmos não somente a disciplina do Ensino Religioso, porém o currículo da escola a partir do Ensino Religioso; pois o currículo do ER já influenciou todo o currículo formal e participativo da escola pública, conforme constatamos em nossa experiência profissional..

No discurso legislativo e prático, o ER visa também concretizar as noções de tolerância, respeito, alteridade, convivência em harmonia; na realidade, porém, o ER não tem atingido tais metas em função dos problemas concretos de sua implementação. Concretamente, o ER fundamenta e solidifica a produção e reprodução das diferenças nas relações de poder; resultando em discriminação e preconceito. Em outras palavras, a noção de tolerância subjacente às práticas de ER é uma que “implica certa superioridade de quem tolera e o respeito implica um certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são vistas como definitivamente estabelecidas, cabendo apenas respeitá-las” (Klein, 2008, p. 45 - 46).

Nossas diferenças não podem ser apenas respeitadas e toleradas; enquanto o espaço escola está produzindo e reproduzindo a todo o momento relações de poder a partir delas. Expressando de forma velada, quando não explícita de quem deve ou não permanecer no espaço escola. E desta forma levando centenas de LGBT para

as estatísticas de evasão escolar. É necessário discutir, pautar as relações de poder que dominam esse espaço.

O discurso do Ensino Religioso em nossas escolas; é o discurso majoritário da igreja cristã que institui, normatiza e determina lugares de atuação e da convivência humana, e estes hierarquizados, para homens e mulheres que se pressupõe cristãos e heterossexuais, caso não sejam, é necessário reconduzi-los para esse padrão.

Por outro lado, o nível de religiosidade da população é diretamente proporcional à homofobia: as pessoas que se declaram praticantes de uma religião monoteísta se revelam menos favoráveis ao reconhecimento de direitos dos homossexuais (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 40).

Uma prática muito comum no currículo do Ensino Religioso nas escolas é o que a Daniel Borrillo chama de **dimensão cultural de natureza cognitiva** (LIONÇO; DINIZ, 2009), onde o homossexual é tolerado, porém o objeto de rejeição, de repúdio, é a homossexualidade. A igreja constrói a mágica de separação entre pecador e pecado, e seu discurso de “Deus ama o pecador, mas odeia o pecado”. O Ensino Religioso usa essa prática docente que tolera o homossexual, porém repudia e condena as práticas sexuais que envolvem a homossexualidade. Esse fazer, esse discurso é um “amor” descabido, é uma forma de conciliar o não fazer acepção de pessoas, com a compreensão equivocada da homossexualidade. Desta forma, o discurso homofóbico no currículo do ER ganha um tom paternalista. Essa dimensão cultural de natureza cognitiva da homofobia irá promover o discurso que nega os direitos civis e políticos aos homossexuais, pois não reconhece que são seres dotados dos mesmos direitos e com a mesma dignidade. Esse discurso não reconhece a legitimidade de sua existência e a naturalidade de sua orientação sexual. Esse discurso, que rejeita a homossexualidade; bem como o discurso de **dimensão pessoal de natureza afetiva**, que repudia os homossexuais; devem ser rejeitados e repudiados pelo currículo que se pretende ser plural, inclusivo e democrático.

Neste caso, a homofobia social - **dimensão cultural de natureza cognitiva** – servirá como instrumento para perpetuar as diferenças entre heterossexuais e

homossexuais/bissexuais; sempre com um discurso de tolerância, amor, compaixão e respeito; porém carregada com a negação dos direitos que pertencem exclusivamente aos héteros: casamento, adoção, ordenação sacerdotal, salvação... E essa exclusão e negação parece não afetar nenhum sujeito adepto a esse pensamento. É negado aos homossexuais gozarem vários direitos civis e isso parece ser aceitável a esse grupo que nada mais está dizendo, do que exatamente que o grupo LGBT é inferior, marginal e antinatural; e deve se restringir ao espaço marginal que lhe foi oferecido solitariamente nessa sociedade heteronormativa.

O Currículo mais que observar, perceber, reconhecer e aceitar as diferenças de orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero; precisa elevá-las a equidade, a igualdade de direitos, a obterem a mesma dignidade humana. Precisa construir possibilidades para o acolhimento e permanência de todos e todas na escola. Necessariamente buscando formas e desconstruindo sistematicamente a heteronormatividade posta nas escolas e plainar o solo da escola para receber uma cultura de diversidade. Precisa combater de maneira efetiva e contínua a lesbofobia, bifobia, homofobia e a transfobia. Para combater esse preconceito e discriminação que envolve diferenças sexuais, o Ensino Religioso precisa reconsiderar o conceito de verdades absolutas, pautar os mitos consagrados e se esforçar para compreender o significado simbólico do que está posto. Lembrar que “A menstruação era considerada ‘doença’, o sangue menstrual tóxico, dada a maldade essencial das mulheres” (HIGHWATER, 1992, p. 153). Perceber com isso que a ciência pode contribuir na desconstrução de ideologias que nada mais são do que ferramentas nas mãos do sexismo, do machismo, do heterossexismo, do racismo e da xenofobia. Somados ao conhecimento equivocado da menstruação, lembramos-nos da compreensão da igreja sobre a questão da negritude, onde não se reconhecia o negro como homem possuidor de alma; o caso da epilepsia confundida como problema espiritual; bem como o sinistromano: canhoto, considerado como possessão demoníaca até pouco tempo por muitos religiosos.

Nos processos de formação educacional, incluindo o ensino das religiões, tendo como diretriz produzir uma educação não sexista e não racista, sem distinção etária, de gênero, raça ou orientação sexual, é fundamental fazer a desconstrução dos estereótipos de gênero e suas múltiplas formas de marcar as diferenças para justificar a desigualdade (KLEIN, 2008, p. 48).

A história do Ensino Religioso no Brasil mostra que o método de sobrepor, impor a religião individual para um grupo, legitimado e protegido pelo espaço pedagógico, desconsiderando as diversidades, é uma prática exercida no Brasil desde os primeiros momentos da educação colonial, organizada imposta pelo Estado através dos Jesuítas. A igreja sempre participou do dispositivo político de controle: o corpo, a sexualidade e a política; instrumentos que de fato são inegáveis na construção do poder. Seus discursos, práticas e ritos são carregados de uma autoridade que não se permite ser questionada – sancionada ou não pelo Estado.

Essa relação social; onde o branco, europeu, hétero, cristão-católico é sempre o superior, o bem maior; existiu desde o início nas relações econômicas, políticas, culturais e sociais da educação brasileira. O instrumento ideológico “religião” sempre legitimou as desigualdades, a falta de equidade de gênero, orientação sexual, etnia, religiosa e cultural; produzindo violência e falta de justiça social nas relações sociais entre homens e mulheres; negros e brancos; héteros e homossexuais, cristãos e não cristãos. A igreja sempre construiu símbolos do que a religião compreende como ser representação própria e adequada do masculino e feminino. Desta forma, construindo papéis sociais superiores para determinados grupos protegidos pelo manto santo da “verdade absoluta” que não pode ser questionada.

Muitos alunos e alunas, que possui orientação sexual homo ou bissexual, acabam na escola se vendo obrigados, intimidados a se comportarem como heterossexuais; a esconderem suas reais paixões e não manifestarem nenhuma expressão de gênero que denuncie sua identidade sexual. Caso o façam, eles sabem que serão discriminados, isolados, insultados e agredidos, impedimentos de participarem de algumas atividades, de usarem alguns espaços e praticamente serão expulsos da escola. Serão considerados pecadores e marginalizados nas aulas de Ensino Religioso e considerados aberrações e doentes nas aulas de Ciências e Biologia; nas atividades, de Educação Física, serão ignorados e considerados como um “terceiro Sexo”. “A homofobia é um fenômeno largamente presente no ambiente escolar brasileiro” (CARRARA, 2009). As pesquisas apontam que muitas pessoas

LGBT “[...] relatam ter sido marginalizadas/os por educadoras/es ou colegas devido à sua sexualidade. Professoras/es e funcionárias/os também são vítimas deste tipo de discriminação (CARRARA 2009). A pesquisa, realizada com as pessoas presentes ao 9º Manifesto do Orgulho LGBT no Rio de Janeiro no ano de 2004 (CARRARA, 2005), aponta que 26,8% dos/as entrevistados/as mencionam ter sido marginalizados por professores/as ou colegas de escola/faculdade. Quando se faz um corte etário na pesquisa, observa-se que este percentual sobe para 40,4% entre os jovens de 15 a 18 anos.

Uma prática docente no Ensino Religioso, que demonstre a necessidade e importância da equidade; que valorizem e promovam a diversidade; desconstruindo a idéia de verdade absoluta, e abrindo portas para outras possibilidades; trilhando e consultando outros e diferentes textos sagrados; essa prática docente combinada com os conteúdos programáticos que discutem alteridade; biodiversidade da vida, outras relações de gênero; princípios de direitos humanos e da dignidade humana; diversidade religiosa e cultural; é de fato um grande desafio. Desafio que deve ser perseguido por todos nós educadores e participantes de uma sociedade que desejamos ver com mais justiça social.

O profissional docente de Ensino Religioso, aquele que ministra aulas dessa disciplina, precisa ser segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso – PCNER, elaborado e sugerido pelo FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso; “[...] um profissional de educação sensível à pluralidade, consciente da complexidade sociocultural da questão religiosa e que garanta a liberdade do educando sem proselitismo [...]” (FÓRUM, 1997, p. 5).

Esse profissional precisa saber trabalhar com as diversidades, sejam quais forem, e sobre tudo administrá-las nas diversas maneiras de pensamento que as religiões tem sobre determinadas pautas. Possibilitando conforto e acolhimento aos diferentes.

Em pesquisa publicada no livro *Laicidade: O Ensino Religioso no Brasil*, baseada na análise de 25 livros de Ensino Religioso dos mais utilizados nas escolas públicas brasileiras, concluiu-se que existe um significativo estímulo à homofobia, lesbofobia,

transfobia e bifobia; bem como uma forma compulsória de ser e pertencer à religião cristã. Os livros oferecem espaço totalmente desigual para as religiões, colocando o cristianismo em lugar de destaque e sempre de forma favorecida. A imagem de Jesus Cristo, por exemplo, aparece infinitamente mais vezes que de qualquer outra referência religiosa. Em relação com a figura de destaque do Budismo: Dalai Lama, Jesus aparece 12 vezes mais. O cristianismo é mencionado 609 vezes, já as religiões afro-brasileiras são citadas apenas 30 vezes (DINIZ; LIONÇO; CARRIÃO, 2010).

A pesquisa também destaca a forma explícita de homofobia. Trazendo a homossexualidade como sinônimo de: “desvio moral”, “doença física ou psicológica”, “conflitos profundos”, “fato não natural” e outros tantos termos. Além disso, percebe-se que alguns livros de ER trazem além da mensagem homofóbica, também atividades pedagógicas que estimulam esse comportamento, questionando a homossexualidade e descaracterizando uniões homoafetivas (DINIZ; LIONÇO; CARRIÃO, 2010).

A discriminação chega ao ponto de considerar os ateus como nazistas e caracterizá-los como pessoas rudes, violentas e perigosas. Na realidade, como diz a pesquisa, há uma profunda confusão, acredito que proposital, entre o que seja de fato Ensino Religioso estabelecido pela LDB, e com o que se faz na escola, a partir do currículo de ER, que a pesquisa chama de Educação Cristã (DINIZ; LIONÇO; CARRIÃO, 2010).

Para Gedara, a religião tem um poder monstruoso de produzir e reproduzir discriminações e violências, em especial a religião cristã. A religião se apresenta, segundo Gedara, como uma entidade universal dotada de potencialidades inquestionáveis e dona de uma verdade única, absoluta e incontestável. Porém, Gedara, no plano da teologia ecofeminista, reconhece a possibilidade que a religião tem de abrir caminhos e propõe a perspectiva da biodiversidade religiosa, a biodiversidade do cosmos, da Terra e das infinitas culturas.

A biodiversidade religiosa abre as portas para outro tipo de consideração [...] Trata-se de admitir que é tecida uma teia religiosa a partir da

experiência de homens e mulheres, brancos e negros, amarelos ou mestiços, heterossexuais, homossexuais, bissexuais. Essa teia de sofrimentos, alegrias e esperanças, embora guarde um fundo semelhante aos diferentes grupos, é experimentada na sua diferença, na sua particularidade, na sua historicidade própria ( GEBARA, 1998, p. 105).

Esse desafio precisa seguir nessa construção de um currículo para o Ensino Religioso que possibilite um espaço de formação de novos conceitos e articulação de diferentes áreas que estejam numa proposta de dimensão interdisciplinar. Ressignificando ações e efetivando práticas inovadoras que dialoguem com as realidades sociais vivenciadas pelos docentes e discentes. Resgatando princípios que sejam vitais e de dignidade nas relações do cotidiano da vida humana.

Essa proposta pedagógica inclusiva; que não isola o currículo do ER, mas o coloca em posição de diálogo permanente com outras disciplinas: tais como a história, biologia, filosofia, geografia, artes, sociologia... converte o ER para uma proposta, de fato, mais acolhedora às diversidades, mais humana, educativa; onde se respeita o outro, em que se dá visibilidade a todos, combatendo e eliminando preconceitos e estereótipos, e construindo um ambiente da cultura da paz.

O currículo do Ensino Religioso precisa não só respeitar as diferenças, mas sobretudo celebrá-las como algo definitivamente muito bom para toda a sociedade. Mostrar as riquezas de nossa tão distinta e singular construção, seja biológica, social, cultural... Precisamos compreender que:

[...] a aceitação do outro não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente porque admite que, sem alteridade e o outro, nenhuma identidade poderia se afirmar. Este é um pluralismo que valoriza a diversidade e o dissenso e não tenta estabelecer uma esfera pública a partir da sua eliminação, uma vez que reconhece neles a real condição da possibilidade de uma vida democrática a ser conquistada (MOUFFE, 2003, p.11-26).

Nessa nova proposta, o ER precisa estar coerente com o Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos e com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH.

a) Criar uma cultura universal dos direitos humanos; b) Exercitar o respeito, a tolerância, a promoção e a valorização das diversidades (étnico-racial, religiosa, cultural, geracional, territorial, físico-individual, de gênero, de

orientação sexual, de nacionalidade, de opção política, dentre outras) e a solidariedade entre os povos e nações (BRASIL, 2007, p. 17).

Esses princípios e políticas, dos Planos e programas de Educação em Direitos Humanos; devem nortear não só o currículo da disciplina de Ensino Religioso, mas também o currículo básico de toda educação. Bem como, nortear a construção dos demais documentos pertinentes ao fazer pedagógico e administrativo das escolas; tais como: PPP – projeto político-pedagógico, plano de curso das disciplinas, plano de aula das disciplinas, regimento comum das escolas, ou regimento interno escolar, e outros. E não só esses documentos, mas incluindo nesse sentido a necessidade de permear as formações continuadas do corpo docente, formações dos funcionários das escolas, nas conversas e diálogos com a comunidade, na escolha dos livros e materiais pedagógicos, na reforma e construções dos espaços físicos da escola, na compra dos acervos e materiais; na forma de administrar e gerir a escola... Construindo, dessa forma, uma cultura de direitos humanos em todo fazer e agir da escola e em seus raios de ação, que sofrem influência efetiva da escola.

A pauta da diversidade é um ponto de encontro entre a proposta do Ensino Religioso e a proposta de Educação em Direitos Humanos. Discutir diversidade reconhecendo e valorizando a alteridade tem sido o desafio complexo para a prática do ER. “O assunto já é muito abordado, sua importância é reconhecida, mas ainda há muito por fazer para que o assunto chegue de modo natural às práticas cotidianas do Ensino Religioso na organização escolar (KLEIN, 2008)”.

De maneira criativa, pedagógica o documento do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos – PNEDH - sugere incluir projetos que levem a escola a sair de seus muros e dialogar com as realidades sociais ao seu redor. Conhecer as violações de direitos humanos que acontecem em nossa cidade e Estado, por exemplo, podem significar muito na construção e formação cidadã de nossos alunos e alunas, que muitas aulas teóricas não teriam a capacidade de fazer. Propor, refletir e construir possibilidades de intervenção nessas realidades sociais a partir dessas experiências vivenciadas, é permitir que a escola construa mentes mais críticas, mais responsáveis e cidadãs.



Nesse sentido o PNEDH ainda sugere:

[...] fomentar a inclusão, no currículo escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, assegurando a formação continuada dos(as) trabalhadores da educação para lidar criticamente com esses temas (BRASIL, 2007, p. 24).

Essas novas, e diversas possibilidades de “abordagem da temática no Ensino Religioso como uma área de conhecimento da educação básica objetivam a formação do sujeito de direitos” (KLEIN, 2008).

Dr. Iran Pinel também escreve sobre a importância do aspecto de direitos humanos e democracia em assuntos de pedagogia:

A Pedagogia dos Direitos Humanos pode nos pontuar o valor de uma educação, que se reconheça numa luta árdua e sutil pela democracia, tornando-se mais e mais democrática à medida que é vivida numa nova dimensão coletiva. Somente aí ela será mais e melhor refinada, provocando o “ser mais” [...] da pessoa do cidadão. A democracia não está pronta, ela se faz aí no mundo em coletividade. Será Freire [...] quem irá nos pontuar que é possível atuar em favor da igualdade de direitos em um país cujo regime político é francamente favorável [...] (RODRIGUES; BARRETO (orgs), 2012, p. 210).

O CNE – Conselho Nacional de Educação também reconhece que o currículo do Ensino Religioso, bem como as outras disciplinas, também tem a responsabilidade de construção da cidadania dos sujeitos presentes à escola (BRASIL, 1998).

O “Programa Brasil sem Homofobia” (BRASIL, 2004) lançado pelo governo brasileiro em 2004, que propunha o enfrentamento a **lesbo-homo-bi-transfobia**, possui elementos que compreendem que:

[...] a democracia não pode prescindir do pluralismo e de políticas de equidade e que, para isso, é indispensável interromper a longa sequência de cumplicidade e indiferença em relação à homofobia e promover o reconhecimento da diversidade sexual e da pluralidade de identidade de

gênero, garantindo e promovendo a cidadania de todos/as” ( JUNQUEIRA, 2009, p. 15).

O “Programa Brasil sem Homofobia” reconhece que a escola é um espaço de reprodução da matriz da heteronormatividade; que nesse espaço se reproduz, privilegia os padrões de masculinidade e feminilidade, separando de maneira muito distinta esses papéis e produzindo de forma violenta e agressiva políticas de sexismo e machismo. Porém, o programa também reconhece que o espaço escolar é substancialmente importante na desconstrução do que está posto como padrão, e na discussão de uma pauta que corrobore com o respeito à diversidade e aos direitos humanos, contribuindo para modificar esse quadro de dominação (BRASIL, 2004).

É necessário compreender que “Nosso desafio não é o de criar cristãos, mas de criar pessoas honestas, humanas, solidárias, compassivas, respeitosas da natureza dos outros. Se conseguirmos isso é o sonho de Jesus realizado” (BOFF, 2012).

Portanto, a prática docente do Ensino Religioso associada à promoção da liberdade sexual e ao acolhimento das diferenças, incluindo nelas as homossexualidades; encontra respaldo legal no **PNDH3** – Programa Nacional de Direitos Humanos - Decreto nº 7.037, de 21 de Dezembro de 2009, no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - **PNEDH** (2006), no **Programa Brasil sem Homofobia** (2004), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – **LDB** / Lei 9394/96, na **Constituição Federal do Brasil** (1988), nas **Orientações Curriculares Nacionais**; bem como os documentos internacionais dos quais o Brasil é signatário: **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1948), **Princípios de Yogyakarta** (Indonésia, 2006), **Declaração da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata** (Durban, 2001), dentre outros.

#### 4 ESCOLA: ESPAÇO DE INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

*“A coisa mais fácil do mundo é encontrar diferenças. Difícil é harmonizá-las.”*

**Dalai-lama**

*“Pessoas gays nascem e existem em todas as sociedades do mundo. Eles são de todas as idades, todas as raças, todas as fés. Eles são médicos e professores, fazendeiros e banqueiros, soldados e atletas. Reconheçamos ou não, eles são nossa família, nossos amigos e nossos vizinhos. Ser gay não é uma invenção ocidental. É uma realidade humana”.*

**Hillary Clinton**

A escola, bem como todo o sistema de ensino, deve ser um instrumento político efetivo na construção da emancipação de toda cidadã e todo cidadão. Ela deve ser um espaço altamente democrático, privilegiadamente justo e com equidade; apontando caminhos para a superação de todo e qualquer preconceito; reafirmando a necessidade de respeito às diversidades e de valorização da pluralidade, tão presente em nossa sociedade brasileira e capixaba. Todavia; “A discriminação é uma prática social que marca o cotidiano das escolas. Opera a desqualificação do outro, podendo acarretar graves danos pessoais e sociais [...]” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 9).

É muito comum encontrarmos adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais – LGBT – expressarem em lágrimas e desespero a exclusão social pela qual passam ao entrarem no ambiente da escola pública brasileira. Uma aluna de Ensino Médio em escola pública estadual de Cariacica/ES desabafa e se expressa:

“Na minha escola, os casais se beijam e ninguém fala nada; apenas não sabia que esse direito era só para meninos que beijam meninas; fui eu,

menina, beijar minha namorada e a escola me detonou; virei alvo de piadas e comentários de péssimo gosto” (Alun@ 07A).

Outro aluno de uma escola pública municipal de Cariacica, cursando a 8ª. série, menciona: “Me sinto super mal, quando o professor de Ensino Religioso fala em suas aulas que ser gay é pecado; todos olham para mim, me sinto um lixo” (Alun@ 012A).

Essa é uma realidade vivenciada, todos os dias, por centenas de alunos e alunas das redes públicas municipal e estadual, no município de Cariacica, no estado do Espírito Santo. A agressão a livre expressão da orientação sexual e identidade de gênero, que pode se manifestar de diversas maneiras: com uma calúnia, violência física, bem como ausência do debate e as diversas tentativas de invisibilizar esse público; tem seus contornos, não só entre os pares, mas também tem iniciativas no próprio corpo docente; bem como na estrutura física da unidade de ensino, nos livros didáticos, no cenário que compõe os corredores e salas; enfim, em todo o currículo formal e participativo do espaço escolar. As escolas expressam de forma velada e não poucas vezes de forma explícita a desconsideração para com a diversidade sexual, e desta forma promovem sistematicamente a homofobia em seu espaço.

João Augusto, aluno homossexual de um cursinho pré-vestibular em Campinas, se sente extremamente ofendido com as diversas piadinhas feitas pelos professores – quase todas tendo gays como alvo. “Como fazer com que essas piadinhas acabem, sem me expor?”, questiona ele. “O que fazer quando as pessoas que deveriam nos proteger em sala são as que mais agridem?” (GGB - <http://www.ggb.org.br/educacao.html>).

Nos últimos anos, o que percebemos é uma escola que em função da pauta dos direitos humanos, começa a diminuir o discurso homofóbico explícito; porém, ele se amplia de forma velada, ficando implícito aquilo que não foi expressamente dito. Os discursos velados em favor da homofobia na escola se constrói a partir do silenciamento em favor da dignidade humana de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais - LGBT. Enquanto a escola invisibiliza o público LGBT e promove uma política heterossexista, ela está dizendo que as homossexualidades são “antinaturais”.

O fato dos livros didáticos não apresentarem as diversas orientações sexuais, as diferentes identidades de gênero, não apresentarem os diferentes arranjos familiares existentes; o mural escolar que comemora o dia da família na escola, apenas e sempre apresenta um casal: heterossexual, branco, cristão, ocidental, de classe média... “perfeito”; enquanto essa prática persistir, as escolas estão ensinando a comunidade de forma velada e às vezes explícita um padrão de gênero e sexualidade que vai construir uma sociedade machista, sexista, homofóbica, racista, intolerante às diversidades religiosas, culturais, sociais.

Como conclui a pesquisa nacional da FIPE/INEP/MEC, a escola brasileira é preconceituosa e altamente discriminatória “[...] que estas práticas discriminatórias tem como principais vítimas os alunos, especialmente negros, pobres e homossexuais [...]” (MAZZON, 2009, p. 352).

O discurso de respeito à diversidade sexual é inexistente no currículo escolar, é totalmente omissivo; e quando existe é muito minoritário e não encontra eco, e nem respaldo no cotidiano da prática pedagógica efetiva da e na escola; e é apresentado de maneira fantasiosa e descabido. Desta forma; a escola se torna um espaço de muita opressão, muita violência, discriminação e preconceitos para esse seguimento da sociedade; e essa prática tem a participação ou a omissão de seguimentos e entidades que compõe a comunidade escolar, ou por força de lei está obrigado a lhe oferecer suporte.

Assim, a escola vem construindo para o país um quadro de extrema violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais – LGBT; trazendo resultados nefastos para a construção da autoestima desses cidadãos e cidadãs LGBT, bem como consolidando o Brasil como país que comete o maior número de assassinatos homofóbicos. 44% de todos os assassinatos homofóbicos do mundo recai sobre um único país: Brasil, segundo os dados organizados por Luiz Mott (MOTT, 2012).

A causa desse nefasto quadro sem dúvida é o resultado de uma cultura heteronormativa que a escola insiste em não desconstruir, mas cristalizar e perpetuar com suas práticas pedagógicas. Contribui com esse quadro a ausência, a

lacuna na formação inicial e continuada de educadores e educadoras com a temática dos direitos humanos e em especial com o recorte da diversidade sexual; bem como a discussão de inserção no currículo básico dessa temática, que não raras vezes ainda omite essa pauta, ou a discute de maneira muito tímida sem o devido contorno necessário e urgente.

A pesquisa realizada pela UNESCO Brasil constatou-se que 47,9% dos docentes de Vitória/ES declararam não saber como abordar temas relacionados à homossexualidade em suas aulas; e mais de 44% dos estudantes do sexo masculino de Vitória/ES não gostariam de ter colegas de classe homossexuais. (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Para além das violências físicas e emocionais; a prática da escola ao discriminar formas não hegemônicas de masculinidades, ou qualquer comportamento que escape aos padrões estabelecidos para cada gênero a partir da heteronormatividade; produzirá nos sujeitos pertencentes à comunidade escolar, em especial aos discentes, uma dificuldade de aprendizagem, uma dificuldade em desenvolver habilidades inerentes ao conhecimento e as relações interpessoais.

“Finalmente, observou-se que em escolas em que os escores que medem o preconceito e o conhecimento de práticas discriminatórias apresenta valores mais elevados tendem a apresentar médias menores para as avaliações na Prova Brasil. Do ponto de vista do preconceito, nota-se ainda que a relação é mais forte para o preconceito dos alunos, ou seja, em escolas em que os alunos apresentam maior preconceito, as avaliações tendem a ser menores. Entretanto, escolas em que os alunos apresentam predisposição em manter contatos de menor proximidade com os grupos sociais pesquisados tendem a apresentar melhores resultados na prova Brasil” (JUNQUEIRA, 2009).

A escola tem muita dificuldade de trabalhar com tudo que foge as classificações binárias, porque estas diferenças vão desestabilizar o padrão escolar que não está preparado para discussões complexas. A preferência por adotar a heterossexualidade como “natural”, “normal” e “pressuposto universal” é realmente muito cômodo. Criar distinção bem marcada entre homem e mulher e trabalhar para impedir outras possibilidades é próprio dessa escola que estamos falando. Esse também é assunto muito debatido por Elena Bilotti:

A cultura à qual pertencemos, como qualquer outra cultura serve-se de todos os meios à sua disposição para obter dos indivíduos dos dois sexos o comportamento mais conforme aos valores que lhe interesse conservar e transmitir. O objetivo da identificação de uma criança com o sexo para o qual a designaram é conseguido com bastante rapidez e não existem elementos para deduzir que este complexo fenômeno tenha raízes biológicas (BELOTTI; ALVES, 1985).

Os livros didáticos, segundo Débora Diniz, também vão trabalhar nessa lógica do binarismo, segundo ela:

[...] Nos livros didáticos [...] muito precocemente, as crianças aprendem a indexar o universo social pela dicotomia de gênero. Não existem corporificações para além desse binarismo, por isso não se fala de homossexuais, bissexuais, travestis ou transexuais. (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 52).

É muito cômodo trabalhar na escola com a **dualidade**, com esse sistema binário, dual, simétrico, ou seja, heteronormativo: homem-mulher, céu-inferno, mar-terra, preto-branco, mal-bom, macho-fêmea, vulva-pênis, rico-pobre. É muito fácil e sem esforço; nada desafiador, nem provocador e muito menos tencionador. Acreditar que os **aspectos genótipos – sexo biológico** (órgãos sexuais: vulva, ovários, útero – Saco escrotal, testículos, pênis) serão os únicos elementos responsáveis pela determinação de nosso **fenótipo – identidade sexual** (identidade de gênero e orientação sexual) é desconsiderar as inúmeras variáveis as quais estamos submetidos; é não colocar-se à disposição para rediscutir, problematizar e encontrar caminhos para os quais sabemos que não se aplicam os mesmos procedimentos. E desta forma, a escola sacrifica vidas, mata sonhos em nome do fácil, do tradicional; do currículo “natural e comum” este que não atende nossas complexidades e não dá conta de nossas infinitas formas de ser e de ser compreender. Por isso alguns pesquisadores e estudiosos desse recorte, preferem falar em **“homossexualidades”**, pois usar tais palavras no plural “ganham forças no acontecimento e são tencionadas a contar outras histórias” (RODRIGUES; BARRETO; 2012).

Na mesma perspectiva lembramos os questionamentos que Leonardo Boff faz às categorias dualistas de “imanência” e “transcendência”, oriundas do mundo grego [...] Ele sugere que as abandonemos [...] por uma razão teológica sustentada pela encarnação da divindade nos contextos concretos diversificados da vida humana. A idéia da divindade que desce não é

prerrogativa do cristianismo. Ela está presente no judaísmo e no islamismo [...] as religiões afro-brasileiras. Boff propõe o conceito **transdescendência**. [...] a torre de Babel, em Gênesis 11 – sempre foi lida como símbolo do orgulho e do poder humano. Proponho uma outra leitura mais rente à terra, como o são as políticas públicas que sustentam a diversidade: Deus desce e diversifica os povos, espalhando-os pela confusão das línguas [...] a proposta de Leonardo Boff: a **transdescendência** oportuniza a diversidade (KLEIN, 2008, p. 16).

As diferenças entre os sexos de fato existem, todavia essas diferenças não podem nos predestinar para esse ou aquele papel. Não podemos ter papéis sociais pré-concebidos a partir de nosso sexo biológico. Muito menos em função de nosso gênero. A esfera social e política que estão por traz dessa discussão precisam ser descortinadas, exploradas; e esse sexismo banido de nosso currículo escolar.

Na realidade, alunos gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais; aqueles que “transgridem” a “norma do gênero”; levam o imprevisível para a escola. E desta forma; altera padrões, desacomoda saberes, perturba a discussão; e a escola não se reconhece como espaço inclusivo para esse debate complexo de cidadania e direitos humanos. E assim; proíbe, inibi, exclui, restringe; e esse público se vê obrigado a evadir-se de um espaço que não se sente pertencente, não lhe é próprio, nem acolhedor; que não lhe inclui e não lhe reconhece como pessoa humana portadora dos mesmos direitos que qualquer outra pessoa.

A promoção da homofobia e do sexismo não somente pertence à escola, que é uma reprodução da sociedade ao seu redor; mas também a opinião pública brasileira que está muito longe de assimilar um debate científico e acadêmico com respeito à discussão da diversidade sexual; porém isto porque a escola não faz seu trabalho de desconstruir preconceitos e promover o respeito às diferenças, mantendo essa sociedade com esse pensamento em favor de um sistema heteronormativo. As pesquisas de opinião pública realizada por 2 entidades: Fundação Perseu Abramo e Fundação Rosa Luxemburg (Fundação Perseu Abramo, 2008) mostram dados que revelam que a maioria de nossa sociedade, e principalmente **educadores e educadoras**, concordam que os comportamentos e papéis sexuais são definidos pelo sexo biológico, ou seja, ao nascer; ou mesmo antes disso. Desta forma, temos uma escola não preparada para fazer as discussões de gênero, muito menos da diversidade sexual. A escola não deu conta das sexualidades, muito menos das



homossexualidades; porém não deu conta em função de seu currículo ser muito tradicional, machista, sexista, heterossexista e veladamente homofóbico, quando não explicitamente.

A escola pública, entidade responsável pela formação acadêmica e social de crianças, adolescentes e jovens para o efetivo exercício de sua cidadania, assume um importante papel de intervenção e sistemática transformação social. Porém diversas pesquisas, tais como a da **UNESCO Brasil, 2004: Juventudes e Sexualidade** (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004); **FIPE/MEC/INEP** (BRASIL, 2009); **Homofobia e Educação** (LIONÇO, DINIZ, 2009); e diversos outros estudos têm apontado a escola pública como um espaço de grande intolerância e muita violência física, moral, psicológica, cultural e institucional; e em especial a negligência e violência para com lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais, violência conhecida como homofobia ou lesbo-homo-bi-transfobia. Na realidade, esses estudos e pesquisas apontam a escola pública como espaço altamente produtivo para a expressão da violência a esse público específico.

A escola pública apresenta a heterossexualidade como compulsória, e desta forma, aciona dispositivos curriculares formais e participativos que vão inibir, coibir, impedir, reprimir, limitar e proibir qualquer expressão de gênero; seja afetiva, sexual ou moral que não esteja compatível, ou destoa do padrão posto pela heterossexualidade, padrão esse que ela assumi como identidade e a única possível. Pois considera as homossexualidades uma ameaça ao padrão que essa escola coloca como normal e desejável. Ameaça porque desconstrói a heteronormatividade, propondo o cruzamento e rompimento das fronteiras, a eliminação de masculinidades e feminilidades inalteradas e estancadas. Rediscutindo os papéis de gênero posto como inalterados e desacreditando na ordem da hierarquização das sexualidades.

Assim sendo; o sexismo, machismo e a **lesbo-homo-bi-transfobia** vão estar organizados em diversas formas expressivas de discriminação e preconceito no espaço público da escola; desde o currículo participativo, que envolve arrumação e disposição dos corredores, acervo e uso da biblioteca, utilização dos banheiros, construção das imagens na escola (quadros, murais, fotos, cartazes, pinturas na parede, cores dos prédios), escolha dos materiais pedagógicos, prática docente,

atendimento dos funcionários e das funcionárias da escola...; até o currículo formal: conjunto de documentos que elaboram os conteúdos sistemáticos do sistema educacional e da própria escola. Todo esse ambiente formal e informal da educação, de acordo com as pesquisas apresentadas estão corroborando para que o espaço público escolar seja de fato um espaço altamente homofóbico, ou por assim dizer lesbo-homo-bi-transfóbico.

A homofobia é uma atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres. [...] Mesmo que seu componente primordial, seja, efetivamente a rejeição irracional e, até mesmo, o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a esse aspecto.

Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado à distância, fora do universo comum dos humanos [...] (BORRILLO, 2010, p. 13).

A homofobia é muito cruel, porque se difere muito do bullying. Enquanto o bullying é uma violência entre os pares; a homofobia é uma violência onde o agressor pode ser um par, ou um superior: professor, gestor, funcionários da escola. A homofobia pode ser também institucional e estar presente nos materiais pedagógicos e instrumentos da escola.

A homofobia coloca cada gay, lésbica, bissexual, travesti e transexual em uma opressão e luta isoladamente; porque não são como grupos de judeus, negros, evangélicos... que sofrem a opressão e voltam para suas casas e são acolhidos pela família e pelos próximos que também são judeus, negros, evangélicos. A criança gay, que nem sequer se descobriu como tal, apenas sabe que algo é diferente nela, e que essa diferença que não é de seu controle pessoal, é motivo de chacota e exclusão; essa criança retorna para sua casa, para o sei de sua família e não pode contar e nem falar sobre o assunto; não será abraçada e nem acolhida, pois nas famílias brasileiras o padrão também é heteronormativo. Os homossexuais, comumente, são de famílias heterossexuais, e quando expõe sua sexualidade, não raro são excluídos e expulsos de suas casas.

Meu pai reuniu toda a família, inclusive tios, tias, primos e primas; a sala estava lotada. Não imaginava o que estava para acontecer. Meu pai me

chamou e me colocou no centro daqueles que ali estavam; e falando alto e nervoso, disse que aquela era uma família cristã, e que naquela casa homossexualismo não era bem vindo. Disse para todos que cansou de oferecer oportunidades de mudança, como eu me mantinha na proposta de ser gay, deveria deixar imediatamente a sua casa. Meu pai era líder de igreja, todos ouviram silenciosamente e me olhavam com reprovação. Eu era apenas um jovem tentando compreender porque a vida me pregou essa peça. Fui expulso de casa naquela noite e nunca mais morei com eles. Ninguém impediu minha saída, mesmo sabendo que eu não tinha para onde ir (Profess@r 3A).

O homossexual sofre de maneira isolada, solitária. Esses adolescentes e jovens não encontram referências nas escolas, não conseguem encontrar um professor, uma professora que possa ajudá-los em suas ansiedades e angustias. E normalmente vivem em lares que são hostis a homossexualidade, por isso muitos LGBT acabam vivendo isolados de seus familiares. Essa angustia, e opressão, somadas ao estar solitário, pode não raras vezes levar ao suicídio.

A Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, realizou um estudo sobre homossexualidade e Suicídio (HATZENBUEHLER). A pesquisa apontou que a probabilidade de um jovem homossexual cometer suicídio é 5 vezes maior que um jovem heterossexual. 32 mil jovens anônimos participaram desta pesquisa, que também concluiu que:

[...]ambiente em que o jovem convive pode fazer muita diferença. Os adolescentes que vivem e estudam em locais que aceitam melhor gays e lésbicas têm 25% menos probabilidade de tentar suicídio do que os ambientes mais repressores (HATZENBUEHLER, Mark L.).

“O Grupo E - jovem aponta para uma taxa anual de suicídios entre os adolescentes LGBT brasileiros superior a mil, o que ultrapassa também a média internacional” (E - jovem).

A homofobia trabalha nessa lógica de inferiorizar o outro, o diferente. O objetivo é sempre desqualificar o outro e colocá-lo a margem do que é normal, superior e natural. Essa exclusão, repulsa e ódio se organiza de maneira doutrinal no currículo do Ensino Religioso, se apodera de um discurso de autoridade divina com argumentos calculados, estruturados e comprovados a partir daquilo que se acredita ser a interpretação verdadeira e absoluta da Bíblia. Relegando assim os alunos e as alunas LGBT a um nicho marginal, fora da proposta divina da cristandade. E pior

ainda, isso tudo feito sobre o manto do aspecto paternalista de amor e respeito aos homossexuais e intolerância apenas a homossexualidade. Como se fosse possível fazer essa dissociação entre o “ser e fazer”. Essa teoria é tão nefasta e devastadora, que alguns homossexuais contaminados por esse discurso religioso paternalista, chegando à conclusão de sua real identidade sexual, decidem abrir mãos do comportamento sexual, das práticas afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo, vivendo em castidade para alcançarem e serem dignos do reino dos céus. A castidade voluntária por motivos diversos é uma coisa; a castidade construída sobre o aspecto do preconceito e da discriminação é outra coisa.

A escola tem trabalhado na lógica heterossexista (BORRILLO, 2010), e tornado o público LGBT totalmente invisibilizado em seu espaço; porque a escola parte do pressuposto que seus alunos e alunas são todos e todas heterossexuais e não abre espaço para que de fato nossa juventude assuma sem culpas suas diversas e diferentes sexualidades.

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém "assuma" sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo — inato a todos — deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância. (LOURO, 1999, p. 30)

Mesmo que todas as alunas e todos os alunos de uma determinada escola fossem heterossexuais; isso não diminuiria a necessidade daquela escola discutir essa pauta com muita responsabilidade e dentro de um programa de curso e prática docente inclusiva, e tratar o currículo tendo a diversidade sexual como pressuposto necessário, natural e factual. Essa necessidade por si só, já seria o suficiente; porém ao considerar que as identidades de gênero podem não ocorrer no tempo que prevemos, e que as expressões de gênero podem ser diferentes do que imaginamos ser a orientação sexual daquele que ora a expressa, então a escola nunca terá certeza e nem é preciso ter, se seu corpo discente e docente é todo formado por heterossexuais.

“[...] Não se sabe, a princípio, quem é ou não homossexual. Muitos adolescentes que começam a reconhecer desejo por pessoas do mesmo sexo se sentem constrangidos pela desvalorização corriqueira da homossexualidade e tendem a omitir sua condição, não encontrando na escola ou no/a professor/a uma referência para compartilhar suas dúvidas sobre sexualidade. Esse segredo em relação à própria vivência da sexualidade tem conseqüências para a saúde: não se pode saber ou ter informações sobre aquilo que não pode ser dito” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 11).

As escolas precisam criar uma cultura de inclusão, de pertencimento, pois o que estamos vendo é uma proposta de currículo excludente; onde o público LGBT é excluído da convivência social e democrática da escola. E se a escola não acolhe esse público, teremos um grupo marginal na sociedade; é o caso de várias travestis e transexuais, que são muito vulneráveis à exclusão da escola, e utilizam da prostituição para sobrevivência.

A escola tem a responsabilidade de receber, acolher e permanecer com seus sujeitos até a profissionalização; quando isso não ocorre evidencia-se o fracasso da escola. Os brinquedos e brincadeiras oferecidas e utilizadas pelas escolas não tem características de uma pedagogia inclusiva, real e construída a partir do cotidiano dos seus sujeitos. As brincadeiras e atividades previstas pela escola, como apresentam as pesquisas, são sexistas, machistas, heterossexistas, racistas e intolerantes. Esse segundo aponta as indicações de nossa pesquisa é uma causa para a construção de uma escola homofóbica, que prioriza a heterossexualidade.

As crianças não têm possibilidade de brincar com bonecos “diferentes”, seja em relação a diferenças raciais, étnicas, de gênero ou de geração. Nas salas de aulas de nossas crianças, onde estão os gordos, os cegos, os que andam em cadeiras de roda, os portadores de síndrome de Down, os idosos, os gays, os que usam óculos (DORNELLES, 2004 apud KLEIN, 2008, p. 67).

E neste caminho, o currículo do Ensino Religioso deve e pode ser construído para ser mais democrático, mais inclusivo; atendendo aos desejos e às necessidades tão distintas de nossos alunos e alunas; desconstruindo, desta forma, padronizações, modelos e estereótipos que nada tem em comum com as realidades vivenciadas nos cotidianos. Oferecendo a certeza e segurança às pessoas o direito à dignidade, à liberdade e sua forma muito peculiar de amar e se relacionar afetivo e sexualmente

com o outro, que é objeto de seu desejo. Isso dentro dos limites da lei, promovendo e socializando nosso repúdio a práticas criminosas como a pedofilia, estupro e zoofilia, que nada tem a ver com a diversidade sexual.

Construir essa proposta educacional de um Ensino Religioso que é aberto às diversidades sexuais, oferecendo possibilidades nas relações de igualdade, alteridade, direitos humanos; é sem dúvida nosso grande desafio para a educação de hoje. Pois a prática docente do Ensino Religioso colocada na atualidade, é muito diferente desta nova proposta que caminha com respeito e tolerância sob os aspectos do direito, da cidadania e da democracia, como diz o Dr. Júlio Zabatiero:

[...] a ação de tolerar não pode se basear em desnível de valor, pelo contrário, a ação de tolerar demanda que - independentemente de se considerar esta ou aquela visão de vida "melhor" ou "pior", a pluralidade democrática demanda que todas as concepções de vida sejam tratadas igualmente do ponto de vista dos direitos de cidadania. Assim, cada membro da sociedade tem o direito de viver a sua vida do modo como desejar, dentro apenas dos limites dos direitos de cidadania de todos os membros da sociedade. Uma das consequências desta noção é: não se pode usar a crença religiosa como fundamento para a agressão (simbólica ou física) contra outras pessoas ou crenças, posto que tal ato, não somente é criminoso, como, enfim, odioso em sua contradição das premissas básicas da crença em um deus amoroso (ZABATIEIRO, 2012).

Para isso, preciso de docente que tenham uma prática docente verdadeiramente inclusiva, com ideias libertadoras, com pensamento mais acolhedor e uma práxis mais voltada a pluralidade; como diz o Dr. Iran Pinel:

Há professores que subvertem a ordem; há aquele que permite e reconhece o direito da voz ser expressa sem punições; que advoga ideias libertadoras e libertárias – que produz “inter(in)venções psicopedagógicas” e pedagógicas de sentido. Não podemos colocar todos os professores e professoras no mesmo horizonte de intervenções quando o currículo reclama em trazer “grandes ausências” como as temáticas homossexuais, homoafetivas, homoeróticas ou simplesmente gays (PINEL, 2004, apud RODRIGUES; BARRETO, 2012, p. 198).

A homofobia, da mesma forma que outras intolerâncias, também se constrói através das emoções, de condutas e dispositivos ideológicos que envolvem: crenças,

convicções, mitos, dogmas, práticas, procedimentos, teorias, doutrinas... (LIONÇO; DINIZ, 2009). A compreensão da necessidade de discutir a diversidade sexual na escola, e ter uma prática docente de pertencimento, acolhimento dentro dos conceitos da aplicabilidade da inclusão; não ocorre pela construção das teorias postas sobre o ser humano e sua sexualidade. A necessidade urge no currículo escolar, porque faz parte das vivências dos elementos que chegam a nossa escola, e porque o sistema posto da heteronormatividade desqualifica esse público causando um resultado nefasto de dimensão pessoal e social incalculáveis.

## 5 LAICIDADE, DEMOCRACIA E DIREITOS

*"Discriminar nossas irmãs e nossos irmãos que são lésbicas ou gays por motivo de sua orientação sexual é para mim tão totalmente inaceitável e injusto quanto o apartheid... Opor-se ao apartheid foi uma questão de justiça. Opor-se à discriminação contra as mulheres é uma questão de justiça. Opor-se à discriminação por orientação sexual é uma questão de justiça. É improvável que o Jesus a quem louvo colabore com aqueles que vilipendiam e perseguem uma minoria que já é oprimida."*

**Desmond Tutu**

*Arcebispo Anglicano e Nobel da Paz em 1984*

Pautar o assunto da laicidade do Estado brasileiro, no contexto que estamos discutindo: Diversidade Sexual no currículo do Ensino Religioso, é de especial importância. Falar sobre laicidade, anticlericalismo e ateísmo é necessário para contribuir com este trabalho no sentido de construir um país onde ocorra liberdade, inclusão, e direitos para todos e todas independente de sua orientação sexual e identidade de gênero. Em síntese, isso é cidadania, o pleno exercício da cidadania em um país que se propõe ser democrático.

O modelo de laicidade também precisa ser considerado, uma vez que o modelo brasileiro é muito diferente do modelo do Uruguai, e estes modelos diferentes do modelo Francês, que por sua vez é um modelo muito peculiar, como diz alguns críticos: modelo exclusivo e inventado pela e para a França.

Toda a discussão da laicidade é pertinente para esse estudo, porque ela traz consigo o fato de até quanto da religião e do Estado podem ser misturados? Ou andar juntos? Os assuntos religiosos podem interferir em assuntos de política de governo? Em política de Estado?



Considerando a laicidade do Estado brasileiro; como poderemos ter Ensino Religioso nas escolas? Como garantir a laicidade de nosso Estado oferecendo em ERE em nossas unidades públicas de Ensino? Perguntas como estas precisam ser esclarecidas para melhor construir as conclusões de nossa hipótese.

A laicidade é um conceito que emancipa, afasta o Estado de assuntos religiosos, crenças, dogmas. Ou seja, Estado e Igreja ficam como entidades distintas e com objetivos diferentes; o primeiro de interesse público e a segunda de interesse privado. Historicamente, a laicidade no Brasil resulta em o Estado não se submeter aos assuntos, influência e interesses da Igreja. Desta forma, o cidadão passa a ter sua cidadania apenas ligada ao Estado e não mais a igreja. A igreja passa fazer parte da vida privada do sujeito, enquanto o Estado é espaço da vida pública (DOMINGOS, 2009).

Na história temos Descartes, Condorcet e Comte como filósofos que iniciaram uma discussão sobre a laicidade; nessa discussão inicial, Condorcet acaba assegurando a necessidade de separar a escola da religião, pois ele promove uma separação conceitual e significativa entre “Educação” e “Ensino”. Condorcet foi o primeiro filósofo a discutir a necessidade e importância da laicidade da escola (CONDORCET, 1791).

Com a laicidade, nascimento (certidão de nascimento), casamento (certidão de união civil) e óbito (certidão de óbito) passam a ser normatizados e controlados pelo Estado e não mais pela Igreja. Portanto, laicidade do Estado pressupõe um Estado que não beneficie nem essa nem aquela religião, que seus atos oficiais não podem e não devem ser influenciados por nenhuma religião, credo ou dogmas; porém no caso brasileiro, se mantém relação de respeito e do direito ao culto desde que reservado ao particular e nos moldes da lei. Todavia, não é exatamente isso que observamos nos espaços públicos do poder, infelizmente encontramos escolas públicas carregadas de influências das religiões, vemos alunos e alunas sendo discriminados e excluídos das escolas por não se adaptarem a essa ou aquela doutrina religiosa.

É muito comum, entramos em escolas brasileiras e encontramos símbolos do cristianismo espalhados por todas as partes: crucifixos, imagens, terços, bíblias...

Os princípios de liberdade e democracia, de laicidade e o aspecto público da escola brasileira estão comprometidos. O princípio da neutralidade religiosa na escola, tem sido muito questionado, inclusive a partir da oficialização da disciplina do Ensino Religioso.

A separação entre Igreja e Estado, e os aspectos da liberdade de culto e reconhecimento da diversidade religiosa, são assuntos que precisam ser mais cuidadosamente observados e estudados pelos docentes e gestores, em especial pelo grupo que atua diretamente com o currículo do Ensino Religioso Escolar.

Compreendemos então, que o fundamento da laicidade é o afastamento da religião em relação ao poder político e administrativo do Estado; e ao mesmo tempo, o respeito ao direito de cada pessoa possuir ou não uma crença religiosa e de professá-la a partir de seus cultos e cerimônias privadas. Desta forma, a laicidade tem como objetivo maior a equidade, a defesa da diversidade, da pluralidade e do respeito às particularidades de cada grupo; aspectos primordiais na construção de cidadania, democracia e equidade para todos e todas.

A declaração dos Direitos do Homem, na Revolução Francesa, já dizia: “ninguém pode ser perseguido por suas opiniões, mesmo religiosas”; porém, tão pouco se pode fazer delas motivo de perseguição de outros. Em um Estado laico, o direito do cidadão de ter ou não sua religião deve ser observado e garantido. Porém, é necessário compreender que esse direito faz a religião ser aspecto privado, particular e não público. É igualmente necessário compreender que assuntos como união civil é assunto de interesse público e não privado, que não cabe a religião interferir nesses assuntos do Estado, onde envolvem direitos civis. Imaginem se o Estado acatasse a forma de pensar de algumas denominações e não permitisse união civil entre pessoas de religiões diferentes? Seria um caos, dentro dos aspectos de laicidade que vivemos no Brasil. Desta mesma forma, é inaceitável que direitos civis sejam negados a indivíduos que não são heterossexuais, motivados e justificados com argumentos religiosos (DOMINGOS, 2009).

Importante entender também, que o modelo brasileiro de laicidade, não impede a manifestação pública de culto, nem o Ensino Religioso nas escolas. No caso do ERE o Estado normatiza; impedindo o proselitismo nas escolas públicas. Assim, o Estado que em tese, não beneficia nenhuma religião em particular, pode viver momentos de paz com todas elas. Mas na prática percebemos a diferença, a religião Cristã tem uma força e influência no Estado infinitamente maior que qualquer outra religião, influência esta contrária a lei.

Em síntese a laicidade do Estado brasileiro se caracteriza por: neutralidade do Estado em assuntos de religião; liberdade de expressão religiosa e o respeito ao pluralismo.

A neutralidade compreende-se não beneficiar nenhuma religião em particular, tratar a todas as religiões da mesma forma, oferecendo os mesmos espaços e oportunidades, considerando-as como direito privado.

Ensino Religioso sem proselitismo, seja ofertado sem privilegiar qualquer religião, mas dando o mesmo destaque para todas as religiões e também considerando a ausência delas, no caso do ateísmo, que merece o mesmo respeito e consideração.

A liberdade religiosa é o direito ao livre exercício e associação a cultos, crenças, dogmas e religiões; e ao mesmo tempo o direito também de não se associar a nenhuma. Porém, a escola deve se manter neutra. Padres, pastores, sacerdotes não devem exercer influencia nas escolas públicas e tão pouco culto, missas ou atividades religiosas devem ser realizadas nas escolas públicas; para assim, assegurar o aspecto laico da escola e do Estado.

As religiões não serão ignoradas pelo Estado e nem tão pouco reconhecidas; a escola deve considerá-las para estudo de forma acadêmica e não confessional; a ausência de algum aluno/a ou docente deste ou daquele tronco, credo religioso não é motivo suficiente para ausentar esse tronco, credo religioso da discussão nas aulas do ERE, pois a proposta é conhecer o fenômeno, se familiarizar com a diversidade religiosa.

Garantir a liberdade religiosa é proteger os cultos, inclusive minoritários contra a discriminação; os cultos afro-brasileiros gozam desse direito? As pesquisas nessa área e o resultado de nossa pesquisa mostram que são desprezadas e sofrem discriminação na escola.

A laicidade e a liberdade religiosa também pressupõe igualdade entre as religiões e não permite uma hierarquização entre essas. Portanto, não cabe a escola selecionar doutrinas e cultos que julgar “verdadeiros” “bons” ou “apropriados”; porque esse julgamento já desconstrói os elementos fundamentais da laicidade e da liberdade religiosa e imprime discriminação e preconceito para com certas religiões.

A laicidade une de forma indissociável a liberdade de consciência, fundada sobre a autonomia individual, ao princípio de igualdade entre os homens. É a garantia da liberdade de pensamento do homem-cidadão dentro de uma comunidade política, a garantia da liberdade de espírito e da liberdade do próprio Homem [...] (DOMINGOS, 2009, p. 51).

Por fim, quero considerar que a laicidade no Brasil, não é antirreligiosa; nem é um ateísmo implícito; nem tão pouco é antiateísmo; porém também não professa essa ou aquela religião, mas assegura o respeito a todas essas manifestações e deixa a caráter particular a escolha e eleição.

No Brasil as características fundamentais da democracia tem estado comprometidas pela ausência de leis que assegurem os mesmos direitos a todos e todas; o Poder Legislativo tem sido ausente na proposição de legislação que confira e estabeleça o direito das minorias; nessa ausência de uma esfera pública política democrática por parte do legislativo; é o Poder Judiciário que freqüentemente se tem visto como o responsável por garantir direitos a minoria, como por exemplo, o caso ícone da decisão do STF - Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.277 DF - que garantiu e legitimou os novos arranjos familiares homoafetivos, como portadores dos mesmos direitos que casais heterossexuais; em 5 de maio de 2011. Oferecendo assim, uma exemplo de equidade aos cidadãos brasileiros sejam heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

Eu seu voto, o Ministro Ayres Britto, relator da ADI, escreve:

[...] Estratos ou segmentos sociais como, por ilustração, o dos negros, o dos índios, o das mulheres, o dos portadores de deficiência física e/ou mental e o daqueles que, mais recentemente, deixaram de ser referidos como “homossexuais” para ser identificados pelo nome de “homoafetivos”. Isto de parilha com leis e políticas públicas de cerrado combate ao preconceito, a significar, em última análise, a plena aceitação e subsequente experimentação do pluralismo sócio-político-cultural. Que é um dos explícitos valores do mesmo preâmbulo da nossa Constituição e um dos fundamentos da República Federativa do Brasil (inciso V do art. 1º). Mais ainda, pluralismo que serve de elemento conceitual da própria democracia material ou de substância, desde que se inclua no conceito da democracia dita substancialista a respeitosa convivência dos contrários [...] (BRASIL, 2011, p. 632).

Seguindo seu voto, Ministra Cármen Lúcia também declara:

Contra todas as formas de preconceito, contra quem quer que seja, há o direito constitucional. E este é um tribunal que tem a função precípua de defender e garantir os direitos constitucionais. E, reiterar-se, todas as formas de preconceito merecem repúdio de todas as pessoas que se comprometem com a justiça, com a democracia, mais ainda os juízes do Estado Democrático de Direito ( BRASIL, 2011, p. 697).

Para concluir nossa análise da decisão do STF sobre essa pauta que reelabora pensamentos da compreensão da lei e da cidadania LGBT, cito Dr. Paulo Roberto lotti Vecchiatti em seu acompanhamento dessa decisão, inclusive participando com sustentação oral:

Para finalizar, entendemos por bem transcrever trecho da emenda do RE. Nº 477.554 AgR/MG, da lavra do Ministro Celso de Mello, em decisão proferida e publicada após o julgamento da ADPF nº 132 e da ADIn nº 4.277, mas já aplicando o resultado daquele julgamento: “Toda pessoa tem o direito fundamental de constituir famílias, independente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. A família resultante da união homoafetiva não pode sofrer discriminação, cabendo-lhe os mesmos direitos, prerrogativas, benefícios e obrigações que se mostrem acessíveis a parceiros de sexo distinto que integrem uniões heteroafetivas” (VIEIRA, 2012, p. 229).

Depois desse julgamento os Estados no Brasil começam a ter outro comportamento em relação a cidadania LGBT. O Casamento Civil entre pessoas do mesmo sexo é legalizado e completamente autorizado no seguintes estados:

Alagoas;

Bahia;  
 Ceará;  
 Distrito Federal;  
 Espírito Santo;  
 Piauí;  
 São Paulo; e  
 Sergipe.

Nesses Estados o casamento civil homoafetivo já é um direito.



**Figura 2 - Estados brasileiros e o casamento igualitário**

As legislações internacionais, os acordos e resoluções de organizações como OEA, ONU também caminham no sentido de combater a discriminação e apresentar proposições para a valorização das diversidades.

A **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**, **Princípios de Yogyakarta** (Indonésia, 2006), **Declaração da Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata** (Durban, 2001), dentre outros, são bons exemplos do esforço da comunidade internacional na construção de um planeta mais justo e solidário com respeito às diferenças.

O Princípio 16 dos “Princípios de Yogyakarta”(CORRÊA, 2011) estabelece o direito à educação a todos e a todas sem discriminação por motivo de orientação sexual e identidade de gênero. A proposta desse princípio é assegurar que lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais docentes e discentes não corram riscos de terem o acesso e a permanência na educação impedido ou dificultado em função de discriminação por causa de sua orientação sexual. A proposta visa estimular o respeito aos direitos humanos, às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero; e sugere aos governos medidas que não permitam que a lesbo-homo-bi-transfobia discrimine estudantes LGBT na administração das disciplinas.

A partir dos princípios de Yogyakarta, sendo todos os direitos humanos universais, interdependentes, indivisíveis e interrelacionados, a orientação sexual e a identidade de gênero se apresentam como essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa, não devem ser motivo de discriminação e abuso.

O currículo não pode dar tanta ênfase à heterossexualidade, e nem ao cristianismo, tal como hoje é feito no Brasil. Essa ênfase desproporcional impede que a escola reconheça as diferenças como riquezas oportunas e necessárias. Essa ênfase descabida também constrói barreiras para que a escola não perceba que essa desproporcionalidade mantém relações de subordinação entre raças, crenças, gênero, orientação sexual; causando sérios problemas culturais, econômicos, e perpetuando injustiças sociais. O currículo precisa, a partir desse fato, desafiar os docentes, os gestores e toda a comunidade a lutar por uma política democrática radical.

É fundamental que o currículo do ERE se torne compatível com a democracia plural. Não só compatível, mas sobre tudo que se torne um instrumento que corrobore com

a construção dessa democracia. Essa democracia plural pressupõe que o “diferente” não seja visto como um inimigo a ser destruído, mas como um “amigo” a ser conquistado e acolhido.

Uma sociedade verdadeiramente democrática dá oportunidades para a expressão das minorias, inclusive as minorias sexuais. Uma sociedade democrática assegura os direitos das minorias, assegura a equidade, promove e celebra a diversidade.

Sua aceitação do outro não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente porque admite que, sem alteridade e o outro, nenhuma identidade poderia se afirmar. Este é um pluralismo que valoriza a diversidade e o dissenso e não tenta estabelecer uma esfera pública a partir da sua eliminação, uma vez que reconhece neles a real condição da possibilidade de uma vida democrática a ser conquistada (MOUFFE, 2003, p. 19).

No princípio da democracia precisa estar ancorado o reconhecimento das multiplicidades de cada um e das diversidades tão pertinentes à natureza humana, inclusive a diversidade sexual. E as relações políticas sociais precisam considerá-las.

Temos que suspeitar da ausência das mulheres e demais grupos excluídos dos acontecimentos, textos e tradições religiosas, que têm subordinado a mulher, os negros e indígenas como seres inferiores. É uma história ocultada, velada, escondida e menosprezada. Partindo das experiências concretas de vida das mulheres é possível desvelar as questões de classe e etnia das mulheres pobres, negras, indígenas. É importante resgatar os traços da face materna e feminina, do rosto negro e indígena de Deus. Tecer um novo Ensino Religioso, com reflexão a partir dessas questões, objetiva a formação de cidadãos plenos, éticos e solidários, no qual o respeito à diversidade cultural, religiosa e a construção de uma sociedade democrática, cidadã e ética seja uma busca permanente (KLEIN; BRANDENBURG; WACHS, 2008, p. 148).



## 6 INSTRUMENTOS DE PESQUISA, PROCEDIMENTOS ADOTADOS E ANALISE DOS RESULTADOS PARA A PESQUISA DE CAMPO

*“Ninguém nasce preconceituoso, mas a gente aprende a ser preconceituoso ao longo da vida. De todas as formas de discriminação, a homofobia é o preconceito mais intenso de todos e o mais difícil de ser erradicado. Mas é preciso criar uma sociedade em que todos consigam viver e conviver com os diferente”.*

**Perly Cipriano**

### 6.1 Instrumentos de Pesquisa e Procedimentos Adotados

Esta pesquisa é de caráter **quantitativo** aplicada a alunos/as, professores/as, gestores/as, pedagogos/as, coordenadores/as e funcionários/as de escola, no presente estudo, intitulado: **Diversidade Sexual no Currículo do Ensino Religioso: Relações e Implicações com Democracia, Cidadania e Direitos** - tem como objetivo conhecer como se processa e organizam-se essas relações interpessoais entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais com o espaço escolar, através da mediação da disciplina do Ensino Religioso, considerando os direitos humanos, fundamentais, os marcos legais do ER, a laicidade do Estado e a dimensão do currículo escolar.

A respeito do currículo da disciplina de Ensino Religioso e suas correlações com a diversidade sexual nas escolas estudadas, bem como suas concepções acerca das temáticas de gênero, sexo, sexualidade, discriminação, preconceito, inclusão e cidadania, podemos dizer que as conclusões foram assimiladas a partir da aplicação de dois instrumentos básicos (questionários diferentes e específicos) a sujeitos em relação direta com a escola. Os questionários foram construídos para dois tipos de público-alvo distintos:

1. Discentes, docentes, gestores/as, pedagogos/as, coordenadores/as e funcionários/as de escola **heterossexuais ou LGBT não assumidos**;
2. Discentes, docentes, gestores/as, pedagogos/as, coordenadores/as e funcionários/as de escola todos **LGBT assumidos**.

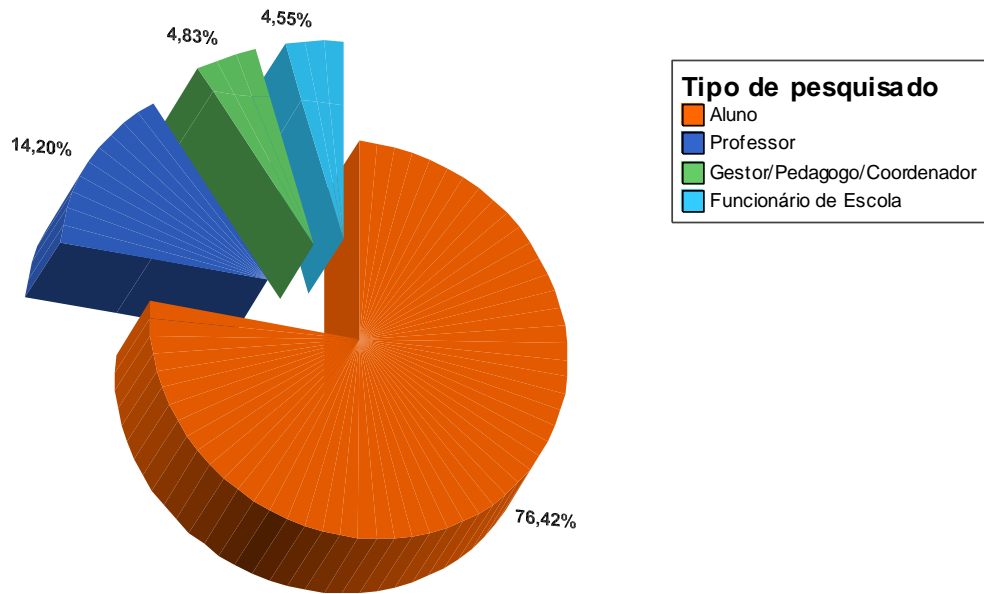
Os dois modelos de questionários tem pequenas variações entre si, apenas algumas leves diferenças para entrevistados/as que são LGBT assumidos/as, esses/as respondem algumas perguntas além das outras existentes em comum no modelo oferecido ao público em geral.

Todos os sujeitos envolvidos na pesquisa possuem faixa etária não inferior a 14 anos de idade, obedecendo assim o critério da idade como medida pertinente aos procedimentos éticos em pesquisa. Foram 11 blocos de perguntas no questionário geral e 15 blocos de perguntas para os sujeitos assumidamente homossexuais ou bissexuais.

Estes estudos e pesquisa de campo através de entrevistas, aplicação de questionários, avaliação de experiências e na observação de como se comporta o espaço escolar; desenha as conclusões, resultados e propõe tímidas sugestões para o currículo da escola capixaba, bem como para o currículo de todo sistema de educação.

A pesquisa foi aplicada a escolas públicas no município de Cariacica / ES, tanto a rede municipal de educação, quanto à rede estadual presente no município, este foi o objeto de estudo dessa pesquisa.

Os questionários foram aplicados a **352 pessoas**; sendo estes sujeitos partes integrantes da comunidade escolar, assim identificados:



**Gráfico 1 - Tipo de Pesquisado**

Um total de **16 escolas** foi avaliado; sendo 11 escolas avaliadas sistematicamente e com amostragem igual ou superior a 25 pessoas, e 5 escolas avaliadas com pequenas amostragens. Os questionários foram aplicados a alunos/as de um total de 29 turmas/classes distintas e envolvendo os três turnos.

<b>Tabela 3 - Tipo de Rede Pública</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Percentual</b>
Estadual	103	29,3%
Municipal	249	70,7%
Total	352	100,0%

As escolas, avaliadas sistematicamente, além de aplicação dos questionários, nelas foram feitas observações, aplicada a planilha de observação qualitativa e foram realizadas entrevistas pessoais.

Os questionários foram construídos e adaptados de acordo com experiências de pesquisas e estudos da temática da diversidade sexual; de acordo com nossas experiências junto a **ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais**, GT sobre Diversidade Sexual da **IE – Internacional de La Educación**, **Coletivo Estadual de Diversidade Sexual – SINDIUPES** e junto ao **Coletivo Nacional de Diversidade Sexual da CNTE: Confederação Nacional dos/as Trabalhadores/as em Educação**; e de acordo com questões que emergem em nossa experiência junto ao cotidiano das escolas e nos debates dessa temática entrelaçada ao tema do Ensino Religioso na escola.

As percepções sobre a disciplina de Ensino Religioso, e a temática da diversidade sexual, que envolve orientação sexual e identidade de gênero, bem como as sexualidades na escola; para a avaliação e conclusões de resultados, obedeceu-se aos seguintes procedimentos:

**Perfil dos/as Pesquisados/as** – procurou-se trazer informações com respeito à atuação: discente, docente, gestor/a ou funcionário/a de escola. Confirmação que sua experiência é a partir da escola pública municipal ou estadual. Também nesse bloco identificamos o gênero, a identidade de gênero, orientação sexual, formação acadêmica, faixa etária e indicador de religiosidade do sujeito pesquisado.

**1, 2 e 3. Preconceito e Exclusão** – A proposta desse bloco de perguntas tem como objetivo mensurar o grau de preconceito e discriminação pessoal consciente ou a ausência dos mesmos, em relação ao entrevistado e alguns seguimentos de pessoas. E verificar e qualificar essa situação em relação com o público LGBT. Também tem o objetivo de verificar como o pesquisado se comporta em relação ao aspecto de direito público e laico da escola.

**4, 6, 9 e 10. Homofobia na Escola** – Esse bloco de perguntas detecta de forma efetiva e a partir das percepções do sujeito pesquisado, se há evidências da ocorrência de homofobia naquele espaço escolar.

**5. Concepção de Diversidade Sexual** - Concepção de diversidade sexual em relação sua vivência religiosa – O objetivo é descobrir o grau de informação

científica sobre a temática, sua concepção de diversidade sexual em relação sua vivência religiosa e a relação dessas construções e a evidência/ausência de preconceito e discriminação pessoal.

**7, 8 e 11. Docência do ER e Relações da Religião com a Diversidade Sexual –**

Pretendeu-se nesses blocos avaliar como o sujeito pesquisado vê a práxis do ER, a diversidade sexual e suas relações com o sagrado, com a religião. Avaliar essa relação: ER x Religião x Diversidade Sexual. Esse bloco pode mostrar em relação ao total do questionário: ausência de preconceito e discriminação em relação ao cotidiano, e expressar preconceito e discriminação quando se aproxima da religião. Também pode caracterizar o ER como uma prática altamente dotada de proselitismo.

**9, 10 e 11. Escola e os temas da Diversidade Sexual –**

Nesses blocos, pretendeu-se avaliar a proximidade ou afastamento da escola em tratar de assuntos de diversidade sexual e homofobia. Pretendeu-se evidenciar a percepção da escola e dos discentes sobre a homossexualidade, além das representações sobre gênero, sexualidade e reprodução. Questões práticas são avaliadas, como, por exemplo, em que medida a escola e a disciplina de ER assume o papel de informar estudantes sobre temas relacionados às homossexualidades.

**12, 13, 14 e 15. Escola e Cidadania –** A partir da percepção do próprio sujeito LGBT, esses blocos de perguntas avaliam o grau de autoestima/baixo autoestima e de aceitação ou exclusão que o LGBT está sujeito no espaço escolar.

É necessário enfatizar que a busca de diferentes sujeitos dos seguimentos escolares: docentes, discentes, gestores/as e funcionários/as, para participarem dessa pesquisa, não objetiva invalidar ou desqualificar ou supervalorizar o discurso de um desses seguimentos em detrimento de outros em particular; porém conhecer amplamente essa pauta em torno da escola como entidade construída “a priori” por todos esses elementos pesquisados. Conhecer a variedade desses pensamentos, nos fornecerão um dado mais próximo do pensamento e ação da comunidade escolar, enquanto objeto de pesquisa.

Desta forma, consideramos outros sujeitos, além do docente, como importantes na percepção e construção do currículo oculto, ou participativo, que significará muito nas experiências aprendidas e socializadas no ambiente da escola capixaba através da interação dos currículos.

Nessa proposta de texto, tanto as estatísticas referentes às questões levantadas pelos questionários, quanto às narrativas dos/as entrevistados/as registradas em nossas planilhas, bem como as observações do espaço escolar, são fontes e elementos para se levantar possíveis hipóteses, sinalizar possibilidades e apontar conclusões.

## 6.2 Análises dos Resultados da Pesquisa de Campo

Os questionários foram aplicados a **352 pessoas**; sendo estes sujeitos partes integrantes da comunidade escolar, assim identificados:

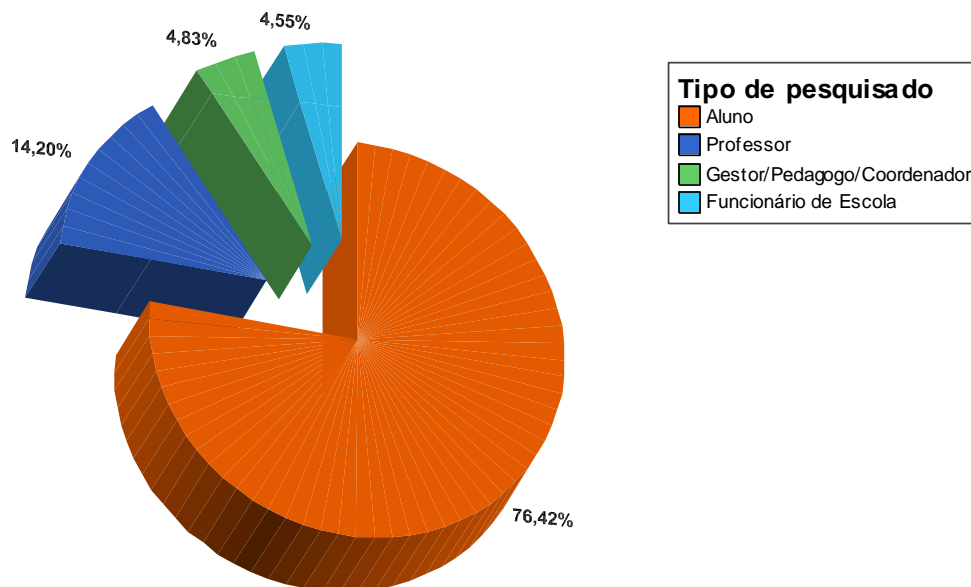


Gráfico 2 - Tipo de Pesquisado

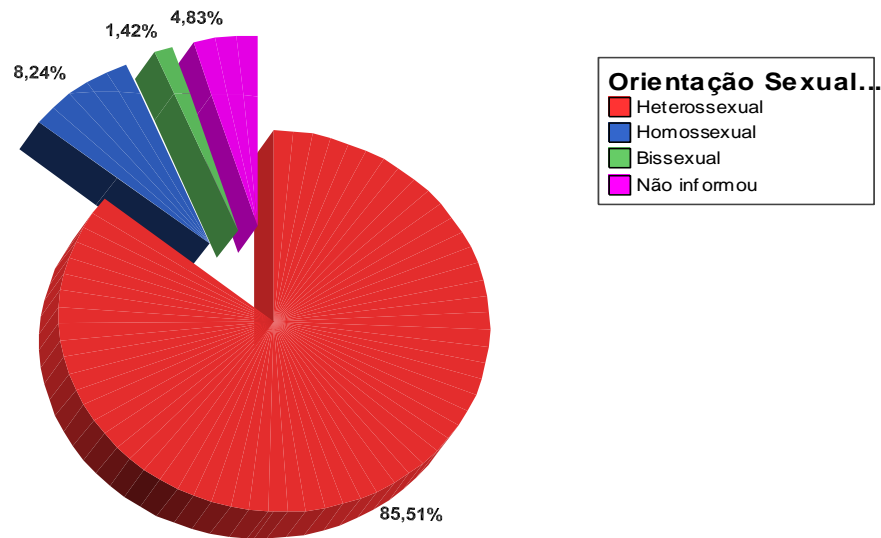
Um total de **16 escolas** foi avaliado; sendo 11 escolas avaliadas sistematicamente e com amostragem igual ou superior a 25 pessoas, e 5 escolas avaliadas com pequenas amostragens. Os questionários foram aplicados a alunos/as de um total de 29 turmas/classes distintas e envolvendo os três turnos.

<b>Tabela 4 - Tipo de Rede Pública</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Estadual	103	29,3%
Municipal	249	70,7%
Total	352	100,0%

Quanto ao gênero ( e aqui propositadamente incluímos outras possibilidades, além de homem e mulher, apenas para quantificar e conhecer presenças), formação acadêmica, orientação sexual e faixa etária, daqueles e daquelas que se submeteram ao processo de pesquisa, o resultado dos dados nos forneceram as seguintes conclusões:

<b>Tabela 5 - Gênero</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Homem	165	46,9%
Homem Trans	0	0%
Mulher	184	52,3%
Mulher Trans	1	0,3%
Transgênero	2	0,6%
Andrógeno	0	0%
Total	352	100%

<b>Tabela 6 - Formação Acadêmica (completo ou cursando)</b>	<b>Percentual</b>
Ensino Fundamental	60,8%
Ensino Médio	17,9%
Graduação	3,7%
Pós-graduação	17,6%
Total	100%



**Gráfico 3 - Orientação Sexual dos/as pesquisados/as**

Tabela 7 - Faixa Etária	Frequência	Percentual
14 a 15 anos	179	50,9%
16 a 19 anos	81	23,0%
20 a 25 anos	20	5,7%
Maior que 26	72	20,5%
Total	352	100%

Quanto à religião pessoal, os/as pesquisados/as se apresentam da seguinte forma:

Tabela 8 - Religião Pessoal	Frequência	Percentual
Católico	108	30,7%
Protestante/Evangélico	160	45,5%
Ateu	3	0,9%
Não sigo religião	62	17,6%
Outras Religiões	14	4%
Entrevistados que não responderam	5	1,4%
Total	352	100%



Nessa pesquisa de campo; os dados apontam que **90%** dos pesquisados reconhecem que em sua escola existe algum grau de preconceito contra o público LGBT; destes **90%**, um grupo de **19%** reconhece existir **muito** preconceito contra o público LGBT.

<b>Tabela 9 - Na sua escola existe preconceito em relação aos LGBT?</b>	<b>Percentual</b>
Não existe de forma alguma preconceito	9,1%
Sim, e existe muito preconceito.	19%
Sim, existe preconceito.	71%
Entrevistados que não responderam ou não sabem	0,9%

Observem que esse percentual é muito elevado, e sinaliza para uma necessidade urgente de construir uma proposta pedagógica que de fato minimize essa situação que pode causar evasão escolar e baixo rendimento acadêmico de vítimas e agressores da homofobia, como bem coloca Rogério Junqueira (JUNQUEIRA, 2009); pois em realidade “A homofobia é um problema também para os homens heterossexuais, pois os impede de estabelecer relações íntimas entre si. [...]” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 35). A homofobia não é um problema exclusivo dos homossexuais e bissexuais, ela ultrapassa seus limites e desorganiza o fundamento da democracia; combatê-la é necessário à sobrevivência dos valores da própria democracia; segundo Daniel Borrillo (LIONÇO; DINIZ, 2009).

Ao considerarmos apenas os/as pesquisados/as LGBT os dados aparecem dessa forma:

<b>Tabela 10 - Já se sentiu discriminado/a na escola por causa de sua orientação sexual?</b>	<b>Percentual</b>
Nunca	10%
Sim	90%

Destes **90%** que confirmam ter sofrido discriminação na escola em razão de sua orientação sexual, **20%** respondem que cotidianamente foram vítimas da discriminação.

Índices como esse, nessa amostragem da pesquisa, onde consideramos vários sujeitos da comunidade escolar, são suficientes para justificar a elaboração de políticas públicas que possam contribuir com a pluralidade na escola e respeito às diversidades.

Dos pesquisados, **58,8%** já presenciaram, ou ouviram comentar algum ato ou forma de preconceito, chacota ou violência contra LGBT que tenha ocorrida na sua escola. Esse percentual, somado a outros cruzamentos de dados, como o posto acima, reafirma o que as pesquisas a nível nacional tem expressado: a escola é um espaço altamente preconceituoso e favorável à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Esses dados justificam os estudos que mostram que travestis e transexuais não estão presentes na escola, evadem-se em função do alto grau de exclusão. Seus nomes sociais não são respeitados e sua identidade de gênero não é acolhida pela escola ao utilizarem os banheiros, ao realizar atividades pedagógicas onde meninos e meninas são separados; suas especificidades como pessoa humana não são consideradas.

As travestis na escola não são vistas como homens, porque não podem tirar a camisa na quadra e andar com seus seios siliconizados à vista; também não são consideradas mulheres, porque não podem usar o banheiro feminino e nem se agrupar as meninas em atividades que assim o requerem. Portanto, naturalmente são consideradas como bizarras, estranhas ao meio; e acabam por evadirem-se em função do alto índice de exclusão.

Nesta pesquisa, apenas **0,9%** se identificou como travesti ou transexual, mesmo assim são pessoas evadidas da escola, que entramos em contato para perceber como esse público vê a escola. Das 11 escolas avaliadas, 9 escolas disseram não ter alunos/as com identidade ou que se reconheçam como travesti e/ou transexual; e apenas 2 escolas reconheceram ter, em cada uma delas, uma travesti em seu espaço de sala de aula.

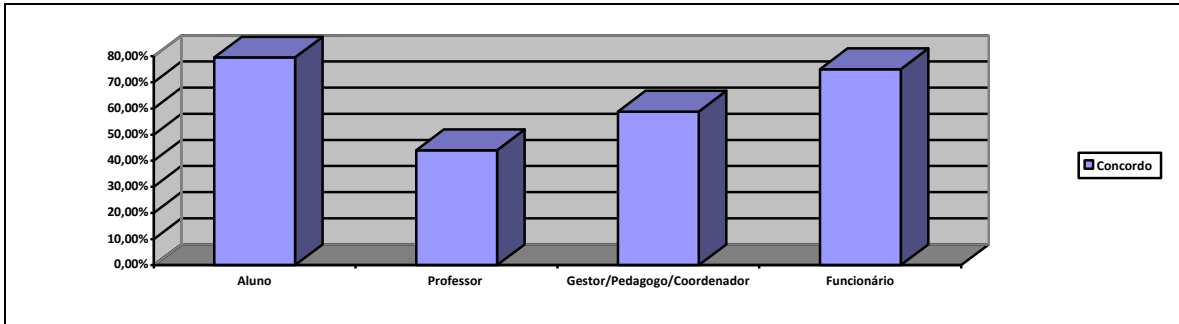
<b>Tabela 11 - Identidade de Gênero</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Travesti	2	0,6%
Transexual	1	0,3%
Outro público	332	94,3%
Não informou	17	4,8%
Total	352	100%

Outro aspecto importante da pesquisa qualitativa é que a maioria das escolas a partir da visão de seus gestores (Diretor/a, pedagogo/a, coordenador/a) não reconhecem ter em seus espaços alunos e alunas LGBT. Algumas dessas escolas, em detrimento da informação desses gestores, demonstraram nas aplicações dos questionários, ocorrer a presença de alunos e alunas LGBT. O que reafirma que os gestores partem do pressuposto que seus discentes são heterossexuais mesmo quando os mesmos não se apresentam como tal. A escola, em síntese torna invisível o público LGBT, quer com sua proposta pedagógica, quer com sua prática pedagógica, quer com seu reconhecimento de público ou com seus materiais pedagógicos e humanos.

Outro dado que requer muito de nossa atenção, nesta pesquisa, é o fato de que **73,3%** dos entrevistados acreditam que “Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos”. Apenas **13,9%** dos pesquisados discordam dessa afirmação, os demais não souberam ou não responderam.

Acreditar que a divindade criou o ser humano heterossexual; elabora uma oposição religiosa para a origem da homossexualidade. Se Deus criou apenas os heterossexuais, de onde surgem ou aparecem os homossexuais de acordo com o discurso religioso?

Separando os seguimentos para verificar qual o percentual de cada seguimento que concorda com essa afirmação verificaremos que:



**Gráfico 4 - Percentual por seguimento que concorda que "Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos"**

Nesta análise percebe-se que o seguimento de docentes é mais aberto as possibilidades dessa discussão e alunos e alunas são altamente influenciados/as pelo discurso religioso.

Observe as implicações por detrás deste discurso doutrinário. Outro evidente problema, nessa afirmação, é os links que a partir dela são construídos; por exemplo, a obrigatoriedade da maternidade e da paternidade. À mulher não se lhe é dado o direito de optar em ser ou não mãe; esse discurso ideológico religioso, em realidade apresenta um modelo de mulher que necessariamente precisa ser mulher-mãe; se não tem possibilidade de ser mãe, então é uma "mulher incompleta". Dessa ideologia construída se oriunda e fundamenta a teoria de que a mulher é aquela que tem útero, aquela que dá a luz, que se torna mãe... Nessa crença não existe espaço para aquelas que não desejam ser mãe, não existe espaço para àquelas que nascem estéreis, ou se tornam estéreis em algum momento da vida ( acidente, patologias, cirurgia de retirada do útero...).

Essa teoria constrói papéis separados e bem distintos para homens e mulheres; não se admite a criação e educação de filhos como responsabilidade dos dois ou podendo ser negociada entre os dois. Nessa discussão não cabem as transexuais, as travestis, pois não tem úteros, não tem ovários, não ficam grávidas, então não são reconhecidas como mulheres e nem como homens. Apenas são reconhecidas como homens quando o objetivo é desqualificar.

Essa compreensão é uma das causas de violência contra mulheres que se recusam a ser esposas e mães: o estupro corretivo, por exemplo. A história mostra o repúdio da sociedade à luta libertadora das mulheres; pois se elas se recusam a desempenhar seus papéis como mulheres e mães, elas oferecem grandes riscos para a masculinidade e virilidade dos homens e colocam em cheque todo o tabuleiro montado e arquitetado pela heteronormatividade que está a serviço, majoritariamente, dos homens heterossexuais.

Esse instrumento, machista e heterossexista, restringe as mulheres a um espaço único, exclusivo e “natural” de casamento e maternidade.

É preciso observar muito cuidadosamente as implicações ideológicas, que são pano de fundo nessas construções sexistas. Não se pode pensar em homofobia sem considerar essas relações de gênero postas por essa sociedade que mantém um discurso que combatemos. Pois a homofobia, nada mais é que um serviço a favor sexismo e vice-versa.

“Essa ordem sexual – o sexismo – implica não apenas a subordinação do feminino ao masculino, mas igualmente a hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia [...]” (LIONÇO; DINIZ, 2009, 25). Nessa ordem de sexualidades, na melhor das hipóteses, as homossexualidades aparecem como inferiores: inacabadas, desviadas, bizarras, estranhas, exótico.

Não podemos esquecer que essa autoridade de hierarquizar os sexos e as sexualidades sempre foi instrumento nas mãos das autoridades dominantes na sociedade; onde se determina o que é bom e o que é mal, o que pode ou não pode em matéria de sexo. A ideologia histórica supunha que a libertinagem sexual era característica própria da classe menos favorecida; que a classe mais privilegiada tinha senso de pudor e reserva sexual (LIONÇO; DINIZ, 2009).

Alguns psiquiatras do século XIX sustentavam que tanto a moralidade quanto a saúde mental eram construções sociais e uma função de classe: o aparecimento de um comportamento próprio das classes populares (imorais) em pessoas de classe superiores era sintoma de perturbação psicológica. Outros afirmavam que as classes populares eram mais

suscetíveis a problemas e doenças sexuais devido a seu excesso de libido (CHAUNCEY, apud LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 30).

Pois é necessário reconhecer o direito de autonomia para as mulheres. Reconhecer o direito de não ser mãe, de não querer constituir casamentos, o direito de ser mulher, mesmo não sendo mãe. O direito de ser mulher sem útero, sem seios, sem vulva, sem canal vaginal, sem ovários. Pois como diz a célebre frase de Simone Beauvoir: **“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”**.

Nesse mesmo contexto, não existe espaço para os homens que também por opção ou necessidade física, psicológica, não tenham filhos. A construção desse modelo, MULHER-mãe e HOMEM-pai, tem em realidade muito diálogo e sustentáculo no patriarcado, no machismo, na homofobia, no heterossexismo.

É possível ser homem sem pênis, sem saco escrotal; pois mesmo perdendo-os, um homem não deixa de ser homem. Nesse modelo, que reprovamos; ser homem é ser rude, grosseiro, desordeiro, competitivo, detestar os homossexuais, ser superior às mulheres, não ter caligrafia bonita e nem ser muito organizado. Quando o homem é organizado, educado, ordeiro... Este homem passa a ter sua masculinidade questionada.

O quarto de um menino não pode ser muito organizado, ordenado e limpo; e o da menina ao contrário precisa ser isso tudo. Ou seja, ao homem é permitido bagunçar e não limpar, nem cuidar; a mulher não lhe é permitido bagunçar, e lhe cabe à função de arrumar o que o homem desorganizou. Essa é a lógica da heteronormatividade que junto com o sexismo oferece todas as possibilidades para o homem e nenhuma para a mulher: ao homem tudo pode, e à mulher nada pode. “Sexismo e homofobia aparecem, então, como as duas faces de um mesmo fenômeno social” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 36).

Portanto, a crença religiosa, de que o homem é criado por Deus como heterossexual, é uma crença altamente reproduzida na escola; e muitas vezes produzida e reproduzida pelo currículo do ER formal e participativo, que de maneira

unilateral privilegia a religião cristã tradicional e fundamentalista que corrobora com esse discurso que embala a homofobia na escola.

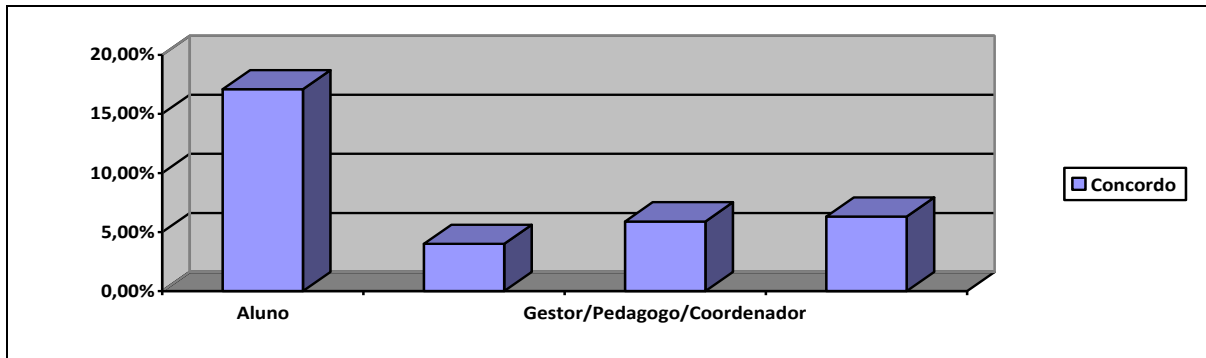
Outro dado relevante, é que **49,7%** dos pesquisados acreditam que a homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus. Esse dado sinaliza que praticamente a metade da comunidade escolar tem esse pensamento; e para uma escola que pensa assim, não existe espaço para o acolhimento social do LGBT.

Observe que a partir dessa compreensão é que se constrói as relações interpessoais na escola. De que forma um LGBT será recebido e acolhido nesse espaço? Como um pecador? Um afastado de Deus? Transgressor das leis divinas? Alguém fora dos padrões estipulados pelo Criador? Um contaminado, impuro...?

<b>Tabela 12 - A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	49,7%
Discordo	28,1%
Não sei / Não quero responder	22,2%

Observe que apenas **28,1%** acreditam que a homossexualidade não é um pecado contra as leis de Deus. A escola mesmo sendo um espaço privilegiado do saber científico, onde as possibilidades deveriam ser testadas e retestadas dentro desse aspecto da ciência; ainda sim, é um espaço onde mitos e crenças perduram, reproduzem e encontram ecos.

É Impressionante que até nos dias de hoje, em 2012; **14,2%** do total de pesquisados/as ainda acreditam que a homossexualidade é uma patologia clínica e pode ser tratada por médicos e psicólogos. Desde 1985, o Conselho Federal de Medicina deixou de oferecer tratamento para reverter o homossexual. E a OMS retirou, em 1990, do CID o “homossexualismo” como patologia. 27 anos depois, ainda temos elementos na escola que pensam que a homossexualidade é patologia e desconhecem os documentos legais dos colegiados médicos-científicos que proíbem tratamentos de “cura” e “reversão”.



**Gráfico 5 - Concordam que a homossexualidade é uma doença e pode ser tratada por médicos e psicólogos: (percentual sobre cada seguimento)**

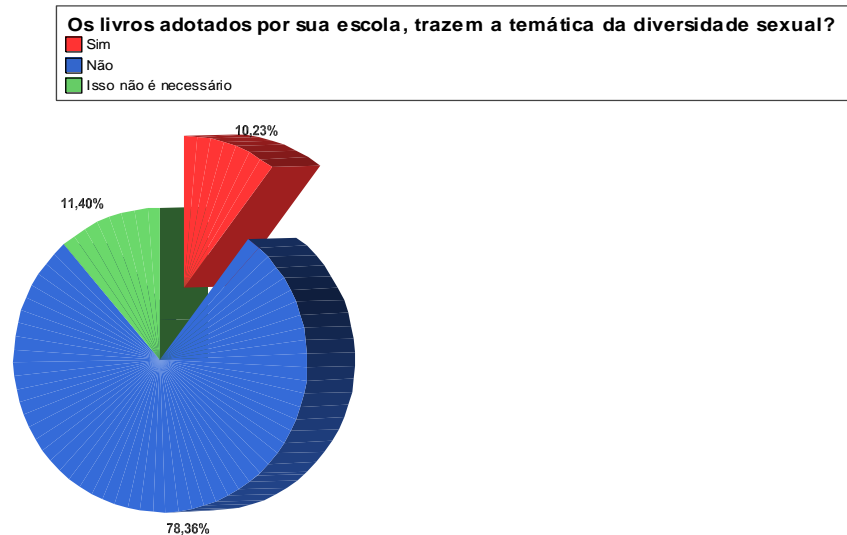
A escola que deveria ser um espaço acadêmico privilegiado para discutir assuntos a partir da ciência, corrobora com idéias tão distantes da ciência como essa que estamos ora pautando. Com respeito à sexualidade e em especial as homossexualidades a escola ainda é analfabeta, pois não propõe essa discussão e não se prepara para discutir o assunto. E quando o discute, infelizmente o discute de forma inapropriada, pois não se tem a devida formação para fazer um debate com propriedade e responsabilidade. Discutir sexualidade na escola ainda é um tabu, e discutir as homossexualidades ainda é impensável.

[...] a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 1999, p. 30).

O resultado de nossa pesquisa aponta que **78,36%** dos/as pesquisados/as acreditam que os livros adotados por sua escola não trazem a temática da diversidade sexual, nem falam sobre casamento de pessoas do mesmo sexo e tão pouco discutem as violências cometidas contra o grupo de pessoas LGBT. E **11,4%** desses sujeitos pesquisados acreditam ainda que isso nem se quer é necessário. Ou seja, essa temática é invisível ao livro didático, mesmo tendo sido recomendado pela CONAE/2010 ser critério na escolha do livro didático, a presença da temática da diversidade sexual. E mesmo sendo requisito dos editais do Programa Nacional do Livro Didático – **PNLD/2006** (BRASIL, 2006) e do Programa Nacional do Livro



Didático para o Ensino Médio – **PNLEM/2007** (BRASIL, 2007), também foi recomendado o enfrentamento da homofobia nos editais do PNLD 2011 e no PNLA de 2008; contudo o que vemos em final de 2012 é um livro didático e dicionários que chegam as escolas de Cariacica sem discutir e pautar a diversidade sexual.



**Gráfico 6 - Os livros, adotados por sua escola, trazem a temática da diversidade sexual?**

Para Débora Diniz, que participou da pesquisa “Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?” (LIONÇO; DINIZ, 2009), executada pelo Anis, UnB, UFRGS, UFB e USP, “Nos livros didáticos brasileiros distribuídos para as escolas públicas, não há menção explícita à diversidade sexual [...]” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 48).

Diniz continua dizendo: “Os livros distribuídos pelo PNLD e pelo PNLEM assumem o caráter compulsório da heterossexualidade como um dado da natureza [...]” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 53).

Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, nos discursos sobre afetos e também na ausência do tema da diversidade sexual. A heteronormatividade impõe um silêncio sobre essa temática: não há gays nas obras literárias, não há relações homossexuais nos textos de orientação sexual e, muito precocemente, as crianças aprendem a indexar o universo social pela dicotomia de gênero. Não existem corporificações para além desse binarismo, por isso não se fala de homossexuais, bissexuais, travestis ou transexuais. O silêncio é a estratégia

discursiva dominante, tornando nebulosa a fronteira entre heteronormatividade e homofobia (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 52).

Os livros didáticos no Brasil, segundo o estudo de Débora Diniz e Tatiana Lionço (2009) tratam do tema da sexualidade, muito superficialmente e dentro de padrões heteronormativos e acima de tudo como fator de reprodução. Estes mesmos livros não discutem sexualidade em seus aspectos simbólicos e de prazeres; portanto nesses instrumentos pedagógicos a vaginha sempre é vista como orifício para a penetração do pênis. Não se oferece outras possibilidades para além do coito heterossexual, como por exemplo, a relação sexual entre mulheres. O sexo é discutido sempre como fator de reprodução humana, não existe espaço para o prazer sem objetivo de reprodução.

Até os estudos de Freud, nas décadas anteriores a 1900, apontavam com muita clareza os aspectos simbólicos e desejos de prazer nas relações sexuais; inclusive em seus estudos da sexualidade infantil, mostram que esta estava restrita aos aspectos do prazer e dos simbolismos; uma vez que as crianças não possuem a possibilidade de reprodução ao materializar relações sexuais (FREUD apud LIONÇO; DINIZ, 2009).

Enquanto nos livros didáticos a pauta da diversidade sexual é ignorada; nos dicionários adotados pelo programa nacional “ [...] insistem na terminologia patologizante para designar as praticas sexuais e afetivas não heterossexuais [...]” (LIONÇO; DINIZ, 2009, p. 55).

A maioria dos dicionários analisados no estudo de Diniz e Lionço (2009) conceituam vocabulários como: homossexual, travesti, transexual, homofobia; totalmente longe dos significados propostos pelos estudos científicos e sobretudo das ciências humanas que pesquisam estas agendas na atualidade. Os conceitos contidos nesses dicionários reforçam o preconceito e a discriminação, bem como aspectos do sexismo e da heteronormatividade.

Portanto, enquanto os livros didáticos silenciam sobre as homossexualidades e promovem o binarismo e as relações heterossexuais; os dicionários expressam-se de maneira explícita suas homofobias, agredindo grosseiramente as ciências.

Essa ausência do tema das homossexualidades nos materiais pedagógicos da escola; reforçam a necessidade de docentes e gestores se comprometerem em trazer esse debate de forma responsável e crítica para os espaços pedagógicos da escola. É responsabilidade do currículo, assegurar a valorização e promoção da diversidade sexual.

Dos/as pesquisados/as **56,3%** responderam que essa pauta da diversidade sexual não é discutida nas aulas de Ensino Religioso; e **44,3%** dos/as pesquisados/as acreditam que também não é discutida nas aulas de Ciências e/ou Biologia, e **6,8%** pensa ser inclusive desnecessário discutir essa agenda nessa disciplina.

**73,3%** entendem que sua escola não oferece e nem ofereceu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate à homofobia.

<b>Tabela 13 - Sua escola oferece/eu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate à homofobia?</b>	<b>%</b>
Sim	13,6%
Não	73,3%
Isso não é necessário	8,5%
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	4,5%

<b>Tabela 14 - Nas aulas de Ciências/Biologia se discuti a questão da diversidade sexual?</b>	<b>Percentual</b>
Sim	44,3%
Não	44,3%
Isso não é necessário	6,8%
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	4,5%

Tabela 15 - Nas aulas de Ensino Religioso se discute a questão da diversidade sexual?	Percentual
Sim	23%
Não	56,3%
Tenho dúvidas	18,2%
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	2,6%

Desta forma, os dados apontam para uma escola que de fato não discute, não pauta a diversidade sexual em seu currículo, o LGBT é um sujeito invisível no espaço escolar, é um sujeito que não tem referências. O debate apenas surge na escola com conotações pejorativas e em caráter de discriminação, construindo uma rede de exclusão e abrindo ralos de evasão escolar a esse público.

A pesquisa indica que **27,8%** acreditam que o ser LGBT é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus. A relação homossexualidade e religião está tão bem forjada na escola, que **30,4%** dos/as pesquisados/as pensam ser estranho um docente gay ser professor de Ensino Religioso. Esse dado nos aponta uma realidade própria do país: não se observa a legislação em referência ao ER no Brasil. A escola não é laica, o ER é recheado de proselitismos. A associação entre o Ensino Religioso na escola e a religião privada do indivíduo, é um fator praticamente automático. Não conseguimos ainda construir um currículo de Ensino Religioso, onde fique claro e distinto que Ensinar Religião na escola não é doutrinar. Ensinar Religião na escola do ponto de vista científico, da ciência das religiões ainda é um alvo longe de ser alcançado.

Considerando apenas o/as pesquisados/as LGBT, destes **55%** mencionam que a pauta da diversidade sexual é simplesmente ignorada nas aulas de Ensino Religioso; ou seja, não se expressa explicitamente homofobia, porém se nega discutir com responsabilidade os direitos de pessoas que possuem uma orientação sexual diversa, não se fala da democracia, cidadania para esse público. Gays e lésbicas são invisibilizados/as na política do silenciamento. E quando essa pauta é discutida nas aulas de ER, **25%** do público LGBT pesquisado menciona que a discussão é feita com deboche. Apenas **10%** dos pesquisados LGBT apontaram que

essa pauta da diversidade sexual é estudada como normalidade, apenas não comum; e mostrado como as diversas religiões pautam essa temática, algumas rejeitando, outras aceitando.

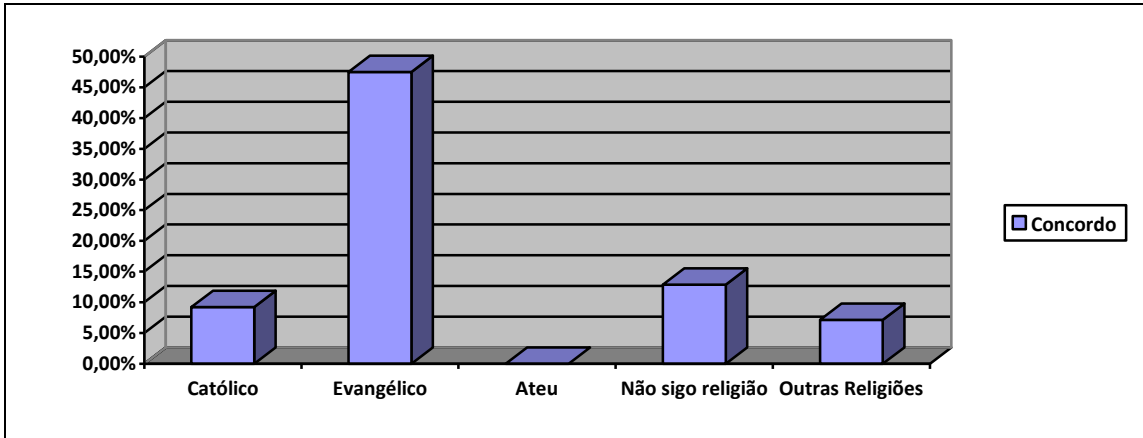
Entre os/as pesquisados/as **39,5%** preferem que seu/a professor/a de Ensino Religioso seja heterossexual. É claro e evidente que esse dado da pesquisa aponta para uma cultura heteronormativa que compõe o currículo escolar, levando suas dimensões a nos influenciar nas escolhas e preferências pessoais para aquilo que temos como “normal”, “natural”, “padrão” e “politicamente viável”.

[...] Em se tratando do discurso religioso na Educação Sexual, parece que a resistência é ainda maior: professores e professoras negam o relativismo, são intransigentes com a possibilidade da reflexão, se recusam a ponderar uma outra possibilidade de explicação para os acontecimentos humanos... Muitas vezes absolutos/as em suas certezas, sequer escutam, sequer pensam, sequer consideram a possibilidade... Desconstruir é fragilizar uma “verdade” e predispor a mente a considerar outras possibilidades (FURLANI, 2008, p.3).

<b>Tabela 16 - Se você pudesse escolher a orientação sexual e identidade de gênero do/a professor/a de Ensino Religioso de sua escola, você escolheria?</b>	<b>Percentual</b>
Gay/Lésbica	1,4%
Bissexual	0,3%
Heterossexual	39,5%
Não faz diferença	54,8%
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	4,0%

A pesquisa mostrou os dados e com eles fizemos os cruzamentos de informações e constatamos que o grupo de pessoas que se declaram protestantes e/ou evangélicas pertencem ao grupo que a pesquisa indica ser mais propício a expressar homofobia.

**47,5% dos evangélicos** que participaram da pesquisa acreditam que a homossexualidade é um problema espiritual e pode ser resolvido por Deus; o percentual dos católicos entrevistados que acreditam desta forma é apenas **9,25%**.



**Gráfico 7 - Acredita que ser gay, lésbica, travesti ou transexual é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus.**

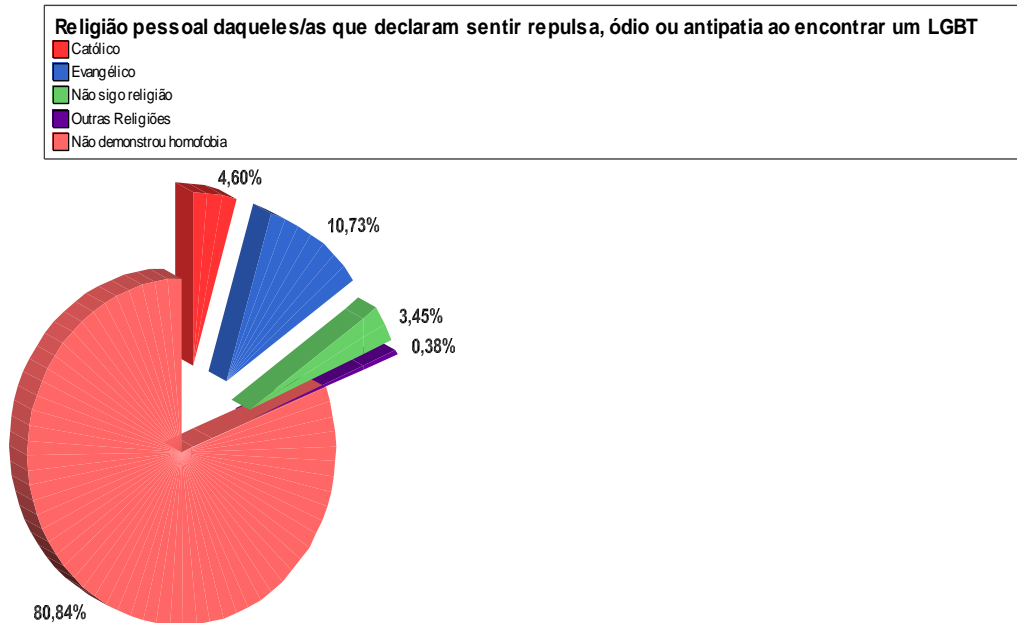
Reconhecemos, que a amizade é uma escolha pessoal e individual. Escolhemos nossos amigos e amigas por critérios que estabelecemos em nossas escalas de valores. Aqueles e aquelas que responderam aos questionários, **19,9%** recusam ter como amigo/a um gay, uma lésbica, travesti ou transexual.

Claro, que ao este indivíduo se propor não se aproximar e criar vínculos de amizade com um grupo de pessoas, unicamente em função da sua orientação sexual, é porque considera essa orientação sexual do outro um “problema”.

Ao cruzar os dados observamos que dos 19,9% que rejeitam amizade com LGBT, o grupo que mostrou maior índice de rejeição é exatamente o grupo de evangélicos e/ou protestantes, perfazendo um percentual de **55,7%**. O segundo grupo que acumula índice de rejeição, tem menos que a metade disso.

<b>Tabela 17 - Dos 19,9% da amostragem total dos/as que rejeitam amizade com Lésbicas, gays, travestis e transexuais, estão assim divididos:</b>	<b>Rejeita LGBT como amigo</b>
Católico	18,6%
Evangélico	55,7%
Ateu	0,0%
Não sigo religião	21,4%
Outras Religiões	4,3%
<b>Total sobre a amostra</b>	<b>19,9%</b>

O simples fato de encontrar com um LGBT no banheiro, corredor ou até mesmo na biblioteca, causa repulsa, ódio ou antipatia a 19,1% da amostragem total de pesquisados/as.



**Gráfico 8 - Religião pessoal daqueles que declaram sentir repulsa, ódio ou antipatia ao encontrar um LGBT no banheiro, corredor ou biblioteca.**

Ao levantarmos a religião pessoal desses sujeitos que tem esse sentimento, descobrimos que a maioria são evangélicos/as. Esse grupo tem mais que o dobro de rejeição que o grupo que está em segundo lugar, a saber os/as católicos/as.

Portanto esses indicativos sinalizam que os/as identificados/as como evangélicos e/ou protestantes são mais sujeitos/as a desenvolverem e expressarem sentimentos de homofobia.

Outra conclusão importante é que nesses casos a mediação do currículo do Ensino Religioso pode contribuir de maneira significativa no que diz respeito à construção de políticas afirmativas, equidade de gêneros, direitos humanos, isonomia de direitos, construção do currículo para a diversidade, democracia e cidadania em sua plenitude, políticas de inclusão, justiça e solidariedade. Essas pautas, obviamente,

discutidas dentro da agenda do discurso inter-religioso e nos aspectos da fenomenologia da religião.

Quanto perguntado/a “**Em qual desses espaços da escola você acredita que existe maior discriminação aos LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais)**”, podendo marcar até 3 opções; e tendo como possibilidades de respostas:

- ✓ *Na biblioteca;*
- ✓ *Nas aulas de Ciências/Biologia;*
- ✓ *Nas aulas de Educação Física;*
- ✓ *Nas aulas de Ensino Religioso;*
- ✓ *Nas aulas de Português;*
- ✓ *Em outras disciplinas;*
- ✓ *No uso dos banheiros;*
- ✓ *No pátio e dependências externas da escola;*
- ✓ *Em nenhum espaço da escola, pois não existe discriminação aqui.*

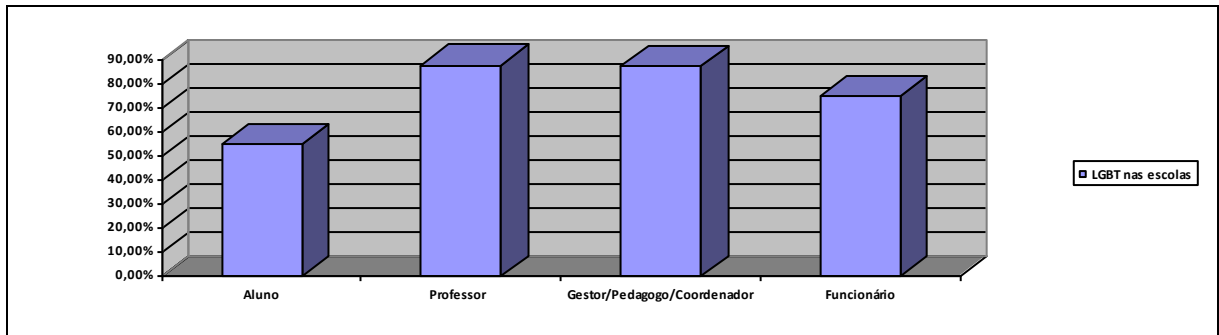
As tabulações nos permitiram descobrir que **85%** reconhece que LGBT sofrem de discriminação em algum desses lugares da escola; e desse percentual, **22%** acreditam que as aulas de Ensino Religioso é um espaço altamente preconceituoso para com o público LGBT. Esses são os dados quando consideramos o público geral pesquisado, porém quando fazemos o recorte considerando apenas o público LGBT pesquisado; **60%** reconhecem que as aulas de Ensino Religioso é um espaço de preconceito.

Ao perguntar se “**Nas aulas de Ensino Religioso, os LGBT são constrangidos, ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos**”, **21,6%** respondem que os/as LGBT são constrangidos/as. Já com o recorte apenas nas respostas de pessoas LGBT, então esse percentual salta para **40%**.

Por fim, **60,8%** daqueles/as que aceitaram participar dessa pesquisa acreditam que a escola não está preparada para receber e acompanhar alunos/as LGBT, dos/as alunos/as entrevistados/as **55%**; dos/as docentes **88%**; do grupo gestor/a,



pedagogo/a e coordenador/a **87,5%** e dos/as funcionários/as de escolas **75%**; conforme se pode visualizar no gráfico abaixo:



**Gráfico 9 - Acreditam que as escolas não estão preparadas para receber e acompanhar as alunas e alunos LGBT**

Ao considerar apenas as respostas do público LGBT, o percentual dos que acreditam que a escola não está preparada para receber e acompanhar alunos/as LGBT, chega a **85%**.

Realmente, uma escola que não discute diversidade sexual nas disciplinas de Ensino Religioso e Biologia ou Ciências; uma escola onde os livros didáticos não apresentam essa pauta; onde os LGBT são invisibilizados; onde os dicionários são portadores legítimos de homofobia; não se poderia esperar outra conclusão a não ser de que a escola verdadeiramente não está preparada para esse acolhimento.

## CONCLUSÃO

*“Quando me encontro com líderes de todo o mundo, levanto a minha voz e peço igualdade para os membros LGBT de nossa família humana. Muitos líderes dizem que gostariam de poder fazer mais, mas apontam a opinião pública como uma barreira para o progresso. Eles também citam as crenças religiosas e os sentimentos culturais. Respeito plenamente os direitos dos povos em acreditar nos ensinamentos religiosos que escolheram. Isso também é um direito humano. Mas não pode haver desculpa para violência ou discriminação, nunca. Entendo que pode ser difícil se levantar contra a opinião pública. Mas só porque a maioria desaprova determinados indivíduos, não dá direito ao Estado de reter seus direitos básicos. A democracia é mais do que a regra da maioria. Ela exige defesa das minorias vulneráveis diante de majorias hostis. Os governos têm o dever de desafiar o preconceito, não ceder a ele.”*

**Ban Ki-Moon**

*Secretário Geral da ONU*

Com a análise dos resultados da presente pesquisa; é possível dizer; que o espaço escolar público do município de Cariacica no Espírito Santo; a partir da percepção do público alvo que trabalhamos: discentes, docentes, gestores/as, coordenadores/as, pedagogos/as e funcionários/as de escola, bem como a avaliação qualitativa do currículo do Ensino Religioso; oferecem fortes evidências e apontam para uma escola que de fato tem mitos, crenças, ações e uma prática pedagógica que indicam forte presença de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

A pesquisa aponta uma escola onde o público LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais – é invisibilizado; não sendo representado e nem tendo suas necessidades discutidas nos instrumentos pedagógicos tais como: livros didáticos, dicionários, literatura de apoio. Uma escola onde sua prática pedagógica não inclui os diferentes e exclui radicalmente os que estão à margem do padrão de gênero e orientação sexual construído e imposto pela heteronormatividade tão presente nas escolas.

Os estudos demonstram claramente a distância social que os heterossexuais fazem questão de manter em relação aos homossexuais e bissexuais. A evidente exclusão de sujeitos LGBT da escola ocorre na perspectiva de: quanto mais se distanciam da norma de gênero que a escola compreende como compulsória, natural e normal; maior é o preconceito sofrido; desta forma, travestis, transexuais e andrógenos são os maiores alvos dessa exclusão e violência homofóbica.

Conclui-se que esse grupo LGBT sofre agressão física, moral e psicológica, e acabam por evadir-se da escola. Percebe-se que as violências atingem não só o grupo LGBT, porém causa problemas de aprendizagens em toda a comunidade escolar. Os índices dessa pesquisa indicam que o grupo mais propenso a manifestar discriminação a essa comunidade são os identificados como: protestantes e evangélicos. Acreditamos, a partir da teologia e da ciência das religiões que esse percentual justifica-se pela forma como esse grupo interpreta e mantém suas relações com o livro chamado: Bíblia, considerando a partir dele, as homossexualidades como inadmissíveis, pecados, formas inadequada de sexo...

Apontamos o Ensino religioso como uma disciplina que não cumpre o papel de educar para a diversidade. O currículo do Ensino Religioso reforça proselitismos e acaba por expressar discriminação e exclusão; pois majoritariamente segue o formato evangélico ou protestante na sua prática pedagógica. A disciplina do ER ainda provoca desconforto àqueles e aquelas que possuem uma orientação sexual diferente da maioria.

Observa-se, a partir dos cruzamentos de dados e informações coletados, que existem fortes indícios de que a homofobia, em toda sua complexidade de termos, seja mais forte na seguinte ordem crescente:

Gestor → Professor → Funcionário de escola → Aluno

Considerando gestor, para essa pesquisa: diretor/a, pedagogo/a, coordenador/a.

Essa possibilidade dialoga com os estudos nesse particular, que indicam que o grau de instrução definitivamente está relacionado ao grau de preconceito; quanto maior o grau de instrução, quanto maior for a informação; menor é o grau de preconceito e homofobia.

Portanto, a escola se apresenta ainda mais, como um fator importante na desconstrução desses preconceitos e pode atuar de maneira muito eficaz no combate a homofobia, se assim se propor.

A maioria dos docentes não possuem formação inicial e nem continuada que lhes permitam apropriar-se desse debate; os sistemas públicos de educação também não oferecem possibilidades e condições para que os direitos humanos, reprodutivos e sexuais estejam alinhados e em concordância com os currículos formais e com a prática pedagógica escolar.

Os índices também corroboram com os estudos nessa área, que apontam uma maior incidência de homofobia por parte do sexo masculino, as mulheres são menos preconceituosas e mais respeitosas com as diferenças.

Portanto, é claramente possível aferir e concluir nesse trabalho que as escolas públicas são espaços muito produtivos para o preconceito e a discriminação, que os sujeitos envolvidos na comunidade escolar tem comportamentos explícitos de distanciamento do público LGBT e atitudes que tentam combater as diferenças de orientação sexual e identidade de gênero, julgando-as como “anormal” e inapropriada para a escola e para toda a sociedade; e a escola não se posiciona explicitamente sobre o tema, fazendo profundo silêncio sobre essa pauta.

Nesse contexto, o currículo do Ensino Religioso, reforça essa matriz e não desconstrói essa máxima. Impedindo aos discentes saborear uma prática que conduz ao pleno gozo e respeito da democracia, cidadania e laicidade do Estado no espaço público da escola.

As literaturas e pesquisas sobre diversidade sexual, bem como esse presente estudo, indicam a necessidade de repensar os currículos escolares, em especial do Ensino Religioso e, sobretudo as práticas pedagógicas dos docentes e o fazer político e administrativo dos gestores/as. É necessário ações corajosas e ousadas, que rompam com as muralhas consolidadas na escola brasileira, abrindo janelas e portas para que lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais possam respirar melhor e sentirem-se parte dessa escola e portadores dos mesmos direitos que os demais alunos e alunas.

O currículo do Ensino Religioso deve voltar-se para uma política de inclusão da diversidade sexual; é fundamental e necessário que esse currículo contemple um conjunto de instrumentos pedagógicos claros e explícitos na desconstrução de preconceitos e discriminações por orientação sexual e identidade de gênero.

A partir desses tímidos resultados, concluímos que existem fortes indicativos que nos apontam para a necessidade de construirmos diretrizes curriculares para os sistemas de educação que de fato contemplem a agenda da diversidade sexual; necessitamos de ações legislativas e administrativas nas três esferas da Federação que permitam executar e assegurar políticas públicas de inclusão ao público LGBT; reformulação dos currículos a fim de construir pontes nessa distância e silenciamento nas questões relacionadas com as homossexualidades; oferecer formação inicial e continuada que possibilite a habilidade de ser trabalhar com essa demanda; produzir e acolher instrumentos pedagógicos, como livros e dicionários, que discutam com responsabilidade e comprometimento as temáticas de sexo, sexualidade, gênero, orientação sexual e homofobia; financiar projetos de pesquisa que possam contribuir com essa discussão.

Desta forma, mudando conceitos, desconstruindo mitos e crenças, ampliando o debate de uma escola que seja democrática, laica, inclusiva e sobre tudo justa e

com igualdade de direitos. A influência da religião, como instrumento de fé, de opressão e violência no espaço privilegiado das ciências – que é a escola - deve ser paulatinamente reduzida, e para isso o Currículo do Ensino Religioso deve cumprir seu papel de educar para a diversidade a partir do fenômeno da religião, com metodologia científica e definitivamente sem proselitismos; cumprindo assim, a legislação brasileira e acolhendo a todos e a todas que chegam às escolas com todas as suas diversidades.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

BELOTTI, Elena Gianini; ALVES, Ephraim Ferreira. **Educar para a Submissão**. 5ª.Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOFF, Leonardo. [www.jornalregistra.com](http://www.jornalregistra.com) : **“Capitalismo é antivida, assassina as vidas humanas para acumular”, diz Leonardo Boff**: 19 Outubro 2012. Disponível em: < <http://www.jornalregistra.com/cidadania/politica/2117-%E2%80%9Ccapitalismo-%C3%A9-antivida,-assassina-as-vidas-humanas-para-acumular%E2%80%9D,-diz-leonardo-boff.html>> Acesso em 07 de jan. de 2013.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia. História e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010.

BRASIL, Ministério da Justiça. **Programa Brasil Sem Homofobia**. Brasília: Programa Brasileiro de Combate à Violência e à Discriminação contra Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais, e de Promoção da Cidadania Homossexual, 2004.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Parecer nº 02/98 de 7 de abril de 1998. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02\\_98.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb02_98.pdf) > Acesso em: 25 de agosto de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de dicionários brasileiros de língua portuguesa para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/2006 [edital na internet]. Brasília: MEC; 2006 [acesso em 4 ago. 2008]. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/>

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas a serem incluídas no catálogo do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio – PNLEM/2007 [edital na internet]. Brasília: MEC; 2007 [acesso em 4 ago. 2008]. Disponível em: [http://www.fnde.gov.br/home/ld\\_ensinomedio/edital\\_pnlem2007.pdf](http://www.fnde.gov.br/home/ld_ensinomedio/edital_pnlem2007.pdf).

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, pessoas com necessidades especiais (deficiência) e socioeconômicas. São Paulo: FIPE/MEC/INEP, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC, SEF; 1997.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão**: recomendações para a construção de escolas inclusivas. 2. Ed. Coordenação Geral SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Acórdão de Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.277 DF. Relator: Ministro Ayres Britto. Brasília, 05 maio 2011. DJe nº 198 Divulgação 13/10/2011 Publicação 14/10/2011 Ementário nº 2607 - 03

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio. et al.(orgs). **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/ES em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-raciais**. Livro de Conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM, 2009.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Silvia (Coord.). **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro : CEPESC, 2005.

CONDORCET, Marquis de 1794 (1791). **Cinq mémoires sur l’instruction publique** apud DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância. **REVER Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, setembro/2009, rv3, p. 45-70, 2009. Disponível em: < [www.pucsp.br/rever/rv3\\_2009/t\\_domingos.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf) > . Acesso em: 20 de dez. 2012

CORRÊA, S. O.; MUNTARBHORN, V. (orgs.). **Princípios de Yogyakarta**: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta/Indonésia, 2006. Disponível em: < [http://www.clam.org.br/pdf/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/pdf/principios_de_yogyakarta.pdf) >. Acesso em: 13/08/2011.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Ensino Religioso no Brasil. 2008. Disponível em: <[http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/mesas/ER\\_no\\_Brasil\\_Maria\\_Amelia.pdf](http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/mesas/ER_no_Brasil_Maria_Amelia.pdf)> . Acesso em: 18 nov. 2012.

E - jovem. O suicídio entre adolescentes homossexuais. [s.d.]. Disponível em: < <http://blogsda gazetaweb.com.br/diversidade/?p=1932> > . Acesso em 23 ago. 2012.

ESPÍRITO SANTO (Estado). SEDU – Secretaria de Estado da Educação. **Editais de Processo Seletivo Simplificado nº 63 de 2011**. Vitória, 2011. Estabelece normas para seleção e contratação, em regime de designação temporária, de profissionais do magistério habilitados para atendimento às necessidades de excepcional interesse público da rede estadual de ensino. Disponível em: <



[http://www.educacao.es.gov.br/dt\\_sedu/Documentos/2011-63\\_Edital\\_Habilitados.pdf](http://www.educacao.es.gov.br/dt_sedu/Documentos/2011-63_Edital_Habilitados.pdf)  
> Acesso em 15 de ago. 2012.

DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana e CARRIÃO, Vanessa. **Laicidade e ensino religioso no Brasil**, Brasília: Letras Livres/ Editora UnB/UNESCO Brasil, 2010.

DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância. **REVER Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, setembro/2009, rv3, p. 45-70, 2009. Disponível em: < [www.pucsp.br/rever/rv3\\_2009/t\\_domingos.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf) > . Acesso em: 20 de dez. 2012

FIGUEIREDO, A. de P. **Ensino religioso: perspectivas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. 2ª. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil: intolerância à diversidade sexual**. 2008.

FURLANI, Jimena. **Gêneros e sexualidades no discurso religioso – um exercício desconstrutivo para Educação Sexual**. Trabalho apresentado no Seminário Ensino Religioso e Sexualidade, 2008, Santa Catarina. Instituto de Educação em Florianópolis.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofemenista**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.  
GGB – Grupo Gay da Bahia . **Homofobia na Escola**. Disponível em : < <http://www.ggb.org.br/educacao.html> > Acesso em 15/07/2012.

HATZENBUEHLER, Mark L. **Jovens homossexuais têm mais tendência ao suicídio**. [s.d.]. Disponível em: < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI226806-17770,00-JOVENS+HOMOSSEXUAIS+TEM+MAIS+TENDENCIA+AO+SUICIDIO+DIZ+ESTUDO.html> >. Acesso em: 23 ago. 2012.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e Sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>

JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas, v. 32. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

KILLERMANN, Sam. A Pessoa Genderbread V2.0. Disponível em: < <http://itspronouncedmetrosexual.com> >. Acesso em: 20/08/2011.

KLEIN, Remí; BRANDENBURG, Laude E.; WACHS, Manfredo Carlos (orgs.). **Ensino Religioso: Diversidade e Identidade**: V Simpósio de Ensino Religioso – 29 a 31 de maio de 2008. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Ed. UnB, Letras Livres, 2009.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAZZON, José Afonso. **Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, Organizadas de Acordo com Áreas Temáticas, a Saber, Étnico-Racial, Gênero, Geracional, Territorial, Necessidades Especiais, Socioeconômica e Orientação Sexual**: Produto 7 relatório final. São Paulo: FIPE/MEC, 2009.

MOTT, Luiz. **Assassinatos de LGBT no Brasil**. 2012. Disponível em: < <http://www.ggb.org.br/assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20brasil%202011%20GGB.html> >. Acesso em 15 de ago. 2012.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política e Sociedade** – Revista de Sociologia Política, v. 1, n. 3, Florianópolis, UFSC, p.11-26, out. 2003.

PASSOS; João Décio. **Ensino Religioso: Construção de uma proposta**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PINEL, Hiran. **Educadores da noite**. 2004, apud RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa (orgs.). **Currículos Gêneros e Sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas**. Vitória, ES: EDUFES, 2012.

RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa (orgs.). **Currículos Gêneros e Sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas**. Vitória, ES: EDUFES, 2012.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VIEIRA, Tereza Rodrigues (org.). **Minorias Sexuais: direitos e preconceitos**. Brasília: Editora Consulex, 2012.

ZABATIEIRO, Júlio. **Cristianismo e Democracia**. Disponível em: < [http://www.facebook.com/julio.zabatiero/posts/469141659819863?notif\\_t=comment\\_mention](http://www.facebook.com/julio.zabatiero/posts/469141659819863?notif_t=comment_mention) > Acesso em 19/01/2013.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - Tabelas com Resultados de Frequência e Percentual da  
Pesquisa Aplicada ao Público Geral**

<b>1.Tipo de pesquisado</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Aluno	269	76,4
Professor	50	14,2
Gestor/Pedagogo/Coordenador	17	4,8
Funcionário de Escola	16	4,5
Total	352	100,0

<b>2.Tipo de Escola</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Pública	352	100,0

<b>3.Tipo de Rede Pública</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Estadual	100	28,4
Municipal	249	70,7
Professor nas duas Redes	3	0,9
Total	352	100,0

<b>4.Gênero</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Homem	165	46,9
Mulher	184	52,3
Mulher Trans	1	0,3
Transgênero	2	0,6
Total	352	100,0

<b>5.Orientação Sexual</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Heterossexual	301	85,5
Homossexual	29	8,2
Bissexual	5	1,4
Subtotal	335	95,2
Entrevistados que não responderam	17	4,8
Total		100,0

<b>6.Identidade de Gênero</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Travesti	2	0,6
Transexual	1	0,3
Outro público	332	94,3
LGBT que não informou	17	4,8
Total	352	100,0

<b>7.Formação Acadêmica</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Ensino Fundamental	214	60,8
Ensino Médio	63	17,9
Graduação	13	3,7
Pós-graduação	62	17,6
Total	352	100,0

<b>8.Faixa Etária</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
14 a15 anos	179	50,9
16 a 19 anos	81	23,0
20 a 25 anos	20	5,7
Maior que 26	72	20,5
Total	352	100,0

<b>9.Religião Pessoal</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Católico	108	30,7
Protestante	15	4,3
Evangélico	145	41,2
Ateu	3	0,9
Não sigo religião	62	17,6
Outras Religiões	14	4,0
Subtotal	347	98,6
Entrevistados que não responderam	5	1,4
Total	352	100,0

<b>10.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Católicos e católicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	0,6
Dois	1	0,3
Quatro	2	0,6
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	43	12,2
Subtotal	48	13,6
Entrevistados que não rejeitam católicos como amigo	304	86,4
Total	352	100,0

<b>11.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Evangélicos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	0,6
Dois	3	0,9
Três	1	0,3
Quatro	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	51	14,5
Entrevistados que não rejeitam evangélicos como amigos	301	85,5
Total	352	100,0

<b>12.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Ex-presidiários e menores infratores</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	22	6,3
Dois	15	4,3
Três	9	2,6
Quatro	14	4,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	104	29,5
Entrevistados que não rejeitam Ex-presidiário e menores infratores como amigo	248	70,5
Total	352	100,0

<b>13.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Quem não acredita em Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	49	13,9
Dois	15	4,3
Três	18	5,1
Quatro	21	6,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	147	41,8
Entrevistados que não rejeitam ateu como amigo	205	58,2
Total	352	100,0

<b>14.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Lésbicas, gays, travestis e transexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	29	8,2
Dois	20	5,7
Três	13	3,7
Quatro	9	2,6
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	115	32,7
Entrevistados que não rejeitam LGBT como amigo	237	67,3
Total	352	100,0

<b>15.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	84	23,9
Dois	61	17,3
Três	22	6,3
Quatro	20	5,7
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	231	65,6
Entrevistados que não rejeitam falsos e fofoqueiros como amigo	121	34,4
Total	352	100,0

<b>16.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	20	5,7
Dois	25	7,1
Três	18	5,1
Quatro	11	3,1
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	118	33,5
Entrevistados que não rejeitam gente do espiritismo, candomblé e umbanda como amigos	234	66,5
Total	352	100,0

<b>17.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas envolvidas com furtos e roubos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	18	5,1
Dois	53	15,1
Três	57	16,2
Quatro	26	7,4
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	198	56,3
Entrevistados que não rejeitam gente envolvida com furto e roubo como amigo	154	43,8
Total	352	100,0



<b>18.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas negras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	1	0,3
Dois	2	0,6
Três	3	0,9
Quatro	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	51	14,5
Entrevistados que não rejeitam pessoas negras como amigos	301	85,5
Total	352	100,0

<b>19.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas nervosas e agressivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	17	4,8
Dois	31	8,8
Três	38	10,8
Quatro	21	6,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	151	42,9
Entrevistados que não rejeitam pessoas nervosas e agressivas como amigos	201	57,1
Total	352	100,0

<b>20.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas portadoras de HIV/AIDS</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	5	1,4
Dois	5	1,4
Três	7	2,0
Quatro	8	2,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	69	19,6
Entrevistados que não rejeitam portadores de HIV/AIDS como amigos	283	80,4
Total	352	100,0

<b>21.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Portadores de deficiência física</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Quatro	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	45	12,8
Entrevistados que não rejeitam portadores de deficiência física como amigo	307	87,2
Total	352	100,0

<b>22.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Portadores de deficiência mental</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Dois	1	0,3
Três	3	0,9
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	48	13,6
Entrevistados que não rejeitam portadores de deficiência mental como amigo	304	86,4
Total	352	100,0

<b>23.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Prostitutos e prostitutas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	6	1,7
Dois	16	4,5
Três	23	6,5
Quatro	27	7,7
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	116	33,0
Entrevistados que não rejeitam prostitutos e prostitutas como amigo	236	67,0
Total	352	100,0

<b>24.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Usuários de drogas fortes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	33	9,4
Dois	31	8,8
Três	41	11,6
Quatro	61	17,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	210	59,7
Entrevistados que não rejeitam usuários de droga forte como amigo	142	40,3
Total	352	100,0

<b>25.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	6	1,7
Dois	10	2,8
Três	8	2,3
Quatro	20	5,7
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	44	12,5
Subtotal	88	25,0
Entrevistados que não rejeitam viciados em cigarros e bebidas como amigo	264	75,0
Total	352	100,0

<b>26.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Católicos e católicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Quatro	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	56	15,9
Entrevistados que não se importam de encontrarem católicos na escola	296	84,1
Total	352	100,0

<b>27.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Evangélicos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	3	0,9
Dois	2	0,6
Três	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	61	17,3
Entrevistados que não se importam de encontrarem evangélicos na escola	291	82,7
<b>Total</b>	<b>352</b>	<b>100,0</b>

<b>28.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Ex-presidiários e menores infratores</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	16	4,5
Dois	15	4,3
Três	12	3,4
Quatro	13	3,7
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	111	31,5
Entrevistados que não se importam de encontrarem Ex-presidiários e menores infratores na escola	241	68,5
<b>Total</b>	<b>352</b>	<b>100,0</b>

<b>29.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Quem não acredita em Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	36	10,2
Dois	14	4,0
Três	11	3,1
Quatro	15	4,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	131	37,2
Entrevistados que não se importam de encontrar ateus na escola	221	62,8
<b>Total</b>	<b>352</b>	<b>100,0</b>

<b>30.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Lésbicas, gays, travestis e transexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	20	5,7
Dois	14	4,0
Três	13	3,7
Quatro	10	2,8
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	112	31,8
Entrevistados que não se importam de encontrarem LGBT na escola	240	68,2
Total	352	100,0

<b>31.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	75	21,3
Dois	41	11,6
Três	23	6,5
Quatro	17	4,8
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	211	59,9
Entrevistados que não se importam de encontrarem pessoas fofoqueiras e falsas na escola	141	40,1

<b>32.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	21	6,0
Dois	21	6,0
Três	12	3,4
Quatro	10	2,8
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	119	33,8
Entrevistados que não se importam de encontrar pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda na escola	233	66,2
Total	352	100,0

<b>33.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas envolvidas com furtos e roubos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	25	7,1
Dois	46	13,1
Três	40	11,4
Quatro	25	7,1
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	191	54,3
Entrevistados que não se importam de encontrarem pessoas envolvidas com furto e roubo na escola	161	45,7
Total	352	100,0

<b>34.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas negras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	0,6
Dois	1	0,3
Três	1	0,3
Quatro	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	60	17,0
Entrevistados que não se importam de encontrarem pessoas negras na escola	292	83,0
Total	352	100,0

<b>35.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas nervosas e agressivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	14	4,0
Dois	31	8,8
Três	42	11,9
Quatro	22	6,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	164	46,6
Entrevistados que não se importam de encontrarem pessoas nervosas e agressivas na escola	188	53,4
Total	352	100,0

<b>36.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas portadoras de HIV/AIDS</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	0,6
Dois	6	1,7
Três	12	3,4
Quatro	4	1,1
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	79	22,4
Entrevistados que não se importam de encontrarem portadores de HIV/AIDS na escola	273	77,6
Total	352	100,0

<b>37.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Portadores de deficiência física</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Dois	1	0,3
Três	1	0,3
Quatro	1	0,3
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	58	16,5
Entrevistados que não se importam de encontrarem deficientes físicos na escola	294	83,5
Total	352	100,0

<b>38.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Portadores de deficiência mental</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Dois	2	0,6
Três	4	1,1
Quatro	2	0,6
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	63	17,9
Entrevistados que não se importam de encontrarem deficientes mentais na escola	289	82,1
Total	352	100,0

<b>39.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Prostitutos e prostitutas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	6	1,7
Dois	23	6,5
Três	24	6,8
Quatro	24	6,8
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	132	37,5
Entrevistados que não se importam de encontrarem prostitutos e prostitutas na escola	220	62,5
Total	352	100,0

<b>40.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Usuários de drogas fortes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	49	13,9
Dois	28	8,0
Três	40	11,4
Quatro	49	13,9
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	55	15,6
Subtotal	221	62,8
Entrevistados que não se importam de encontrarem usuários de drogas fortes na escola	131	37,2
Total	352	100,0

<b>41.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	9	2,6
Dois	16	4,5
Três	15	4,3
Quatro	39	11,1
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	56	15,9
Subtotal	135	38,4
Entrevistados que não se importam de encontrarem viciados em cigarros e bebidas na escola	217	61,6
Total	352	100,0



<b>42.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: católicos e católicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	2	0,6
Antipatia	7	2,0
Indiferença	64	18,2
Satisfação ou alegria	157	44,6
Não sei/ Outras coisas	122	34,7
Subtotal	351	99,7
Total	352	100,0

<b>43.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Evangélicos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	2	0,6
Antipatia	6	1,7
Indiferença	57	16,2
Satisfação ou alegria	210	59,7
Não sei/ Outras coisas	77	21,9
Total	352	100,0

<b>44.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Ex-presidiários e menores infratores</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	17	4,8
Antipatia	42	11,9
Indiferença	144	40,9
Satisfação ou alegria	31	8,8
Não sei/ Outras coisas	118	33,5
Total	352	100,0

<b>45.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Quem não acreditam em Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	60	17,0
Antipatia	59	16,8
Indiferença	126	35,8
Satisfação ou alegria	28	8,0
Não sei/ Outras coisas	79	22,4
Total	352	100,0

<b>46.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com:Lésbicas, gays, travestis e transexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	30	8,5
Antipatia	37	10,5
Indiferença	138	39,2
Satisfação ou alegria	52	14,8
Não sei/ Outras coisas	95	27,0
Total	352	100,0

<b>47.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com:Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	135	38,4
Antipatia	124	35,2
Indiferença	44	12,5
Satisfação ou alegria	12	3,4
Não sei/ Outras coisas	37	10,5
Total	352	100,0

<b>48.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	30	8,5
Antipatia	48	13,6
Indiferença	130	36,9
Satisfação ou alegria	33	9,4
Não sei/ Outras coisas	111	31,6
Total	352	100,0

<b>49.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas envolvidas com furtos e roubos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	66	18,8
Antipatia	84	23,9
Indiferença	109	31,0
Satisfação ou alegria	21	6,0
Não sei/ Outras coisas	72	20,5
Total	352	100,0

<b>50.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas negras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	1	0,3
Antipatia	7	2,0
Indiferença	66	18,8
Satisfação ou alegria	190	54,0
Não sei/ Outras coisas	88	25,0
Total	352	100,0

<b>51.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas nervosas e agressivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	50	14,2
Antipatia	101	28,7
Indiferença	99	28,1
Satisfação ou alegria	19	5,4
Não sei/ Outras coisas	83	23,6
Total	352	100,0

<b>52.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas portadoras de HIV/AIDS</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	7	2,0
Antipatia	13	3,7
Indiferença	133	37,8
Satisfação ou alegria	67	19,0
Não sei/ Outras coisas	132	37,5
Total	352	100,0

<b>53.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Portadores de deficiência física</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	3	0,9
Antipatia	6	1,7
Indiferença	100	28,4
Satisfação ou alegria	131	37,2
Não sei/ Outras coisas	112	31,8
Total	352	100,0

<b>54.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Portadores de deficiência mental</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	5	1,4
Antipatia	9	2,6
Indiferença	100	28,4
Satisfação ou alegria	109	31,0
Não sei/ Outras coisas	129	36,6
Total	352	100,0

<b>55.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Prostitutos e prostitutas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	43	12,2
Antipatia	66	18,8
Indiferença	116	33,0
Satisfação ou alegria	34	9,7
Não sei/ Outras coisas	93	26,4
Total	352	100,0

<b>56.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Usuários de drogas fortes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	69	19,6
Antipatia	74	21,0
Indiferença	95	27,0
Satisfação ou alegria	22	6,3
Não sei/ Outras coisas	92	26,1
Total	352	100,0

<b>57.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	39	11,1
Antipatia	47	13,4
Indiferença	134	38,1
Satisfação ou alegria	31	8,8
Não sei/ Outras coisas	101	28,7
Total	352	100,0

<b>58.Na sua escola existe preconceito em relação aos gays, lésbicas, bi, travestis e transexuais?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não existe de forma alguma preconceito.	32	9,1
Sim, e existe muito preconceito.	67	19,0
Sim, existe um pouco de preconceito.	80	22,7
Sim existe, mas não sei o quanto.	170	48,3
Subtotal	349	99,1
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	3	0,9
Total	352	100,0

<b>59.Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	258	73,3
Discordo	49	13,9
Não sei / Não quero responder	45	12,8
Total	352	100,0

<b>60.A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	175	49,7
Discordo	99	28,1
Não sei / Não quero responder	78	22,2
Total	352	100,0

<b>61.A pessoa bissexual, que fica com homens e mulheres, é porque não sabe o que quer de fato..</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	133	37,8
Discordo	127	36,1
Não sei / Não quero responder	92	26,1
Total	352	100,0

<b>62.Os casais gays e de lésbicas não deveriam adotar filhos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	91	25,9
Discordo	191	54,3
Não sei / Não quero responder	70	19,9
Total	352	100,0

<b>63.Os gays geralmente são mais promíscuos, ou seja, ficam com muitos parceiros sexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	108	30,7
Discordo	90	25,6
Não sei / Não quero responder	154	43,8
Total	352	100,0

<b>64.A homossexualidade é uma doença e pode ser tratada por médicos e psicólogos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	50	14,2
Discordo	208	59,1
Não sei / Não quero responder	94	26,7
Total	352	100,0

<b>65.Ser gay, lésbica, travesti ou transexual é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus.</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	98	27,8
Discordo	151	42,9
Não sei / Não quero responder	103	29,3
Total	352	100,0

<b>66. Gay é coisa de safadeza, de falta de vergonha</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	85	24,1
Discordo	176	50,0
Não sei / Não quero responder	91	25,9
Total	352	100,0

<b>67. A garota que é lésbica, é porque não encontrou um homem de verdade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	62	17,6
Discordo	197	56,0
Não sei / Não quero responder	93	26,4
Total	352	100,0

<b>68. Os gays são os principais culpados pela AIDS estar sendo espalhada ao redor do mundo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	49	13,9
Discordo	190	54,0
Não sei / Não quero responder	113	32,1
Total	352	100,0

<b>69. É estranho ver um professor gay ensinando religião na escola</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	107	30,4
Discordo	172	48,9
Não sei / Não quero responder	73	20,7
Total	352	100,0



<b>70.Em qual desses espaços da escola você acredita que existe maior discriminação aos LGBT?</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Nas aulas de Ciências/Biologia	1	0,3
Nas aulas de Ensino Religioso	1	0,3
Em aulas de outras disciplinas	2	0,6
No uso dos banheiros	9	2,6
No pátio e dependências externas da escola	36	10,2
Em nenhum espaço da escola, pois não existe discriminação aqui	44	12,5
Aulas de Educação Física, nos banheiros e no pátio	60	17,0
Aulas de Educação Física, Ensino Religioso e nos banheiros	25	7,1
Aula de Ensino Religioso, nos banheiros e pátio	19	5,4
Aulas de Educação Física e Ensino Religioso	1	0,3
Aulas de Educação Física e pátio	2	0,6
Aulas de Biologia, Ensino Religioso e nos banheiros	9	2,6
Nas aulas de Educação Física, Ensino Religioso e no pátio	9	2,6
Na biblioteca, aulas de Educação Física e nos banheiros	5	1,4
Nas aulas de outras disciplinas, nos banheiros e no pátio	26	7,4
Na biblioteca, nas aulas de outras disciplinas e no pátio	7	2,0
Aulas de Biologia, nos banheiros e pátio	19	5,4
Biblioteca, banheiros e pátio	20	5,7
Na biblioteca, aulas de Ensino Religioso e nos banheiros	3	0,9
Banheiros e pátio	16	4,5
Aulas de Biologia, Educação Física, Ensino Religioso e nos banheiros	6	1,7
Aulas de Educação Física, no pátio, nas aulas de Português e outras disciplinas	4	1,1
Nas aulas de Ensino Religioso, em outras disciplinas e no pátio	3	0,9
Nas aulas de Biologia, em outras disciplinas e no pátio	9	2,6
Aulas de Português, outras disciplinas e no pátio	3	0,9
Biblioteca, aulas de Biologia e nas aulas de português	1	0,3
Biblioteca, aulas de Biologia e nos banheiros	3	0,9
Subtotal	343	97,4
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	9	2,6
Total	352	100,0

<b>71.Se você pudesse escolher o gênero do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Homem	18	5,1
Mulher	66	18,8
Não faz diferença	258	73,3
Subtotal	342	97,2
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	10	2,8
Total	352	100,0

<b>72.Se você pudesse escolher o tronco religioso do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Cristianismo	89	25,3
Judaísmo	2	0,6
Islamismo	1	0,3
de Matriz Africana	2	0,6
Não faz diferença	245	69,6
Subtotal	339	96,3
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	13	3,7
Total	352	100,0

<b>73.Se você pudesse escolher a religião do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Evangélica	99	28,1
Católica	43	12,2
Ateu	3	0,9
Não faz diferença	196	55,7
Subtotal	341	96,9
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	11	3,1
Total	352	100,0

<b>74.Se você pudesse escolher a orientação sexual e identidade de gênero do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Gay/Lésbica	5	1,4
Bissexual	1	0,3
Heterossexual	139	39,5
Não faz diferença	193	54,8
Subtotal	338	96,0
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	14	4,0
Total	352	100,0

<b>75.Se você pudesse escolher o/a professor/a de ensino religioso da sua escola, você não escolheria, por apenas uma questão pessoal?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um Pastor evangélico, solteiro, negro naturalizado brasileiro;	16	4,5
Um padre idoso, branco com atuação na Paróquia local;	8	2,3
Um gay, afeminado, que expressa ser judeu;	23	6,5
Uma lésbica umbandista que vive um caso com a prima;	29	8,2
Uma travesti, do candomblé e recém formada.	67	19,0
Não sei / Qualquer um, não faria diferença	181	51,4
O gay judeu, a lésbica umbandista e a travesti do candomblé	14	4,0
Todos menos o Pastor Evangélico	3	0,9
Todas as opções	1	0,3
Subtotal	342	97,2
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	10	2,8
Total	352	100,0

<b>76.Sua escola comemorou e discutiu o dia 17 de maio (Dia Internacional, Nacional e Estadual contra a Homofobia)?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	33	9,4
Não	266	75,6
Isso não é necessário	39	11,1
Subtotal	338	96,0
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	14	4,0
Total	352	100,0

<b>77.Sua escola sempre oferece ou ofereceu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate a homofobia?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	48	13,6
Não	258	73,3
Isso não é necessário	30	8,5
Subtotal	336	95,5
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	16	4,5
Total	352	100,0

<b>78.Nas aulas de Ciências/Biologia se discuti a questão da diversidade sexual?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	156	44,3
Não	156	44,3
Isso não é necessário	24	6,8
Subtotal	336	95,5
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	16	4,5
Total	352	100,0

<b>79.Nas aulas de Educação Física, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
São constrangidos	101	28,7
Não são constrangidos	225	63,9
Subtotal	326	92,6
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	26	7,4
Total	352	100,0

<b>80.Nas aulas de Ensino Religioso, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
São constrangidos	76	21,6
Não são constrangidos	246	69,9
Subtotal	322	91,5
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	30	8,5
Total	352	100,0

<b>81.Você já presenciou, viu, ou ouvia comentar algum ato ou forma de preconceito, chacota ou violência contra gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual que tenha ocorrida na sua escola?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	207	58,8
Não	142	40,3
Subtotal	349	99,1
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	3	0,9
Total	352	100,0

<b>82.As escolas estão preparadas para receber e acompanhar as alunas e alunos:lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	76	21,6
Não	214	60,8
Isso não é necessário	56	15,9
Subtotal	346	98,3
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	6	1,7
Total	352	100,0

<b>83.Os professores recebem formação acadêmica inicial e continuada para pautar o debate da diversidade sexual na escola?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	73	20,7
Não	218	61,9
Isso não é necessário	52	14,8
Subtotal	343	97,4
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	9	2,6
Total	352	100,0

<b>84.Você é a favor do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	122	34,7
Não	153	43,5
Tenho dúvidas	68	19,3
Subtotal	343	97,4
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	9	2,6
Total	352	100,0

<b>85.Nas aulas de Ensino Religioso se discute a questão da diversidade sexual?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	81	23,0
Não	198	56,3
Tenho dúvidas	64	18,2
Subtotal	343	97,4
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	9	2,6
Total	352	100,0

<b>86.Os livros adotados por sua escola, trazem a temática da diversidade sexual? Falam sobre casamento de pessoas do mesmo sexo? Discutem as violências cometidas contra esse grupo de pessoas?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	35	9,9
Não	268	76,1
Isso não é necessário	39	11,1
Subtotal	342	97,2
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	10	2,8
Total	352	100,0

<b>87.Em sua escola tem alunos, alunas lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	207	58,8
Não	47	13,4
Tenho dúvidas	93	26,4
Subtotal	347	98,6
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	5	1,4
Total	352	100,0

<b>88.Nas aulas de Ensino Religioso, a homossexualidade é/era pautada de que forma?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
A homossexualidade era simplesmente ignorada, não se falava/fala nesse assunto	88	25,0
Era/é considerada doença, com possibilidade de tratamento	6	1,7
Estudada como normalidade, apenas não comum; e mostrado como as diversas religiões a vê. Algumas rejeitam, outras ignoram	72	20,5
Discutida apenas considerando a interpretação tradicional da Bíblia	28	8,0
Discutida sobre amplos aspectos e utilizando diversos livros sagrados das diversas religiões mundiais	3	0,9
Discutido sempre com deboche, desrespeito e como comportamento não compatível com a religião	15	4,3
Considerada doença, estudada com normalidade, discutida na interpretação da bíblia, sempre com deboche	2	,6
Simplesmente ignorada e discutida sempre com deboche	6	1,7
Considerada doença, discutida na interpretação da bíblia	4	1,1
Simplesmente ignorada, considerada doença e discutida na interpretação da bíblia	12	3,4
Discutida na interpretação da bíblia, discutida sempre com deboche	2	0,6
Simplesmente ignorada e discutida na interpretação da bíblia, discutido sempre com deboche	10	2,8
Estudada como normalidade, apenas não comum; discutida considerando a interpretação da bíblia	11	3,1
Simplesmente ignorada, estudada com normalidade, considerando a interpretação da bíblia, discutida com deboche	30	8,5
Simplesmente ignorada, estudada com normalidade	16	4,5
Simplesmente ignorada, considerada doença, discutida sobre amplos aspectos diversos	9	2,6
Estudada como normalidade, apenas não comum; discutida sobre amplos aspectos, discutida sempre com deboche	10	2,8
Discutida considerando a interpretação da Bíblia, discutida sobre amplos aspectos utilizando diversos livros sagrados	1	0,3
Considerada doença, estudada com normalidade, apenas não comum	1	0,3
Subtotal	326	92,6
Entrevistados que não responderam ou não sabiam	26	7,4
Total	352	100,0

**APÊNDICE B - Tabelas com Resultados de Freqüência e Percentual da Pesquisa Aplicada ao Público Assumidamente LGBT**

<b>1.Tipo de pesquisado</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Percentual</b>
Aluno	16	80,0
Professor	4	20,0
Total	20	100,0

<b>2.Tipo de Escola</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Percentual</b>
Pública	20	100,0

<b>3.Tipo de Rede Pública</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Percentual</b>
Estadual	16	80,0
Municipal	4	20,0
Total	20	100,0

<b>4.Identidade de Gênero</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Percentual</b>
Travesti	2	10,0
Transexual	1	5,0
LGBT que não informou	17	85,0
Total	20	100,0

<b>5.Orientação Sexual</b>	<b>Freqüência</b>	<b>Percentual</b>
Heterossexual	1	5,0
Homossexual	17	85,0
Bissexual	2	10,0
Total	20	100,0



<b>6. Identidade de Gênero</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Travesti	2	10,0
Transexual	1	5,0
LGBT que não informou	17	85,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>7. Formação Acadêmica</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Ensino Fundamental	2	10,0
Ensino Médio	10	50,0
Graduação	5	25,0
Pós-graduação	3	15,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>8. Faixa Etária</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
16 a 19 anos	7	35,0
20 a 25 anos	9	45,0
Maior que 26	4	20,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>9. Religião Pessoal</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Católico	4	20,0
Protestante	3	15,0
Evangélico	4	20,0
Ateu	2	10,0
Não sigo religião	7	35,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>10. Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Católicos e católicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Dois	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	3	15,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com católicos	16	80,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>11.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Evangélicos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com evangélicos	16	80,0
Total	20	100,0

<b>12.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Ex-presidiários e menores infratores</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Dois	2	10,0
Três	1	5,0
Quatro	2	10,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com ex-presidiários e menores infratores	11	55,0
Total	20	100,0

<b>13.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Quem não acredita em Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Quatro	2	10,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com ateus	14	70,0
Total	20	100,0

<b>14.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Lésbicas, gays, travestis e transexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com LGBT	16	80,0
Total	20	100,0

<b>15.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	3	15,0
Dois	2	10,0
Quatro	3	15,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com pessoas fofoqueiras e falsas	8	40,0
Total	20	100,0

<b>16.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	10,0
Três	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda	13	65,0
Total	20	100,0

<b>17.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas envolvidas com furtos e roubos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	3	15,0
Dois	3	15,0
Três	4	20,0
Quatro	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com pessoas envolvidas com furto e roubo	5	25,0
Total	20	100,0

<b>18.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas negras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Quatro	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com Pessoas negras	15	75,0
Total	20	100,0

<b>19.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas nervosas e agressivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	10,0
Dois	1	5,0
Três	7	35,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com Pessoas nervosas e agressivas	6	30,0
Total	20	100,0

<b>20.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Pessoas portadoras de HIV/AIDS</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com pessoas portadoras de HIV/AIDS	16	80,0
Total	20	100,0

<b>21.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Portadores de deficiência física</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com portadores de deficiência física	16	80,0
Total	20	100,0

<b>22.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Portadores de deficiência mental</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Três	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com portadores de deficiência mental	15	75,0
Total	20	100,0

<b>23.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Prostitutos e prostitutas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com prostitutos e prostitutas	16	80,0
Total	20	100,0

<b>24.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Usuários de drogas fortes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	10,0
Dois	6	30,0
Quatro	3	15,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com usuários de drogas fortes	5	25,0
Total	20	100,0

<b>25.Pessoas que você não gostaria de se relacionar como amigo: Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	2	10,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	4	20,0
Entrevistados que não rejeitam amizade com viciados em cigarros e bebidas	14	70,0
Total	20	100,0

<b>26.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Católicos e católicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos católicos e católicas	14	70,0
Total	20	100,0

<b>27.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Evangélicos e evangélicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos evangélicos e evangélicas	14	70,0
Total	20	100,0

<b>28.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Ex-presidiários e menores infratores</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	1	5,0
Dois	3	15,0
Três	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos ex-presidiários e menores infratores	9	45,0
Total	20	100,0

<b>29.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Quem não acredita em Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Quatro	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos ateus	13	65,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>30.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Lésbicas, gays, travestis e transexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos LGBT	14	70,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>31.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	4	20,0
Três	2	10,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição às pessoas falsas e fofoqueiras	8	40,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>32.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	1	5,0
Dois	1	5,0
Quatro	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição às pessoas do espiritismo, candomblé ou umbanda	11	55,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>33.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas envolvidas com furtos e roubos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	3	15,0
Dois	4	20,0
Quatro	3	15,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição às pessoas envolvidas com furtos e roubos	4	20,0
Total	20	100,0

<b>34.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas negras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição às pessoas negras	13	65,0
Total	20	100,0

<b>35.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas nervosas e agressivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Três	6	30,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição às pessoas nervosas e agressivas	8	40,0
Total	20	100,0

<b>36.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Pessoas portadoras de HIV/AIDS</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos portadores de HIV/AIDS	14	70,0
Total	20	100,0

<b>37.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Portadores de deficiência física</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Dois	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos portadores de deficiência física	13	65,0
Total	20	100,0

<b>38.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Portadores de deficiência mental</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Três	2	10,0
Quatro	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos portadores de deficiência mental	11	55,0
Total	20	100,0

<b>39.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Prostitutos e prostitutas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos prostitutos e prostitutas	14	70,0
Total	20	100,0

<b>40.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Usuários de drogas fortes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um	3	15,0
Dois	2	10,0
Quatro	4	20,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos usuários de drogas fortes	5	25,0
Total	20	100,0



<b>41.Pessoas com as quais você não gostaria de encontrar na escola: Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Três	2	10,0
Quatro	1	5,0
Não faz diferença, não tenho preferência pessoal	6	30,0
Entrevistados que não sentem rejeição aos viciados e cigarros e bebidas	11	55,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>42.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: católicos e católicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Antipatia	1	5,0
Indiferença	6	30,0
Satisfação ou alegria	8	40,0
Não sei/ Outras coisas	5	25,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>43.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Evangélicos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Antipatia	2	10,0
Indiferença	6	30,0
Satisfação ou alegria	7	35,0
Não sei/ Outras coisas	5	25,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>44.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Ex-presidiários e menores infratores</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	1	5,0
Indiferença	12	60,0
Satisfação ou alegria	1	5,0
Não sei/ Outras coisas	6	30,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>45.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Quem não acreditam em Deus</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Antipatia	3	15,0
Indiferença	10	50,0
Satisfação ou alegria	4	20,0
Não sei/ Outras coisas	3	15,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>46.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com:Lésbicas, gays, travestis e transexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Indiferença	7	35,0
Satisfação ou alegria	13	65,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>47.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com:Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	6	30,0
Antipatia	10	50,0
Indiferença	3	15,0
Satisfação ou alegria	1	5,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>48.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	1	5,0
Antipatia	3	15,0
Indiferença	8	40,0
Satisfação ou alegria	4	20,0
Não sei/ Outras coisas	4	20,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>49.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas envolvidas com furtos e roubos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	6	30,0
Antipatia	5	25,0
Indiferença	7	35,0
Satisfação ou alegria	1	5,0
Não sei/ Outras coisas	1	5,0
Total	20	100,0

<b>50.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas negras</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Indiferença	7	35,0
Satisfação ou alegria	9	45,0
Não sei/ Outras coisas	4	20,0
Total	20	100,0

<b>51.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas nervosas e agressivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	4	20,0
Antipatia	6	30,0
Indiferença	7	35,0
Satisfação ou alegria	1	5,0
Não sei/ Outras coisas	2	10,0
Total	20	100,0

<b>52.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Pessoas portadoras de HIV/AIDS</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Indiferença	10	50,0
Satisfação ou alegria	2	10,0
Não sei/ Outras coisas	7	35,0
Entrevistado que não respondeu	1	5,0
Total	20	100,0

<b>53.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Portadores de deficiência física</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Indiferença	8	40,0
Satisfação ou alegria	6	30,0
Não sei/ Outras coisas	5	25,0
Entrevistado que não respondeu	1	5,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>54.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Portadores de deficiência mental</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Antipatia	1	5,0
Indiferença	7	35,0
Satisfação ou alegria	6	30,0
Não sei/ Outras coisas	5	25,0
Entrevistado que não respondeu	1	5,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>55.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Prostitutos e prostitutas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Indiferença	9	45,0
Satisfação ou alegria	5	25,0
Não sei/ Outras coisas	6	30,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>56.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Usuários de drogas fortes</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Repulsa ou ódio	5	25,0
Antipatia	3	15,0
Indiferença	8	40,0
Satisfação ou alegria	1	5,0
Não sei/ Outras coisas	3	15,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>57.O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Antipatia	3	15,0
Indiferença	10	50,0
Satisfação ou alegria	4	20,0
Não sei/ Outras coisas	3	15,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>58.Na sua escola existe preconceito em relação aos gays, lésbicas, bi, travestis e transexuais?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não existe de forma alguma preconceito.	1	5,0
Sim, e existe muito preconceito.	6	30,0
Sim, existe um pouco de preconceito.	7	35,0
Sim existe, mas não sei o quanto.	6	30,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>59.Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	6	30,0
Discordo	13	65,0
Não sei / Não quero responder	1	5,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>60.A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus.</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	3	15,0
Discordo	15	75,0
Não sei / Não quero responder	2	10,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>61.A pessoa bissexual, que fica com homens e mulheres, é porque não sabe o que quer de fato</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	4	20,0
Discordo	16	80,0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100,0</b>

<b>62.Os casais gays e de lésbicas não deveriam adotar filhos.</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	3	15,0
Discordo	17	85,0
Total	20	100,0

<b>63.Os gays geralmente são mais promíscuos, ou seja, ficam com muitos parceiros sexuais</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	9	45,0
Discordo	11	55,0
Total	20	100,0

<b>64.A homossexualidade é uma doença e pode ser tratada por médicos e psicólogos.</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	1	5,0
Discordo	19	95,0
Total	20	100,0

<b>65.Ser gay, lésbica, travesti ou transexual é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus.</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	2	10,0
Discordo	18	90,0
Total	20	100,0

<b>66.Gay é coisa de safadeza, de falta de vergonha</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Discordo	20	100,0

<b>67.A garota que é lésbica, é porque não encontrou um homem de verdade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Discordo	20	100,0

<b>68.Os gays são os principais culpados pela AIDS estar sendo espalhada ao redor do mundo</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	1	5,0
Discordo	18	90,0
Não sei / Não quero responder	1	5,0
Total	20	100,0

<b>69.É estranho ver um professor gay ensinando religião na escola.</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Concordo	5	25,0
Discordo	14	70,0
Não sei / Não quero responder	1	5,0
Total	20	100,0

<b>70.Em qual desses espaços da escola você acredita que existe maior discriminação aos LGBT?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Nas aulas de Ensino Religioso	1	5,0
No pátio e dependências externas da escola	1	5,0
Em nenhum espaço da escola, pois não existe discriminação aqui	1	5,0
Aulas de Educação Física, nos banheiros e no pátio	4	20,0
Aulas de Educação Física, Ensino Religioso e nos banheiros	4	20,0
Aula de Ensino Religioso, nos banheiros e pátio	3	15,0
Aulas de Educação Física e Ensino Religioso	1	5,0
Aulas de Educação Física e pátio	1	5,0
Aulas de Biologia, Ensino Religioso e nos banheiros	1	5,0
Nas aulas de Física, Ensino Religioso e no pátio	2	10,0
Na biblioteca, aulas de Educação Física e nos banheiros	1	5,0
Total	20	100,0

<b>71.Se você pudesse escolher o gênero do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Homem	1	5,0
Mulher	2	10,0
Não faz diferença	17	85,0
Total	20	100,0

<b>72.Se você pudesse escolher o tronco religioso do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Cristianismo	5	25,0
Não faz diferença	15	75,0
Total	20	100,0

<b>73.Se você pudesse escolher a religião do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Evangélica	2	10,0
Católica	3	15,0
Ateu	1	5,0
Não faz diferença	14	70,0
Total	20	100,0

<b>74.Se você pudesse escolher a orientação sexual e identidade de gênero do/a professor/a de ensino religioso de sua escola quem escolheria?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Heterossexual	3	15,0
Não faz diferença	17	85,0
Total	20	100,0



<b>75.Se você pudesse escolher o/a professor/a de ensino religioso da sua escola, você não escolheria, por apenas uma questão pessoal?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Um Pastor evangélico, solteiro, negro naturalizado brasileiro;	6	30,0
Uma travesti, do candomblé e recém formada.	3	15,0
Não sei / Qualquer um, não faria diferença	10	50,0
O gay judeu, a lésbica umbandista e a travesti do candomblé	1	5,0
Total	20	100,0

<b>76.Sua escola comemorou e discutiu o dia 17 de maio (Dia Internacional, Nacional e Estadual contra a Homofobia)?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não	20	100,0

<b>77.Sua escola sempre oferece ou ofereceu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate a homofobia?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não	20	100,0

<b>78.Nas aulas de Ciências/Biologia se discuti a questão da diversidade sexual?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	5	25,0
Não	14	70,0
Isso não é necessário	1	5,0
Total	20	100,0

<b>79.Nas aulas de Educação Física, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
São constrangidos	11	55,0
Não são constrangidos	9	45,0
Total	20	100,0

<b>80.Nas aulas de Ensino Religioso, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
São constrangidos	8	40,0
Não são constrangidos	12	60,0
Total	20	100,0

<b>81.Você já presenciou, viu, ou ouvia comentar algum ato ou forma de preconceito, chacota ou violência contra gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual que tenha ocorrida na sua escola?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	19	95,0
Não	1	5,0
Total	20	100,0

<b>82.As escolas estão preparadas para receber e acompanhar as alunas e alunos: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	3	15,0
Não	17	85,0
Total	20	100,0

<b>83.Os professores recebem formação acadêmica inicial e continuada para pautar o debate da diversidade sexual na escola?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	1	5,0
Não	19	95,0
Total	20	100,0

<b>84.Você é a favor do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	18	90,0
Não	2	10,0
Total	20	100,0

<b>85.Nas aulas de Ensino Religioso se discute a questão da diversidade sexual?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	6	30,0
Não	13	65,0
Tenho dúvidas	1	5,0
Total	20	100,0

<b>86.Os livros adotados por sua escola, trazem a temática da diversidade sexual? Falam sobre casamento de pessoas do mesmo sexo? Discutem as violências cometidas contra esse grupo de pessoas?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Não	20	100,0

<b>87.Em sua escola tem alunos, alunas lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	20	100,0

<b>88.Nas aulas de Ensino Religioso, a homossexualidade é/era pautada de que forma?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
A homossexualidade era simplesmente ignorada, não se falava/fala nesse assunto	7	35,0
Estudada como normalidade, apenas não comum; e mostrado como as diversas religiões a vê. Algumas rejeitam, outras ignora	2	10,0
Discutida apenas considerando a interpretação tradicional da Bíblia	2	10,0
Discutido sempre com deboche, desrespeito e como comportamento não compatível com a religião	2	10,0
Considerada doença, estudada com normalidade, discutida na interpretação da bíblia, sempre com deboche	1	5,0
Simplesmente ignorada e discutida sempre com deboche	1	5,0
Considerada doença, discutida na interpretação da bíblia	1	5,0
Simplesmente ignorada, considerada doença e discutida na interpretação da bíblia	2	10,0
Discutida na interpretação da bíblia, discutida sempre com deboche	1	5,0
Simplesmente ignorada e discutida na interpretação da bíblia	1	5,0
Total	20	100,0

<b>89.Como você se sente na escola, em relação a sua identidade sexual:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sinto-me muito à vontade	8	40,0
Sinto orgulho	5	25,0
Sinto um pouco de vergonha	4	20,0
Às vezes me sinto deslocado	3	15,0
Total	20	100,0

<b>90.Você assumiu sua sexualidade inicialmente para quem?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Mãe/pai	2	10,0
Irmão/imã	1	5,0
Outros familiares (tios, primos, avós)	3	15,0
Colegas de escola em geral	1	5,0
Amigos e amigas gays e lésbicas	6	30,0
Amigos ou amigas muito íntimos/as	2	10,0
Todas as opções acima menos os profissionais de saúde	2	10,0
Outros familiares, colegas de escola e aos professores/as	1	5,0
Amigos e amigas gays e lésbica e amigos ou amigas muito íntimos	2	10,0
Total	20	100,0

<b>91.Já se sentiu discriminado/a na escola por causa de sua orientação sexual?</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Nunca	2	10,0
Poucas vezes	11	55,0
De vez em quando	3	15,0
Sempre	4	20,0
Total	20	100,0

<b>92.Se Já foi discriminado/a na escola em função de sua orientação sexual, informe por quem:</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Alunos de outras turmas	3	15,0
Pais e mães de outros alunos	1	5,0
Alunos de outras turmas e pais e mães de outros alunos	1	5,0
Alunos de outras turmas, colegas de sala, pessoas que vinha à escola e pais e mães de outros alunos	1	5,0
Alunos de outras turmas e colegas da própria sala	2	10,0
Gestores, alunos de outras turmas, colegas de sala e outros funcionários da escola	1	5,0
Gestores, alunos de outras turmas, colegas de sala , professores de outras turmas e da minha própria turma	2	10,0
Alunos de outras turmas, colegas de sala, professores de outras turmas e da minha própria turma	1	5,0
Alunos de outras turmas e pessoas que vinha à escola	1	5,0
Colegas de sala e professores da minha turma	1	5,0
Gestores, professores da minha própria turma e professores de outras turmas	1	5,0
Alunos de outras turmas, colegas de sala e professores da minha turma	1	5,0
Gestores e outros funcionários da escola	1	5,0
Entrevistados que não responderam	3	15,0
Total	20	100,0

## APÊNDICE C - Questionário Aplicado ao Público Geral



**FTU – Faculdade Unida de Vitória**  
**Mestrado em Ciências das Religiões**  
**LP – Religião e Esfera Pública**

*Orientador Acadêmico: Dr. Júlio Zabatiero*  
*Pesquisador: J. Christovam de Mendonça Filho*

PERFIL DE PESQUISADO SEM CARACTERIZAÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL – Q2	
<b>Tipo de Pesquisado:</b>	<input type="checkbox"/> Aluno <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Gestor/Pedagogo/Coordenador <input type="checkbox"/> Funcionário de Escola
<b>Tipo de Escola:</b>	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Particular
<b>Tipo de Rede Pública:</b>	<input type="checkbox"/> Estadual <input type="checkbox"/> Municipal
<b>Gênero:</b>	<input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Homem Trans <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Mulher Trans <input type="checkbox"/> Andrôgeno <input type="checkbox"/> Transgênero
<b>Orientação Sexual:</b>	<input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Heterossexual
<b>Identidade de Gênero:</b>	<input type="checkbox"/> Travesti <input type="checkbox"/> Transexual <input type="checkbox"/> Intersexual <input type="checkbox"/> Outra Identidade
<b>Formação Acadêmica:</b>	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Graduação <input type="checkbox"/> Pós-graduação    *Marque se estiver cursando ou completo
<b>Faixa Etária</b>	<input type="checkbox"/> 14 a 15 anos <input type="checkbox"/> 16 a 19 anos <input type="checkbox"/> 20 a 25 anos <input type="checkbox"/> maior que 26
<b>Religião Pessoal</b>	<input type="checkbox"/> Católico <input type="checkbox"/> Protestante <input type="checkbox"/> Umbandista/Candomblecista <input type="checkbox"/> Evangélico <input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Não sigo religião <input type="checkbox"/> Outras Religiões

1. Pessoas com as quais você <b>NÃO</b> gostaria de se relacionar como amigo e amiga na escola, por uma questão pessoal (marque numerando até 4 por ordem):	
Tipos de pessoas	Ordem de prioridade
Católicos e católicas	
Evangélicos e evangélicas	
Ex-presidiários, ou menores cumprindo determinação judicial	
Gente que não acredita em Deus	
Lésbicas, gays, travestis e transexuais	
Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas	
Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda	
Pessoas envolvidas com furtos e roubos	
Pessoas negras	
Pessoas nervosas e agressivas	
Pessoas portadoras de HIV/Aids	
Portadores de deficiência física	
Portadores de deficiência mental	
Prostitutos e prostitutas	
Usuários de drogas fortes	
Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas	
<b>Não faz diferença, não tenho preferência pessoal</b>	
<b>Não sei, não pensei sobre isso</b>	

**2. Pessoas com as quais você NÃO gostaria de encontrar na escola, por uma questão pessoal (marque até 4 por ordem, numerando):**

<b>Tipos de pessoas</b>	<b>Ordem de prioridade</b>
Católicos e católicas	
Evangélicos e evangélicas	
Ex-presidiários, ou menores cumprindo determinação judicial	
Gente que não acredita em Deus	
Lésbicas, gays, travestis e transexuais	
Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas	
Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda	
Pessoas envolvidas com furtos e roubos	
Pessoas negras	
Pessoas nervosas e agressivas	
Pessoas portadoras de HIV/Aids	
Portadores de deficiência física	
Portadores de deficiência mental	
Prostitutos e prostitutas	
Usuários de drogas fortes	
Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas	
<b>Não faz diferença, não tenho preferência pessoal</b>	
<b>Não sei, não pensei sobre isso</b>	

<b>3. O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: (marque um "x")</b>	<b>Repulsa ou ódio</b>	<b>Antipatia</b>	<b>Indiferença</b>	<b>Satisfação ou alegria</b>	<b>Não sei/ Outras coisas</b>
Católicos e católicas					
Evangélicos e evangélicas					
Menores cumprindo determinação judicial					
Gente que não acredita em Deus					
Lésbicas, gays, travestis e transexuais					
Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas					
Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda					
Pessoas envolvidas com furtos e roubos					
Pessoas negras					
Pessoas nervosas e agressivas					
Pessoas portadoras de HIV/Aids					
Portadores de deficiência física					
Portadores de deficiência mental					
Prostitutos e prostitutas					
Usuários de drogas fortes					
Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas					

	Não existe de forma alguma preconceito.	Sim, e existe muito preconceito.	Sim, existe um pouco de preconceito.	Sim existe, mas não sei o quanto.
<b>4. Na sua escola existe preconceito em relação aos gays, lésbicas, bi, travestis e transexuais? (marque um "x")</b>				

<b>5. Você concorda ou discorda com referência a essas afirmações: (marque um "x")</b>	Concordo	Discordo	Não sei / Não quero responder
Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos.			
A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus.			
A pessoa bissexual, que fica com homens e mulheres, é porque não sabe o que quer de fato.			
Os casais gays e de lésbicas não deveriam adotar filhos.			
Os gays geralmente são mais promíscuos, ou seja, ficam com muitos parceiros sexuais.			
A homossexualidade é uma doença e pode ser tratada por médicos e psicólogos.			
Ser gay, lésbica, travesti ou transexual é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus.			
Gay é coisa de safadeza, de falta de vergonha.			
A garota que é lésbica, é porque não encontrou um homem de verdade.			
Os gays são os principais culpados pela AIDS estar sendo espalhada ao redor do mundo.			
É estranho ver um professor gay ensinando religião na escola.			

<b>6. Em qual desses espaços da escola você acredita que existe maior discriminação aos LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), você pode marcar até 3 opções:</b>	
Na biblioteca	
Nas aulas de Ciências/Biologia	
Nas aulas de Educação Física	
Nas aulas de Ensino Religioso	
Nas aulas de Português	
Em aulas de outras disciplinas	
No uso dos banheiros	
No pátio e dependências externas da escola	
<b>Em nenhum espaço da escola, pois não existe discriminação aqui</b>	



<b>7. Se você pudesse escolher o/a professor/a de Ensino Religioso de sua escola, você escolheria:</b>	
Quanto ao gênero:	<input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Não faz diferença
Quanto ao tronco religioso dele/a:	<input type="checkbox"/> Cristianismo <input type="checkbox"/> Judaísmo <input type="checkbox"/> Islamismo <input type="checkbox"/> Budista <input type="checkbox"/> de Matriz Africana <input type="checkbox"/> Não faz diferença
Quanto a especificidade da religião dele/a:	<input type="checkbox"/> Evangélica <input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Umbanda/Candomblé <input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Não faz diferença
Quanto a Orientação sexual e Identidade de Gênero:	<input type="checkbox"/> Gay/Lésbica <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Travesti/transsexual <input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Não faz diferença

<b>8. Se você pudesse escolher o/a professor/a de Ensino Religioso da sua escola, você <u>NÃO</u> escolheria, por apenas uma questão pessoal:</b>
<input type="checkbox"/> Um Pastor evangélico, solteiro, negro naturalizado brasileiro;
<input type="checkbox"/> Um padre idoso, branco com atuação na Paróquia local;
<input type="checkbox"/> Um gay, afeminado, que expressa ser judeu;
<input type="checkbox"/> Uma lésbica umbandista que vive um caso com a prima;
<input type="checkbox"/> Uma travesti, do candomblé e recém formada.
<input type="checkbox"/> Não sei / Qualquer um, não faria diferença
*Todos com formação acadêmica necessária para ministrar a disciplina

<b>9. Marque sua resposta às perguntas formuladas abaixo; de acordo com sua observação pessoal deste último ano na sua escola, ou o último ano que você esteve na escola:</b>	
Sua escola comemorou e discutiu o dia 17 de maio (Dia Internacional, Nacional e Estadual contra a Homofobia)?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Sua escola sempre oferece ou ofereceu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate a homofobia?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Nas aulas de Ciências/Biologia se discute a questão da diversidade sexual?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Nas aulas de Educação Física, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?	<input type="checkbox"/> São constrangidos <input type="checkbox"/> Não são constrangidos
Nas aulas de Ensino Religioso, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?	<input type="checkbox"/> São constrangidos <input type="checkbox"/> Não são constrangidos

<b>10. Marque sua resposta as perguntas formuladas abaixo; de acordo com sua opinião pessoal:</b>	
Você já presenciou, viu, ou ouvia comentar algum ato ou forma de preconceito, chacota ou violência contra gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual que tenha ocorrida na sua escola?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
As escolas estão preparadas para receber e acompanhar as alunas e alunos: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Os professores recebem formação acadêmica inicial e continuada para pautar o debate da diversidade sexual na escola?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Você é a favor do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Tenho dúvidas
Nas aulas de Ensino Religioso se discute a questão da diversidade sexual?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Tenho dúvidas
Os livros adotados por sua escola, trazem a temática da diversidade sexual? Falam sobre casamento de pessoas do mesmo sexo? Discutem as violências cometidas contra esse grupo de pessoas?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Em sua escola tem alunos, alunas lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Tenho dúvidas

<b>11. Nas aulas de Ensino Religioso, a homossexualidade é/era pautada de que forma? (pode marcar quantos forem necessários)</b>
<input type="checkbox"/> A homossexualidade era simplesmente ignorada, não se falava/fala nesse assunto
<input type="checkbox"/> Era/é considerada doença, com possibilidade de tratamento
<input type="checkbox"/> Estudada como normalidade, apenas não comum; e mostrado como as diversas religiões a vê. Algumas rejeitam, outras ignoram, outras aceitam...
<input type="checkbox"/> Discutida apenas considerando a interpretação tradicional da Bíblia
<input type="checkbox"/> Discutida sobre amplos aspectos e utilizando diversos livros sagrados das diversas religiões mundiais

## APÊNDICE D - Questionário Aplicado ao Público Assumidamente LGBT



FTU – Faculdade Unida de Vitória

Mestrado em Ciências das Religiões  
LP – Religião e Esfera Pública

*Orientador Acadêmico: Dr. Júlio Zabatiero*  
*Pesquisador: J. Christovam de Mendonça Filho*

PERFIL DE PESQUISADO SEM CARACTERIZAÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL – Q1	
<b>Tipo de Pesquisado:</b>	<input type="checkbox"/> Aluno <input type="checkbox"/> Professor <input type="checkbox"/> Gestor/Pedagogo/Coordenador <input type="checkbox"/> Funcionário de Escola
<b>Tipo de Escola:</b>	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Particular
<b>Tipo de Rede Pública:</b>	<input type="checkbox"/> Estadual <input type="checkbox"/> Municipal
<b>Gênero:</b>	<input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Homem Trans <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Mulher Trans <input type="checkbox"/> Andrôgeno <input type="checkbox"/> Transgênero
<b>Orientação Sexual:</b>	<input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Heterossexual
<b>Identidade de Gênero:</b>	<input type="checkbox"/> Travesti <input type="checkbox"/> Transexual <input type="checkbox"/> Intersexual <input type="checkbox"/> Outra Identidade
<b>Formação Acadêmica:</b>	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Graduação <input type="checkbox"/> Pós-graduação    *Marque se estiver cursando ou completo
<b>Faixa Etária</b>	<input type="checkbox"/> 14 a 15 anos <input type="checkbox"/> 16 a 19 anos <input type="checkbox"/> 20 a 25 anos <input type="checkbox"/> maior que 26
<b>Religião Pessoal</b>	<input type="checkbox"/> Católico <input type="checkbox"/> Protestante <input type="checkbox"/> Umbandista/Candomblecista <input type="checkbox"/> Evangélico <input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Não sigo religião <input type="checkbox"/> Outras Religiões

1. Pessoas com as quais você NÃO gostaria de se relacionar como amigo e amiga na escola, por uma questão pessoal (marque numerando até 4 por ordem):	
Tipos de pessoas	Ordem de prioridade
Católicos e católicas	
Evangélicos e evangélicas	
Ex-presidiários, ou menores cumprindo determinação judicial	
Gente que não acredita em Deus	
Lésbicas, gays, travestis e transexuais	
Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas	
Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda	
Pessoas envolvidas com furtos e roubos	
Pessoas negras	
Pessoas nervosas e agressivas	
Pessoas portadoras de HIV/Aids	
Portadores de deficiência física	
Portadores de deficiência mental	
Prostitutos e prostitutas	
Usuários de drogas fortes	
Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas	
<b>Não faz diferença, não tenho preferência pessoal</b>	
<b>Não sei, não pensei sobre isso</b>	

**2. Pessoas com as quais você NÃO gostaria de encontrar na escola, por uma questão pessoal (marque até 4 por ordem, numerando):**

<b>Tipos de pessoas</b>	<b>Ordem de prioridade</b>
Católicos e católicas	
Evangélicos e evangélicas	
Ex-presidiários, ou menores cumprindo determinação judicial	
Gente que não acredita em Deus	
Lésbicas, gays, travestis e transexuais	
Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas	
Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda	
Pessoas envolvidas com furtos e roubos	
Pessoas negras	
Pessoas nervosas e agressivas	
Pessoas portadoras de HIV/Aids	
Portadores de deficiência física	
Portadores de deficiência mental	
Prostitutos e prostitutas	
Usuários de drogas fortes	
Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas	
<b>Não faz diferença, não tenho preferência pessoal</b>	
<b>Não sei, não pensei sobre isso</b>	

<b>3. O que você sente quando se encontra no banheiro, na biblioteca ou no corredor com: (marque um "x")</b>	<b>Repulsa ou ódio</b>	<b>Antipatia</b>	<b>Indiferença</b>	<b>Satisfação ou alegria</b>	<b>Não sei/ Outras coisas</b>
Católicos e católicas					
Evangélicos e evangélicas					
Menores cumprindo determinação judicial					
Gente que não acredita em Deus					
Lésbicas, gays, travestis e transexuais					
Pessoas com perfil de fofoqueiras e falsas					
Pessoas do Espiritismo, Candomblé ou Umbanda					
Pessoas envolvidas com furtos e roubos					
Pessoas negras					
Pessoas nervosas e agressivas					
Pessoas portadoras de HIV/Aids					
Portadores de deficiência física					
Portadores de deficiência mental					
Prostitutos e prostitutas					
Usuários de drogas fortes					
Viciados em cigarros e bebidas alcoólicas					

	Não existe de forma alguma preconceito.	Sim, e existe muito preconceito.	Sim, existe um pouco de preconceito.	Sim existe, mas não sei o quanto.
<b>4. Na sua escola existe preconceito em relação aos gays, lésbicas, bi, travestis e transexuais?</b> (marque um "x")				

<b>5. Você concorda ou discorda com referência a essas afirmações: (marque um "x")</b>	Concordo	Discordo	Não sei / Não quero responder
Deus fez o homem e a mulher heterossexuais para cumprirem seus papéis e terem filhos.			
A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus.			
A pessoa bissexual, que fica com homens e mulheres, é porque não sabe o que quer de fato.			
Os casais gays e de lésbicas não deveriam adotar filhos.			
Os gays geralmente são mais promíscuos, ou seja, ficam com muitos parceiros sexuais.			
A homossexualidade é uma doença e pode ser tratada por médicos e psicólogos.			
Ser gay, lésbica, travesti ou transexual é um problema espiritual, podendo ser resolvido por Deus.			
Gay é coisa de safadeza, de falta de vergonha.			
A garota que é lésbica, é porque não encontrou um homem de verdade.			
Os gays são os principais culpados pela AIDS estar sendo espalhada ao redor do mundo.			
É estranho ver um professor gay ensinando religião na escola.			

<b>6. Em qual desses espaços da escola você acredita que existe maior discriminação aos LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), você pode marcar até 3 opções:</b>	
Na biblioteca	
Nas aulas de Ciências/Biologia	
Nas aulas de Educação Física	
Nas aulas de Ensino Religioso	
Nas aulas de Português	
Em aulas de outras disciplinas	
No uso dos banheiros	
No pátio e dependências externas da escola	
<b>Em nenhum espaço da escola, pois não existe discriminação aqui</b>	

<b>7. Se você pudesse escolher o/a professor/a de Ensino Religioso de sua escola, você escolheria:</b>	
Quanto ao gênero:	<input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Não faz diferença
Quanto ao tronco religioso dele/a:	<input type="checkbox"/> Cristianismo <input type="checkbox"/> Judaísmo <input type="checkbox"/> Islamismo <input type="checkbox"/> Budista <input type="checkbox"/> de Matriz Africana <input type="checkbox"/> Não faz diferença
Quanto a especificidade da religião dele/a:	<input type="checkbox"/> Evangélica <input type="checkbox"/> Católica <input type="checkbox"/> Umbanda/Candomblé <input type="checkbox"/> Ateu <input type="checkbox"/> Não faz diferença
Quanto a Orientação sexual e Identidade de Gênero:	<input type="checkbox"/> Gay/Lésbica <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Travesti/transsexual <input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Não faz diferença

<b>8. Se você pudesse escolher o/a professor/a de Ensino Religioso da sua escola, você <u>NÃO</u> escolheria, por apenas uma questão pessoal:</b>
<input type="checkbox"/> Um Pastor evangélico, solteiro, negro naturalizado brasileiro;
<input type="checkbox"/> Um padre idoso, branco com atuação na Paróquia local;
<input type="checkbox"/> Um gay, afeminado, que expressa ser judeu;
<input type="checkbox"/> Uma lésbica umbandista que vive um caso com a prima;
<input type="checkbox"/> Uma travesti, do candomblé e recém formada.
<input type="checkbox"/> Não sei / Qualquer um, não faria diferença
*Todos com formação acadêmica necessária para ministrar a disciplina

<b>9. Marque sua resposta às perguntas formuladas abaixo; de acordo com sua observação pessoal deste último ano na sua escola, ou o último ano que você esteve na escola:</b>	
Sua escola comemorou e discutiu o dia 17 de maio (Dia Internacional, Nacional e Estadual contra a Homofobia)?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Sua escola sempre oferece ou ofereceu debates, palestras e atividades específicas sobre a promoção da diversidade sexual e o combate a homofobia?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Nas aulas de Ciências/Biologia se discute a questão da diversidade sexual?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Nas aulas de Educação Física, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?	<input type="checkbox"/> São constrangidos <input type="checkbox"/> Não são constrangidos
Nas aulas de Ensino Religioso, os LGBT são constrangidos? Ou eles sempre ficam à vontade como os demais alunos?	<input type="checkbox"/> São constrangidos <input type="checkbox"/> Não são constrangidos

<b>10. Marque sua resposta as perguntas formuladas abaixo; de acordo com sua opinião pessoal:</b>	
Você já presenciou, viu, ou ouvia comentar algum ato ou forma de preconceito, chacota ou violência contra gay, lésbica, bissexual, travesti ou transexual que tenha ocorrida na sua escola?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
As escolas estão preparadas para receber e acompanhar as alunas e alunos: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Os professores recebem formação acadêmica inicial e continuada para pautar o debate da diversidade sexual na escola?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Você é a favor do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Tenho dúvidas
Nas aulas de Ensino Religioso se discute a questão da diversidade sexual?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Tenho dúvidas
Os livros adotados por sua escola, trazem a temática da diversidade sexual? Falam sobre casamento de pessoas do mesmo sexo? Discutem as violências cometidas contra esse grupo de pessoas?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Isso não é necessário
Em sua escola tem alunos, alunas lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Tenho dúvidas

<b>11. Nas aulas de Ensino Religioso, a homossexualidade é/era pautada de que forma? (pode marcar quantos forem necessários)</b>
<input type="checkbox"/> A homossexualidade era simplesmente ignorada, não se falava/fala nesse assunto
<input type="checkbox"/> Era/é considerada doença, com possibilidade de tratamento
<input type="checkbox"/> Estudada como normalidade, apenas não comum; e mostrado como as diversas religiões a vê. Algumas rejeitam, outras ignoram, outras aceitam...
<input type="checkbox"/> Discutida apenas considerando a interpretação tradicional da Bíblia
<input type="checkbox"/> Discutida sobre amplos aspectos e utilizando diversos livros sagrados das diversas religiões mundiais
<input type="checkbox"/> Discutido sempre com deboche, desrespeito e como comportamento não compatível com a religião

	Sinto-me muito à vontade	Sinto orgulho	Sinto um pouco de vergonha	Às vezes me sinto deslocado
<b>12. Como você se sente na escola, em relação a sua identidade sexual:</b> (marque um "x" na resposta)				

<b>13. Você assumiu sua sexualidade inicialmente para quem?</b>
<input type="checkbox"/> Mãe/pai
<input type="checkbox"/> Irmão/imã
<input type="checkbox"/> Outros familiares (tios, primos, avós...)
<input type="checkbox"/> Profissionais de saúde
<input type="checkbox"/> Colegas de escola em geral
<input type="checkbox"/> Amigos e amigas gays e lésbicas
<input type="checkbox"/> Amigos ou amigas muito íntimos/as
<input type="checkbox"/> Professores e professoras
<input type="checkbox"/> Vizinhos

	Nunca	Poucas vezes	De vez em quando	Sempre
<b>14. Já se sentiu discriminado/a na escola por causa de sua orientação sexual?</b> (marque um "x" na resposta)				

<b>15. Se Já foi discriminado/a na escola em função de sua orientação sexual, informe por quem:</b> (pode marcar quantos forem necessários)
<input type="checkbox"/> Gestores (Diretor, Coordenadores, Pedagogos)
<input type="checkbox"/> Alunos de outras turmas
<input type="checkbox"/> Colegas da minha própria sala de aula
<input type="checkbox"/> Professores de outras turmas
<input type="checkbox"/> Professores da minha turma
<input type="checkbox"/> Outros funcionários da escola
<input type="checkbox"/> Pessoas que viam à escola: vendedores, palestrantes...
<input type="checkbox"/> Pais e mães de outros alunos



## APÊNDICE E - Planilha Qualitativa Aplicada as Escolas



### FTU – Faculdade Unida de Vitória Mestrado em Ciências das Religiões LP – Religião e Esfera Pública

*Orientador Acadêmico: Dr. Júlio Zabatiero*  
*Pesquisador: J. Christovam de Mendonça Filho*

#### OBSERVAÇÕES QUALITATIVAS DA UNIDADE ESCOLAR PESQUISADA

CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR PESQUISADA	
<b>Tipo de Escola e Rede:</b>	( ) Pública Municipal ( ) Pública Estadual
<b>Modalidade de Ensino:</b>	( ) Educ. Infantil ( ) E.F. ( ) E.M.
<b>Localização da Escola:</b>	( ) Zona Urbana ( ) Zona Rural
<b>Tipologia da Escola:</b>	( ) Pequeno Porte – até 500 alunos ( ) Médio Porte – até 1000 alunos ( ) Grande Porte - acima de 1000 alunos
<b>Elementos Presentes na Unidade Escolar:</b>	( ) Quadra Esportiva ( ) Biblioteca ( ) Pátios ( ) Jardins ( ) Refeitório ( ) Auditório ( ) Sala de Vídeo

ASPECTOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA NA UNIDADE ESCOLAR	
<b>Tipo de banheiro e uso em relação as/os trans:</b>	( ) Masculino e Feminino ( ) Unissex ( ) Coletivos ( ) Individuais Obs.:
<b>A escola possui alunos/as LGBT?</b>	( ) Sim ( ) Não ( ) Talvez ( ) Já teve
<b>Existe alguma coisa na escola que se refere à Diversidade Sexual?</b>	( ) Sim ( ) Não O que?
<b>Algum elemento religioso na escola?</b>	( ) Sim ( ) Não O que?
<b>Existe bibliografia específica de DS, na biblioteca?</b>	( ) Sim ( ) Não ( ) Pouquíssimas

#### Depoimentos de discentes e/ou docentes da escola:

( ) Alun@\_\_\_\_ ( ) Profess@r\_\_\_\_ ( ) Gest@r\_\_\_\_ ( ) Funcionári@\_\_\_\_

---



---



---



---



---



---

